



CANTOS D'AURORA

VERSOS

DE

Rozendo Moniz Barretto

Natural da Bahia



RIO DE JANEIRO

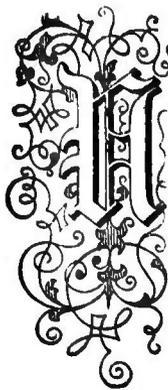
A VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

68, Rua do Ouvidor, 68

—
1868

P R E F A C I O



Nunca imaginei que os meus versos sahissem do prélo em papel assetinado e com lètras de phantasia para fazer tambem uma continencia ao inesperado e prodigioso feito da passagem de Humaytá!

Agradeço á demora á que obrigou-os a typographia, talvez inspirada pela idéa de que só uma grande victoria, alcançada pelas armas brazileiras contra o tyranno do Paraguay, poderia convidar os amantes da poesia á leitura do meu desprencioso livro.

Como brazileiro saudei do intimo do coração esse triumpho que ha de echoar maravilhas aos ouvidos da Europa ;

como ver-sejador bemdigo agora o feliz acaso que veio regosijar o povo para eu merecer mais leitores.

Não quero dizer com isto que redundará em maior lucro pecuniario para mim esse enthusiasmo que levantou muitos animos abatidos pela gymnastica do cambio. Não. Estimarei muito que os olhos prêtos, castanhos e azues das bellezas fluminenses e das bahianas formosuras, corram folha por folha o meu livro, ainda que, sôfregôs por alguma d'essas ethereas e divinas inspirações de Gonçalves Dias, de Alvares de Azevêdo, de Laurindo, de Agrariô de Menezes, de Junqueira Freire, de Çazimiro de Abreu, de Franco de Sá, cheguem ao fim da obra dizendo: — Nada encontrámos que mereça os nossos applausos! —

Ainda assim ficar-lhes-hei muito grato, porque esses olhos, angelicos espelhos do sublime, irremissivelmente deixarão alguma luz nas folhas toscas, em que minha pobre alma foi escrever estrophes de amor, de patriotismo, de amizade e religião, quando uma força irresistivel ordenou-lhe que fizesse do coração uma lyra para consagral-a ás maravilhas do céu e aos jubilos e tristezas da terra.

E cantei! e sorri! e soluçei! Mas os meus cantos, os meus sorrisos e os meus soluços, embora não digam o merecimento das scenas que os motivaram, não devem procurar no mundo uma recompensa material, porque não ha moeda que os pague; porque brotaram do sentimento, para o qual ainda não houve balança.

Serei suberbo em dizel-o? Não. Sou muito sincero reconhecendo que o ultimo vintem do usurario é de mais para o valor de sensações puras, cadenciadas no papel que aparou-me d'ellas muita vez duas lagrimas.

Não antevejo o capitolio; não procuro grinaldas; não tenho direito aos louros da posteridade sobre a minha campa; mas também não desejo que um d'esses espiritos, eivados do orgulho da mentira e da agiotagem, empreguem-se por alguns instantes na analyse de um pensamento que não especula, que não mascâra as realidades e que tem consciencia da sua fraqueza.

Si por acaso alguém, autorizado á critica, deparando com o meu livro em alguma estante, entregar-se á descoberta de erros, saiba aqui desde já que eu, sendo o menos competente para julgar-me, nem por isso deixo de reconhecer que estou em verso muito aquem do ponto attingido por certos prosadores hodiernos, que justificando a asseveração de Eugène Pelletan, vão cada vez mais desthronando os sectarios de Homero.

E não pensem que vae n'isto uma ironia.

Quem lê uma pagina de Alexandre Herculano sente que se lhe mitiga a sede de poesia e de enlevos, embora muitas vezes lhe caia dos olhos uma bem estimavel porção de agua e esteja longe dos possuidores da Castallia. Não pôde affirmar que desconhece o maravilhoso do poema quem já teve a dita de ver o *Eurico*.

Pensando por este modo, peço ao mesmo tempo licença aos soberanos da poesia sem rima e sem rythmo, para dizer-lhes que consintam na republica das lêttras as manifestações da prosa rimada e medida, ao menos até a era em que tragam fastio e ignorancia as epopeias do Dante e de Camões, as tragedias de Shakspear e de Racine, os poemas de Byron e de Goethe, os idyllios de Anacreonte e de Gessner, as satyras de Molière e de Boileau, as canções de Beranger e de Schiller os madrigaes de

Pindaro e de Theócrito, as methamorphoses de Ovidio e ás odes de Horacio, os sonêtos de Petrarcha e de Bocage, os epigrammas d'este e de Nicolau Tolentino.

Conscio de que serei attendido, animei-me a apresentar um documento inequivoco do interesse que me infundem os privilegiados e dilectos da gloria, que por certos felizes e grandes são qualificados de bastardos da vida.

Confesso que medindo a minha pequenez pela magnitude infinita d'esses prodigios humanizados, cujos nomes acabei de citar, nutro immenso prazer em pensar que sou tambem um bastardinho.

Resigno-me com a minha sorte. Cahi de muito bôa vontade no meio dos que se votam á sublimidade da creação, quando ella patentêa os seus mais lindos matizes nas suas mais simples e encantadoras manifestações.

E querem saber os curiosos comò foi que eu entrei n'esse gremio de esquecidos dos hypocritas e parvos, que são pelos hypocritas e parvos lembrados só com os epithetos de loucos e ascetas? Querem saber o que me inspirou a primeira poesia?

Pois não hão de saber, porque eu mesmo não sei.

Sei que muitas vezes, quando a aurora vinha rasgando as nuvens que cobriam de negro os cumes dos montes da minha idolatrada terra, da minha incomparavel Bahia, eu levantava-me do leito, ainda commovido pelas vicissitudes da noute, para desferir uma supplica ao Infinito, um hymno ao dia que despontava, com a luz d'Elle, uma apostrophe ás dôres que morriam com o despontar do dia, um cantico á Patria que mais linda e querida se me presentava, quanto mais reluziam-lhe no seio todas as magnificencias da natureza.

Sim, ao romper d'aurora eu era mais feliz! Sem ser o passarinho que, quando o sol se levanta, mistura os seus trinos com o ramalhar dos bosques e com os círios da briza, e quando o astro se deita, encolhe as azas, emmudece, com receio das azas da noute e para não turbar o somno dos vivos na hora em que parece que fallam os mortos, pois bem, escutando a alegria dos volateis cantores, eu cantava com mais alegria!

Eis a razão pela qual intitulei o meu livro — *Cantos d'aurora*.

Nem todos gostarão do titulo, por falta de pompa ou de originalidade. Sentindo que não agrade a todos e indispuesto contra os titulos pomposos, reconheço que o leltreiro dos meus versos mui bem se coadúna com as occasiões em que foram elles escriptos.

Pondo remate a este aviso, tenho a franqueza ou franqueza de dizer que não sei á que eschola pertenco. Sei que não fiz uso da mythologia, porque a natureza do meu paiz e os feitos reaes dos predestinados bastavam para os melhores similes e contrastes; sei que não me servi de phrases e termos bombasticos, nem subi gallardamente para tocar a metaphysica moderna; sei que fiz o emprego das minusculas, attendendo, antes de qualquer outra razão, ás regras orthographicas.

Si pequei para muita gente, desde já bato nos peitos dizendo: *Mea culpa, mea maxima culpa!*

Suzenda Maniz.

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1868.

DEDICATORIA

A MEU PAE E VERDADEIRO AMIGO

O SENHOR

FRANCISCO MONIZ BARRETTO



is o fructo , meu pae , de tantos dias
perdidos em scismar , em ṽão perdidos !
Ser poeta que val , n'um labyrintho
d'egoisticas paixões , d'idéas torvas ?
Almas que só commovem-se aos impulsos
da tentação malefica do ouro ;
que o bello só conhecem nos lampejos

do adorado metal; que n'elle encontram
mordanças para as bôccas miseraveis,
abertas ná deshonra e á fome abertas;
almas, assim tão vis, jamais toleram
que o fogo da poesia incomparavel
nos generosos craneos se alimente.

Foi-se, foi-se a polé dos Malagridas;
porém ficou a inquisição tremenda
dos hodiernos Lucullos para as lyras
que a violencia dos despotas exprobram,
que da orphandade as lagrimas lamentam,
que ao soluçar d'inválidos soluçam,
quando geme no leito a pobre virgem
que affectos impollutos não vendêra
aos desejos satanicos do avaro;
quando o talento alquebra-se e succumbe,
porque todas as portas da opulencia
se fêcham de canção ao que implorava
tinta, para escrever em pró da terra,
em que nasceu pedindo! quando o povo
de tormentosas crizes se lastima,
por governos estupidos trazidas;
quando a patria, obrigada a sacrificios
por desmandos de filhos que a desprezam,
nos creditos de extraneos se amesquinha!
N'esta era de Cains, em que só lavra
a peste das malevolas cubiças,
ser poeta é ser louco, é ser um martyr!

E eu tentei ser a victima do erro!
È tarde, bem o sei; mas, não me queixo
das horas que passei, vibrando a lyra.
Arreponder-me devo? Não. Qu'importa
que mercenarias almas escarneçam
das folhas d'este livro, se inda eu tenho
almas do Ceu que os versos meus entendem?
Bem sei, fiz mal em dedilhar nas cordas
que aos ouvidos dos improbos destôam!
Mas, quantos mais do que eu, quantos, mais fortes,
da mesma sorte ingrata não provaram?
Quantos de Deus a inspiração houveram,
para morrer na terra fria e muda
dos tenebrosos cárceres da inveja?
Basta invocar a historia, ella não mente.

Homero, que na voz da tuba immensa
à velha Grecia o pão do esp'rito dava,
depois que p'ra o labor faltou-lhe a vista,
finou-se a mendigar o pão do corpo!
Dante, que um sol no cerebro continha
para attrahir em magicos prenuncios,
com mais ardor que as lavas do Vesuvio,
pasmadas multidões ao sol da Italia;
que estimulos achou? Da Italia ingrata
destêrro mereceu! O Tasso immenso,
que inoffensivos carmes desferira
aos pés do amor, apaixonado e humilde;

por não quebrar as cordas d'harpa ousada,
no ergástulo cruel penou cantando !
Gilbert, outr'ora um nada, hõje uma gloria ,
expulso foi do social banquête
para á fome expiar de genio o crime !
O brando Chénier , prêso e algemado ,
quando se enchia o coração da França
do sangue dos inermes , para um dia
da liberdade a luz tirar do sangue
e o mundo esclarecer , o André sublime
na guilhotina atroz findou seus threnos ,
— n'aquelle mesmo solo em que ora exhibem
as mais cultas nações seus dons mais caros !
Camões, Bocage, Chatterton e Milton
ludibrio tambem fõram da riqueza
que intitula-se grande e veste arminhos ;
que as migalhas da meza só dispensa
aos que no chão se arrastam , vis escravos ,
para beijar-lhe os europeis manchados ;
que vende a carne humana a pêso d'ouro ,
sem ver que menospreza a propria carne ;
que rebaixar-se julga , quando estende
a dextra ao pobre que , nas mãos sem luva ,
não tem , para esconder á sociedade ,
do roubo as garras , do assassinio as nodoas.

Aqui, n'este paiz ondê natura
tanto s'esmera em derramar primores

dos seus seios uberrimos tão doces;
n'este ameno torrão onde a poesia
da tarde ao seio a trescalar fragrancias
convida um peito, a desfazer-sé em hymnos;
aqui, na patria minha, onde tão livre
o alligero cantor, a todo instante,
com seu gorgeio o bosque e o prado anima;
n'esta invejada terra, oh! desventura!
Dirceu e Alvarenga acerba magoa
nos sublimados estros amargaram,
quando um genio despotico, iracundo,
tentou quebrar seus cálamos no exilio!

E vós, meu pae, que em lucidos repentes
tantas provas de amor ao berço heis dado,
que premios tendes visto? Só desgostos!
Ao menos consolae-vos, lendo a historia
dos grandes pensadores; consolae-vos
n'esse tão vero espelho de amarguras,
que a cortina dos seculos embalde
busca occultar ás gerações presentes.
Vergonha, maldição ao que recúa,
n'esse curso tão nobre, tão seguido
por novos Briareus do pensamento,
— só por não incorrer nos desagradados
das estatuas de carne, que desdenham
de tudo que é sentir, que tende á gloria!

Perante os infortunios, pae querido,
eis como vós pensaes, eis como eu penso.

Vós que fostes o estímulo primeiro
dos passos meus na senda do futuro ;
vós que as notas jamais desanimastes
do plectro juvenil ; meu pae, meu mestre ,
acceitae os meus versos , que bem digno
sois d'essa offrenda que brotou-me d'alma !

Si perguntaes porque , só vendo penas
na lyra que vos trouxe cans precoces ,
eu procurei dos anjos a linguagem
aprender , p'ra fallar a Deus e aos anjos
respondo-vos assim :—Um santo exemplo
via em todas as obras que eram vossas ;
desejava imitar-vos , quando o vôo
tomaveis altaneiro ! Ora conheço
que uma loucura foi tamanho arrojo !
Não foi só minha a culpa ; o mais culpado
foi um doce poder que em tudo pode.
Sentia o amor no peito arder-me em chammas ,
eu tinha um coração, cantei sentindo.—

Pouco m'importa agora que os verdugos
das lêttas e das artes mal recêbam
as folhas que são filhas da minh'alma ,
e que vão correr mundo sem padrinhos.

Basta que alguns apóstolos do bello,
verdadeiros juizes da verdade,
reconhêçam que eu fiz quanto em mim coube
para applaudir o que não cabe em muitos.

Vossa benção , meu pae , á lyra minha
que , apezar de pequena, é sempre filha
d'harpa ancian que me embalou no berço.

ENSAIOS

Sonho.

oi hontem, inda me lembro
com saudades do meu sonho;
foi o quadro mais risonho,
que n'um sonho me prendeu;
foi quando a mente abrazada
no teu rosto s'embebia;
foi o anjo da poesia,
que em sonhos me appareceu !

Do Tasso, prêso e distante,
por Leonora suspirando,
de Petrarca s'endeusando
na sua Laura a sorrir,
de Oswald em extasi ouvindo
Corina em santo martyrio,
não foi mais doce o delirio,
foi mais doce o meu dormir.

Foi nas azas da esperança,
que ao ceu me exaltei, sedento,
quando em fogo o pensamento
a um ceu de amores subiu!
Foi contemplando o teu riso
que o filtro bebi, tentado;
foi quando estava ao teu lado;
foi quando o anjo sorriu!

Eras, meu anjo de luto,
rainha, deusa, entre os numes!
Dos anjos tive ciumes,
quando entre os anjos te vi!
Chamei-te, estendendo os braços,
para os meus braços voaste;
o teu Saúl abrandaste;
ciumes, tudo esqueci!

Como pintar n'esse instante ,
em mudo fallar de amores ,
as caricias e os favores
dos ternos olhares teus?!
Via em tu'alma o thesouro
que tantas almas sublima ;
dos anjos eu éra á cima ,
á cima de mim só Deus !

Só Deus , origem eterna
do mais fervoroso affecto ;
só Deus , unico architecto
nos planos da Creação ;
só Deus , que os homens são pouco ;
não há força , que me vença ,
eu tendo por sceptro a crença ,
por throno o teu coração.

Sim ; fui mais que os reis da terra ,
quando , em candido receio
sentindo offegar-te o seio ,
á teus pés me ajoelhei ;
enlevado , ebrio d'encantos .
tremendo , pedi-te um beijo ,
mas , quando o casto desejo
ia a matar.... acordei !

Em vez de poesia , inercia
deu-me a tristeza de um ermo ;
o silencio achei por termo
d'aquelle ardente sonhar !
Ah ! quem me déra dormindo
n'este abysmo tão medonho ,
ver-te sempre , anjo , n'um sonho ,
do sonho não despertar !

Mas tudo podem teus labios :
erguer-me aos gozos do mundo ,
d'este lethargo profundo ,
que tantos males prediz :
dar-me em teus braços a vida ;
n'um beijo a felicidade ;
faze o meu sonho verdade ;
faze o teu bardo feliz !

Bahia, Fevereiro de 1834.

Decide-te!

Meu amor, minha vida, eu soffro tanto!
O fogo dos teus olhos me fascina,
O languor de teus olhos me enlanguece;
Cada suspiro que te abala o seio,
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma.

ALVARES DE AZEVEDO.



Queres ainda mais provas
d'este amor, que te votei?
Porque o supplicio renovas
dos prantos, que hontem chorei?
Serão tropheus esses prantos,
para augmentar-te os encantos
do rosto, formosa Esther?!
Tantas lagrimas, vertidas
em tantas noites perdidas,
inda achas pouco, mulher?!
2

Não podes medir o alcance
de tão imprevisto mal;
deixa que o peito descance;
não craves mais o punhal!
Já conhecestes a fraqueza
da minh'alma; e que nobreza!
matar-me na escravidão!
Uma victima preferes;
és como as outras mulheres,
não ouves o coração!

Si os teus ouvidos não sentem
palavras do meu sentir,
os meus suspiros não mentem,
não sabe o peito mentir.
Pergunta ao sol, si eu te amo,
quando saudoso te chamo,
ao despedir-se do sol;
pergunta á noite, á tristeza
com que chora a natureza
da tarde pelo arrebol.

Si aos céus teus olhos elevas,
vejo dous astros brilhar;
longe de ti vivo em trevas,
porque não posso te olhar.

Das flôres buscando o seio,
beijo, em doce devaneio,
o teu retrato na flor ;
mas, si vejo a face tua,
do céu d'est'alma és a lua,
que rompe as nuvens do amor.

Martyrio de tantos annos
me persegue e me seduz ;
para salvar-me d'enganos
só tinha os braços da Cruz !
Hôje, a teu lado um momento,
vôa ao céu meu pensamento
na prece, que sóbe a Deus ;
por ti o infinito abranjo.
vejo em ti da guarda o anjo,
vejo a cruz nos braços teus.

Sim ; que do infortunio á scisma
quando prende-se o christão,
o amor d'um anjo é a chrisma
que recebe o coração.
Dâ mulher medindo a esphera,
o homem se regenera
no livro augusto, que lê ;
à luz que rompe o mysterio,
poeta, vibra o psalterio,
ama, aspira, vive e crê !

É assim que me arrebatas,
mytho, que foges de mim!
Quando te sigo, me matas,
oh! não me fujas assim!
Não consintas que na luta
de amor, eu beba a cicuta,
como Socrates bebeu!
Tens nas mãos a minha sorte;
do Werther não quero a morte;
falla, Carlota sou eu!

Quem sou eu no mundo? Nada;
bem pobre e humilde nasci!
Da gloria tento a jornada;
vencerei tudo por ti.
Subirás ao capitolio
de amor, verás n'elle um solio;
mas, não perguntes quem sou:
Dize só que serás minha,
que hei-de fazer-te rainha....
Sim?... Decide-te; aqui 'stou!

Bahia, Fevereiro de 1864.

Contemplação.

Que leda noite! Este ar embalsamado,
Este silencio harmonico da terra,
Que sereno prazer n'alma cansada
Não expreme, não filtra, não diffunde?

GONÇALVES DIAS.



ue manto d'astros fulgido!
Que quadro inebriante!
Que brilho fascinante
d'esplendido luar!
Que noite fresca e limpida
o peito me extasia!
Que estrellas! Que poesia
para quem sabe amar!

Aos céus a linda cupula
d'um templo se levanta .
e a sua alvura é tanta,
n'esse fallar aos céus ,
que me parece, extatico,
que , em resplendor jucundo,
para o perdão do mundo
baixára agora Deus.

Aos pés da egreja candida
d'um lar me tenta a calma,
qu'infunde na minh'alma
lembranças divinaes!...
Percebo agora um trémulo....
o piano faz ciúme....
n'elle se assenta um nume
de amores immortaes.

Alvinitente e languida,
linda rival da estrella,
eu beijo-te, donzella,
no fogo de um olhar!
Desprende as azas, sylphide,
com teus subtis quebrantos,
que ao sol dos teus encantos
é pouco este luar.

Esse instrumento magico
me diz, na *Milaneza*,
que a tua natureza
não se creou p'ra mim:
um desmentido peço-te,
que me assegure os passos;
morrer quero em teus braços,
ouvindo um casto *sim!*

Vê como eu leio rapido,
de amor só na linguagem
esta feliz paisagem:
— Perto de ti sou eu,
em virginal auréola
és tu, depois o templo;
nos astros eu contemplo
as benções lá do Céu!...

Bahia, 4 de Março de 1864.

Nossa Senhora da Fé.

Ter fé e esperar.

JESUS CHRISTO.



Salve, Rainha dos crentes,

O' Virgem Santa da Fé!

Com Teu sceptro impios desmentes,

ergues a crença de pé.

Protectora d'infelizes,

Teu amor planta raizes

dos justos no coração :

dos germens da fé que plantas,

novo Lazaro alevantas,

o atheu fazes christão!

Caminheiro do futuro ,
si o infeliz foge á dôr ,
és o forte palinuro
ao cançado' viajor.
És o santelmo do nauta .
dos tempos victima incauta
nos tredos vaivens do mar ;
as tempestades afagas ;
calmas a furia das vagas
ao poder do Teu olhar.

Como o sol do Apocalipse ,
que só verdades nos traz ,
na razão medonho eclipse
o sol da crença desfaz .
O mundo inteiro illuminas ,
Virgem Santa , co'as doutrinas
da egreja . eternos phanaes ;
convertes o peito rude ;
és a primeira virtude
das virtudes theologaes .

Sim ; que a pobre humanidade
sem fé , não sabe esperar ;
sem fé . não ha charidade ,
ha de a esperança murchar .

E Tu, divino sacrario,
açucena do Calvario,
que dos christãos rege a grei;
do peccador sustentac'lo,
fazes d'alma um tabernac'lo,
guardas as taboas da Lei!

Nos desvarios do crime
que fôra o homem sem Ti?
Por Teu amparo sublime
do crime a innocencia ri.
Ao desvalido consolas,
quando ao rico pede esmolas,
e encontra escarneos por dó;
dás ao pobre as vitualhas,
em vez das podres migalhas,
que o Lucullo atira ao Job.

Á corrupção dos albergues,
quando o genio quer fugir,
á gloria o talento ergues,
mandas o genio subir!
Dos nobres á prepotencia
por Ti falla a intelligencia
e diz ao nobre: Sou eu!—
Tendo a fé no pensamento,
Camões ao seu testamento
deu vida, quando morreu.

Entre nós avulta o exemplo
do Teu sagrado poder,
quando nas aras de um templo
dêste á Vieira o saber (1).

O portentoso milagre
aos vindouros se consagre,
mostrando o que a fé produz;
ungindo na fé seus labios,
foi Vieira um dos mais sabios
na terra da Santa Cruz.

Da Palestina a romagem
sempre na fé se inspirou;
dos guerreiros a coragem
sempre a fé retemperou,
a fé nos desertos agua
á Agar depara, que a fragoa
mata da sêde a Ismael;
do Sinai ouvindo o brado,
pela fé, Moysés, guiado,
salva o povo de Israel.

Sem fé, perdida na insomnia
de um rei, que só mal te fez,
t'engolphaste, Babylonia,
dos vicios na embriaguez!

Coube-te a sorte de Tyro ;
bastou de Deus um suspiro
p'ra dar-te a quéda fatal !
A tua culpa era immensa ;
depositavas a crença
nos sacerdotes de Baal !

:

A crença é do Christo o rastro
para os que seguem o bem ;
dos tres Magos foi o astro
quando ensinou-lhes Bethlem.
A redempção do Messias
nas promessas de Izaías
pela fé sempre se ouviu ;
nos psalmos do Rei-poéta ,
como na voz do propheta,
jámais a fé succumbiu.

A fé não morre na lousa ,
porque nos mostra Jehová ;
dos mortos a fé repousa
no valle de Jozaphat.
No moribundo transporte
é a vingança da morte
a fé , que nos lembra os Céus ;
porque a ultima vertigem
da fé nos levando á origem ,
nos leva ao Throno de Deus.

É pela fé qu'inda espero ,
ó Virgem Santa da Fé!
Sem crença morrer não quero ,
ergue-me a crença de pé !
Protectora d'infelizes ,
Teu amor plante raizes
dentro do meu coração ;
pequeno , aspiro a ser grande ;
sobre mim Teu brilho expande ,
eu tenho fé , sou christão .

Bahia, 25 de Março de 1864.

Supplica.



s meus triumphos ao teu nome dêvo,
unico enlêvo, que me prende agora,
idolo eterno a me fallar de amores,
no abrir das flores, ao romper d'aurora.

Das vans grandezas, que este mundo encerra,
alheio á guerra, o trovador caminha ;
titulos, honras, só por ti disputo,
espero e lucto, por sonhar-te minha.

Anjo encarnado, que, do céu cahindo,
meigo sorrindo, para mim sorriste!
olha-me, ó anjo! teus olhares santos
venham os prantos enxugar do triste.

Já que o destino me prohibe os passos
onde os teus braços para mim s'estendem,
ah! não se apague esse pharol divino,
que ao meu destino teus olhares prendem!

Intimos threnos, que ás paixões ignotas
semelham notas de celeste harpejo,
n'uma saudade o teu piano guarde
ao sol da tarde, que te leva um beijo.

Vive, querida! á escuridão do inferno,
ingenuo e terno, teu olhar m'esquive!
Vive, meu anjo; que eu feliz me chamo;
eu inda te amo; crê no Céu e vive!

Bahia, Abril de 1864.

No Album

DA EX.^{ma} SRA. D. VIRGINIA VIEIRA MACHADO.

O céleste vertu, tout méchans que nous sommes,
Tu conserves encor quelques droits sur les hommes.

DUCIS.



nviado por Deus baixára um anjo,
para habitar da criação no templo;
de mulher deu-lhe a forma a natureza,
para ser da mulher sublime exemplo.

Então das faixas infantis vestida,
rindo aos gratos effluvios da innocencia,
vingou a flor querida, humanisada
nos vergeis encantados da existencia.

Mystico enlevo d'infinitas graças,
anjo no coração, anjo na face.
vendo-a tão linda a perfumar as auras.
não poude vêl-a amor, que não a amasse.

Como é bella a fusão de duas vidas,
por milagre de amor, n'uma só vida!
e depois ver a imagem, que adoramos,
nos fructos d'esse amor reproduzida!

Eis o romance da mulher sublime,
a quem a minha lyra hymnos entôa;
mais nobre que o diadema de aureo throno,
de filha, esposa, e mãe cinge a corôa.

Seu peito é tabernaculo de affectos:
tem no rosto a candura, que tem n'alma,
cada palavra sua é como a prece,
que lagrimas enxuga, e a dôr acalma.

Seu nome, que é prenuncio da virtude,
n'este livro sagrado eu leio agora;
o anjo, que do Céu baixára ao mundo,
enviado por Deûs, sois vós, senhora.

Bahia, 9 de Agosto de 1864.

Espera.

Ha pensamentos, que são orações. Ha momentos, em que, qualquer que seja a attitude do corpo, a alma está de joelhos.

VICTOR HUGO. — (*Os Miseraveis.*)



strella d'alva , que meus passos guias ,
sol, que aos meus dias mil encantos dás,
iris d'esp'ranças, que n'um céu de amores
risonhas cores reflectindo estás!

Flôr da minh'alma, do jardim celestê,
quando vieste sobre aqui pousar,
por teus perfumes, a divina essencia
toda a innocencia quiz em tí guardar.

Lendo em teus olhos, quantas vezes leio
triste receio de perder-te, ó flôr!
Tu, que és o astro que o porvir me alveja,
raios dardeja d'essa luz de amor.

Si a voz te escuta, o sabiá se cala;
o céu me falla, a natureza ri;
sem ver-te um dia, é meu presente escuro;
o meu futuro o que será sem ti?

Sem ti, o mundo fôra-me um deserto;
quero de perto tantas graças ver....
O teu semblante como está risonho!
Quero de um sonho despertar.... morrer.

Oh! quero sim; que o teu olhar accende
paixões, que entende o coração, a rir....
Á vida um élo me prendeu tão forte
que só a morte poderá partir.

Tu és o élo que me prende á vida.....
por Deus seguida n'este amor serás,
estrella d'alva, que os meus passos guias,
sol, que aos meus dias mil encantos dás.

Espera , ó anjo!... no porvir descança!
o amor não cança, na firmeza é rei;
mais na demora seu poder tempéra....
espera! espera! que feliz serei!

Bahia, 8 de Setembro de 1864.

Alerta! ⁽²⁾

OFFERECIDO A ROZENDO MONIZ.

Mulher, que mixto horrendo és tu na terra.

CASTILHO.



nesta estrella, que os incautos *guias*.
que tantos *dias* de amargor nos *dás*!
Que, sempre prompta a prometter *amores*,
sempre mil *cores* reflectindo estás!

Quem deu-te as graças e a feição *celeste*
com que *rieste* entre os mortaes *pousar*?!
Que anjo perverso ministrou-te a *essencia*
p'ra da innocencia a fórma só *guardar*?!!

Ah! não me illudes; qu'em tua alma *cu leio*,
e nem *receio* teu perfume, *ó flor*:
sei que a serpente, cujo dente *alveja*
mortes *dardeja*, nem comporta *amor*....

Sei que ao ouvir-te até o mar se *cala*;
que á tua *falla* o proprio inferno *ri*;
mas, tambem sei que sempre triste e *escuro*
é o *futuro*, que repousa em ti.

Sem ti o mundo julga ser *deserto*
quem mais de *perto* te não poude *ver*:
ai do que illude quadro assim *risonho*!
Depois do *sonho*, — resta só.... *morrer*.

Tu és o facho, que a discordia *accende*,
qu'inspira e *entende* só Lusbel a *rir*;
teus calc'lo, astucia, seduccões.... és *forte*,
só póde a *morte* teus grilhões *partir*

Bem te conheço; mas na minha *vida*
por mim *seguida*, não, jámais *serás*;
sei por que sendas de traições nos *guids*,
que longos *dias* de amargor ros *dás*...

Mulher te chamam: ser fatal! *descança*;
não teme ou *cança* o qu'em firmeza é *rei*;
sem medo o ardil, que teu condão *tempéra*,
minh'alma *espera*; e vencedor *serei*!

DR. VIRGILIO C. DAMASIO.

Bahia, 22 de Outubro de 1864.

Não posso!



noite, noite feia ;
tristeza em tudo ímora ;
pesado manto encobre
dos astros o fulgor ;
chovendo sobre a terra ,
a natureza chora ,
chovendo dos meus olhos ,
saudoso chora o amor .

Nas veigas, murmurando
d'espanto, corre o rio ;
geme o Orpheu dos bosques ;
no mar é cerração ;
a flor mimosa, ouvindo
do tempo o desafio,
no val se inclina e murcha
ao gélido tufão.

Oh ! quem abranda a furia
da voz dos elementos,
quando arrogante , horrivel
atrôa pelo ar ?
No chaos do infinito
são debeis meus lamentos ;
os impetos do tempo ,
Senhor. vem acalmar !

Serena-se o horisonte;
a lua vem surgindo,
nos plainos derramando
suave, argentea luz;
beijando as flores todas
a brisa vae, sorrindo;
no céu milhões de estrellas;
no mar o céu transluz.

Juliêta dos meus sonhos,
recrescem minhas magoas;
si é muda a natureza,
troveja o peito meu;
vem libertar-me, ó virgem,
de tão ardentes fragoas!
longe de ti suspira,
a sós, novo Romeu!

A febre me devora!
Os teus caprichos finda!
Por ver-te hoje a meu lado
que extremo esforço fiz!
Alquebra-se-me o corpo....
minh'alma é forte ainda;
é ella quem te falla;
escuta o que ella diz:

« No estrépito das salas,
não pensas no teu bardo,
que lucha só por glorias,
que só respira amor;
a tua imagem linda
no pensamento eu guardo;
o coração não dorme
do pobre trovador.

Os olhos teus supéram
o brilho de cem luzes
no baile, onde me perco,
si acaso olhas p'ra mim,
estimulo sagrado,
mulher, que me seduzes,
esta saudade mata!
Viver.... quem vive assim?

Si o teu piano falla
sentindo os niveos dedos,
rainha és sobre todas!
deixas o mundo após....
chegas ao Céu e arrancas,
por magicos segredos,
a lyra de um archanjo
da inspiração a voz!

Na walsa doudejando,
és sylphide, que arrasta
da multidão as vistas
como p'ra um novo Edên!
Depois, arfando o seio....
tão seductora e casta,
dos olhos na volupia....
formosa assim.... ninguém!...
,

Esp'rança, mãe dos crentes,
conserva-me a existencia
mostrando-me um futuro
risonho como és!
Christão, si eu visse o anjo,
bem dita Providencia!
christão mais crente eu fôra,
morrendo hõje a seus pés! »

Quebrar este *impossivel*
não posso! Ardendo em brazas,
minh'alma n'um delirio'
procura-te, mulher!
Amor ensaia o vôo;
mas Deus lhe prende as azas....
oh! queima-me esta febre!
Não posso anjo te ver!

Bahia, 28 de Novembro de 1864.

VERSOS

À EX.^{MA} SRA. D. MARIA JUSTINA DE PROENÇA PEREIRA
PEIXOTO,

NO DIA ANNIVERSARIO DE SEU FELIZ NATALICIO E VESPERA
DE SUA PARTIDA PARA EUROPA.



Mimososa flôr de Lisia,
encanto de outros lares,
que o germen da poesia
vieste aqui plantar ;
do rosto enxuga os prantos,
esquece agros pezares ,
quem pode , em tua aurora
psalmos a Deus cantar..

Escuta os sons cadentes
d'altíssimas espheras
que a aragem mensageira
entrega ás solidões ;
o que são elles ? Hymnos
de *vinte primaveras*
que os anjos recommendam
à patria de Camões.

Nas lusitanas piagas ,
do sol aos esplendores
no bosque , hoje , saudoso
cantou o rouxinol ;
na terra das palmeiras ,
no berço de mil flôres ,
o sabiá gemendo
queixou-se ao pôr do sol !

Estrella de alno influxo ,
que o Téjo illuminaste ,
engaste precioso
do céu de Portugal !
involto na saudade
o teu paiz deixaste ,
deixas mais triste ainda
a filha de Cabral !

Anciosos lá te esperam
os paternaes abraços ;
ao ver que te aproximas
o rouxinol sorri ;
o amor fez a tu'alma
partir-se em dous pedaços ;
um d'elles vae contigo ,
deixas o outro aqui.

Penhor dos teus affectos ,
escravo dos teus olhos ;
feliz , feliz o esposo
que soube te prender !
Sem ti , p'ra elle a vida
é de alcantis , de abrolhos ;
que seja breve a ausencia
volvendo-lhe o prazer.

Estrella de almo influxo ,
encanto de outros lares ,
mimosa flôr de Lisia ,
humana flôr gentil !
no teu esposo eu guardo
a esp'rança de voltares ;
volta , risonha estrella ,
ao céu do meu Brazil !

Bahia, 12 de Dezembro de 1864.

Adeus!



uão pesada vae sèr esta ausencia,
que vae, triste, roubar-me a teus olhos!
Longe d'elles, medonhos abrolhos
vão meus olhos no ermo entrever.
N'esta hora de amarga incerteza,
quando busco saudoso o retiro,
diz minh'alma o adeus n'um suspiro,
porque os labios não ousam dizer.

Tantos dias de enlêvos tão puros,
tantos sonhos que sonha a esperança,
meu destino, que estranha mudança,
em receios vae tudo mudar!

Mas, si eu parto, meu anjo, si eu temo
ser trocado este amor pelo olvido,
ao teu bardo revele um gemido
que não podes teu bardo olvidar.

Falla, jura, que o teu juramento
luz, firmeza, assegura a meus passos;
lyra e glorias deponho em teus braços,
porque a vida em teus braços achei.
Breve aos raios de um sol todo risós,
aos gorgeios de alados cantores,
da soidão esquivando-me ás dôres,
ao teu seio, feliz. voltarei.

Quando a estrella dos tristes, Amelia,
reflectir-se em teus olhos serenos,
quando as brisas teu corpo de Venus
bafejarem, da noite ao cahir,
has de sempre escutar-me nas auras,
que afagarem teus seios, donzella,
como eu, triste, hei de ver n'essa estrella
dos teus olhos um meigo luzir.

Chega o instante, que marca a saudade,
fôrça. abrigo á saudade não tenho!
Pede aos anjos, que guardem meu lenho,
dos teus votos a fé guarde os meus.
O dever cerra os labios; não quero
que o dormir de profanos despertem;
n'esta lagrima quente, que vertem
os meus olhos te dizem — adeus!

Bahia, 5 de Janeiro de 1865.

NOTAS DA PRIMEIRA PARTE

(1) O Padre Antonio Vieira, em cujo cerebro (reza a historia) se operára subita revolução, ao supplicar o mesmo, n'um dos altares da egreja da Sé bahiana, a intelligencia que ao depois foi um prodigio no pulpito sagrado.

(2) Com grande prazer tomo a liberdade de ajuntar aos meu pobre livro esta magnifica parodia, composição de um dos melhores ornamentos da classe medica brasileira, não só porque essas estrophes já forão publicadas pelas gazêtas bahianas, como tambem porque entendo que os versos sobem de preço, quando acompanhados de tão bonitas contradições.

LYRA DA AMIZADE

AO ANNIVERSARIO NATALICIO

DO DESEMBARGADOR

ANDRÉ CORSINO PINTO CHICHORRO DA GAMA.

Vida , medonho pélago de dôres !

O'roa de espinhos, que nos dá o berço^s
E que depomos nos umbraes da tumba.

SOARES DE PASSOS.



dez lustros e tres annos são passados ,
desde esse dia nuncio de esperança ,
que sorrindo aos teus risos de criança ,
nos vaivens deste mundo te abysmava ;
quando a luz da razão mostrando um genio ,
ao destino mostrava-te suberba ;
contra o genio o destino . em lucta acerba
por mil dôres teu genio compensava !

Encarnou-se em teu ser alto mysterio ,
 que aos homens não revela a Omnipotencia:
é como , inerte o corpo a intelligencia
 zomba da inercia , resistindo heroica.
No cadinho, em que fervem tantas magoas ,
 o corpo a s'estalar fibra por fibra ,
a tu'alma sublime se equilibra
 de Deus na crença, na virtude estoica.

Soffre da tua cruz o peso enorme
 que la no Céu as penas da tu'alma !
hão de trocar-se pela eterna palma ,
 com que Deus paga aos martyres do mundo.
Juiz austero como foste aos justos ,
 como ser para os crimes tu soubeste ,
o premio colherás , que mereceste ,
 julgando os homens com saber profundo.

Agua alterosa , que rompestes o espaço ,
 sedenta do porvir , buscando a gloria !
ha de o teu vô assignalar a historia ;
 ha de o futuro bemdizer teu nome ;
e prantear , lembrando as azas de ouro ,
 das azas o perdido movimento ;
que a tradição illustre do talento
 a ferrugem dos tempos não consome.

Quem mais que tu, egregia consciencia,
na escala social subiu mais nobre?
Qu'importa que o baixel no mar sossobre
pelo estranho poder d'estranha sorte?
Si a doença a materia aniquilou-te
não conseguiu paralysar-te a mente;
o teu craneo, d'idéas inda quente,
os gêlos vencerá da fria morte.

Basta; não quer meu coração de amigo,
que a teus dias só threnos eu desfira;
mas hymnos festivaes não sabe a lyra
cantar a quem só lagrimas reclama.
É reliquia essa toga, que vestiste:
És muito! Do teu merito por cumulo,
irão cobrir-te o laureado tumulo
dos teus a benção, do Brazil a fama.

Bahia, 4 de Fevereiro de 1865.

◊ RETRATO ◊

POESIA OFFERECIDA Á EX.^{ma} SRA. D. CONSTANÇA PERPETUA
DA CUNHA POGGI

NO DIA ANNIVERSARIO DO SEU NATALICIO, E ACOMPANHADA DE UM
RETRATO DO SEU FALLECIDO CONSORTE.



dia era já morto ,
a lua s'envolvia
n'essa mortalha fria
de nuvens pardacentas ;
a noite era sinistra ;
o vento sibilava ;
e eu triste repousava
de angustias violentas.

Mirando altas paisagens
de fascinantes côres,
sonho de luz e flôres
prendia-te, minh'alma!
Livre das negras penas,
cahida n'um lethargo,
vias o céu ao largo,
voavas ledã e calma.

Depois chegaste à esphera
dos anjos infinita,
onde o perdão habita,
onde soffrer não ha;
nas regiões sidereas
dos justos penetraste
e a Gloria devassaste
no throno de Jehovah!

Por entre as niveas azas
de um anjo peregrino
o resplendor divino
coava argentea luz;
e o anjo, n'um lamento
aos anjos imprevisto,
assim fallava ao Christo,
beijando os pés da Cruz.

« Senhor; porque ha de o barro
« me separar d'aquella,
« que foi a meiga estrella
« do caminheiro errante?
« Porque na vida eterna
« que ao Teu poder bemdigo,
« não vêl-a, anjo comigo,
« não vêl-a um só instante?

« Si a terra é-lhe um deserto,
« si chora o companheiro,
« do humano captiveiro
« salva-a por uma vez!
« Não deixes que ella amargue
« em duro soffrimento,
« perpetuo desalento,
« perpetua viuvez!

« Descer não posso ao mundo
« para extinguir-lhe o pranto;
« mas Tu, que podes tanto,
« recolhe ao seio meu
« a madresilva em luto,
« do goivo a terna esposa,
« que ao frio chão da lousa
« de dor emmurcheceu! »—

Baixando ao terreo abysmo ,
depois de ouvir a prece
do anjo , que guarnece
o throno do Senhor ,
o bardo, ao somno esquivo ,
no despontar d'aurora ,
foi ver no lar de Flora
a desbotada flôr.

Beijando uma *saudade*
por matutino raio ,
tentava o sol de Maio
tocar o seu zenith ;
junto a *saudade* muda
jazia a flôr humana ,
mais triste que Suzanna ,
mais bella que Judith.

Senhora eil-o teu dia !
Constança dos amores
chorando sobre as flôres ,
o bardo te encontrou ;
da madresilva a historia
na tua historia abranjo ;
eil-o o retrato do anjo
que aos pés da Cruz chorou !

Bahia, 10 de Maio de 1865.

◊ NOVADO DO POETA

POESIA DEDICADA AO MEU PREZADO AMIGO E COLLEGA BRUNO SEABRA, POR OCCASIÃO DO SEU BEMFADADO CASAMENTO.

O amor do bardo é fogo, que, no espirito
Ateado uma vez, jamais se apaga;

É a aguia encantada de mil pennas,
Que hardida se remonta ao ethereo espaço,
Para n'aquelle oceano de luzes
Lavar do terreo pó as brancas azas,
E melhor vir pousar da amante em torno.

F. MONIZ BARRETTO.



hegada era a noite; n'um throno de nuvens
das noites a deusa seu collo mostrou;
e o sol, quando aos mundos o rosto occultava,
um beijo saudoso n'um anjo estampou.

Esse anjo era virgem, que, os seios vestindo
das candidas faixas do sancto hymineu,
sorrindo á ventura, que um beijo lhe dava,
um beijo á saudade do sol tambem deu.

O rei das estrellas . si perde uma virgem ,
cioso das luzes do seu resplendor ,
desprende , sentido da luz que lhe roubam
de luz uma lagrima ás fontes de amor .

Mas hoje essa perda não fôra choradã ;
que o sol , ao deitar-se n'um fresco arrebol ,
deixára uma estrella por noiva do bardo ,
que é fronte inspirada por beijos do sol .

D'esse astro brilhante foi outro o ciume ,
que fez que elle fosse tão triste ao partir ;
foi ver que das noites a deusa viria
ás nupcias do bardo suberba assistir .

E o dia , envolvido nos veus do crepusc'lo ,
seu facho apagava nos braços do mar ;
e a lua , n'um carro de nuvens librada ,
no espelho das aguas se veio mirar .

Entremos agora no lar do noivado ,
que amores promette de um gozo sem fim ;
as graças me tentam ; d'Euterpe a magia ,
quebrando o silencio , começa o festim .

Morava o gosto alli; em ricas porcelanas
ennastram-se os jasmins—do zephyro ás sultanas;
ondêam luzes mil ás faces dos espelhos;
estofos de damasco azues, brancos, vermelhos,
ornam o sanctuario, onde o fulgor transluz
da Cruz da Redempção, dos martyres da Cruz.
Sanefas de brocado a brisa entreabre e passa,
para oscular a flor, que ajunta aroma e graça
ao leite do noivado, ao throno dos amores,
que espera a soberana, hoje rival das flores.
Chegam damas gentis, e algumas tão morenas
que vencem pela tez as lindas açucenas.
Em volta dos salões agrupam-se os convivas.
Erguem-se dos sophás; ao chão frontes altivas
inclinam, quando avulta aos ledos olhos seus
um padre, que transpõe a camara de Deus.

Por todos festejado entra o poeta, e logo
sente escaldar-lhe a mente a chamma d'esse fogo,
que excita, sem queimar, suave inspiração;
si a lyra elle não traz, é lyra o coração:
d'alma nas cordas vibra a musa dos amantes,
si o bardo o instante vê melhor dos seus instantes.

Com ancia ja se espera a noiva... Ella apparece!
Arbusto da innocencia, as ramas lhe entretece
da virgindade o symb'lo, a flor da lorangeira,
que torna inda mais bella a noiva feiticeira,

que ha de esfolhar, sem queixa, a c'rôa preciosa,
quando fizer o amor corar a nivea rosa.

Não falta mais alguém ; ja todos se avisinham
do illuminado altar, e os noivos se encaminham
para colher o *sim*, que perpetúa o laço,
fundindo corações do Christo no regaço.

É finda a cerimonia ; e, como por encanto,
do bardo a commoção, da noiva o doce pranto,
deixando ver nos dous a essencia de uma vida,
a muitos faz suppôr que uma alma era perdida.
Si os olhos da razão não querem n'isto crer,
oh! não, não foi mentira aos cegos de prazer.
Que o diga o entusiasmo em peitos, que o sentiram
quando, jurada a fé no altar, sorpresos viram
que a virgem immolada á pira do hymineu,
sorrindo ao sacrificio, um beijo aos cravos deu.

Reina o silencio em tudo ; e os labios des'cerrando,
o bardo assim prorompe em votos, que, elevando
a gratidão de um crente aos pés do Creador,
inda exaltaram mais o mais subido amor :

— « Bem hajas, Senhor Deus, que abriste as aguas
« para salvar o povo de Israel !
« pois déste-me, calmando-me ao peito as fragoas,
« na alegria e na dor socia fiel.

« Anjo, que me ensinaste o paraizo
« no lume seductor dos olhos teus;
« que me firmaste a crença n'um sorriso;
« que foste para mim crença de Deus;

« por ti as cordas mudas resoaram;
« com ellas teus amores consegui;
« contigo as minhas penas se acabaram;
« da minha lyra a gloria entrego á ti.

« Não possúo na terra outra riqueza,
« não tenho para dar-te outro laurel;
« mas o teu coração tem a certeza
« que vinculou minh'alma ao teu anel.»—

Protestos de adhesão succedem ao protesto,
que o bardo proferira aos pés do seu amor;
depois, vibrando a lyra em tom grave e modesto,
ao moço assim fallou um velho trovador:

Irmão, foi nobre a escolha, que fizeste.
Os homens como tu, perdem na honra,
si a corações inertes,
animados ao toque dos tripudibs,

captivam, miserandos,
os louros, que só ganha o pensamento.
Esse anel, que te prende á virgem casta,
que deparou-te a sorte,
para sanctificar os teus anhelos,
não te pésa no dedo;
que os élos denegridos
d'esses torpes grilhões, que arrastam crimes
nos tapêtes de salas deslumbrantes,
são para os desfaçados
escravos da belleza, que ennodôa,
n'um aperto de mão, n'um riso, tredos,
mãos e labios do bardo, que não vive
no immundo lodaçal d'essas bacchantes.

Mumias no coração, anjos na face,
que podem merecer essas mulheres
de quem procura um'alma,
e encontra aos seus affectos um cadaver?!
Que será do poeta, quando, unido
por tentação fatal ao collo eburneo
da moderna Sempronía, ouvir o escarneo
do estúpido Créso, que o avilta
dizendo-lhe orgulhoso:
— Já foi meu esse collo, quando eu dava
dinheiro para ornal-o de brilhantes!

Irmão, foi nobre a escolha que fizeste!
Em vez d'esse talento audaz, perverso,
com que falsas rainhas vão nos bailes
illudir as paixões dos seus vassallos,
fôste buscar a tímida donzella,
violêta escondida n'um canteiro,
do lar tranquillo á sombra,
que não exposta ás fúrias
dos vendavaes pestiferos, que matam
a fragrancia das rosas purpurinas.

Não quizeste adorar o fingimento
das voluveis, que arrastam,
nas fimbrias de seus mantos de velludo,
suspiros que lhes gastam mil caricias,
para ao depois chorarem,
nas horas do silencio,
o coração vazio d'esperanças.
Bardo, agradece a Deus, que deu-te um anjo
para inspirar-te os cantos á virtude.
O thalamo t'espera;
pódes fruil-o calmo,
que ao teu lado não vae deitar-se o espectro
dos lúridos remorsos do passado.

A MENINA

POESIA OFFERECIDA Á EX.^{ma} IAIÁ NANINHA DANTAS, NO DIA
DE SEUS ANNOS.

osa em botão, que ao perpassar do zephyro ,
do céu caíste no brasileiro val ;
quando os gorgeios matinaes dos passaros
noticiavam teu feliz natal ,
das mil caricias, qu'inspiraste, lembras-te ?
Eras no collo do materno amor ;
labios acêsos por ignotos jubilos,
nectar sugavam de teu casto alvor....

D'aura celeste a respirar só balsamos,
quando a innocencia te fadou p'ra nós,
não te recordas do risonho horóscopo,
com que do Eterno te creára a voz?

De uma das Graças ao sorriso angelico,
do Anjo das glorias aos festivos sons,
quando baixaste sobre o mundo tetrico,
quem deu-te as formas e os mimosos dons?

Fez-se o teu corpo só da Graça ao osculo,
fez-se a tua alma, a transbordar de luz,
de uma das notas da sagrada cythara,
que prende as almas ao poder da Cruz.

Menina és hoje; mas as niveas petalas
não tardam muito a seduzir o amor;
floresce á sombra d'essas duas arvores,
que são zelosas do teu casto alvor.

Cinja-te a fronte o diadema esplendido,
que mil respeitos ás paixões requer;
seja o teu sceptro p'ra virtude um vinculo,
quando a menina se tornar mulher!

Leio em teus olhos um porvir magnifico ;
dizem teus labios da ventura um *sim* ;
derrama agora n'estes peitos sôfregos
aroma e encantos do eternal jardim.

Bahia.—1865.

◊ ANJO DO CEMITÉRIO ◊

AO ANNIVERSÁRIO NATALICIO DA EX.^{ma} SRA. D. JOSEPHA
DA CUNHA SOUZA MENEZES.

Si lá no ethereo assento, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste!

CAMÕES.



Q u era a divagar - saudoso e mudo,
da morte na mansão ;
em torno do meu ser gemia tudo ,
chorava o coração.

O vespertino sol , cahindo a prumo ,
enrubescia o mar ;
vinham rolas de além, sem lar, sem rumo
nos cyprestes pousar.

De Orpheu alado as notas peregrinas
 enamorando a flor ,
casavam-se ao gemer das casuarinas
 n'um suspiro de amor.

Das auras livres o fallar tão brando
 das campas á mudêz ;
a lua a se mostrar, de quando em quando
 da tarde á pallidez ;

da noite o descahir placido e frio ,
 ao descambar do sol ;
das aguas o plangente murmurio
 pelo morto arrebol ;

tudo, tudo em minh'alma intercalava
 da vida as illusões ;
e amando a solidão , que me cercava
 descria das paixões.

Sim ; que este mundo errado e traiçoeiro
 não me enganava alli ;
e qual o estenuado caminheiro ,
 sombra aos mortos pedi.

De repente um fallar suave e humano
d'essa paz me tirou:
era da queixa amarga o soberano
anjo, que se encarnou.

Quem vendo-a prantear - deusa, na face,
vestida pelo dó,
e as perolas da dor lhe não beijasse
de rastos pelo pó;

fôra mais frio que a algidez da pedra,
fôra um craneo sem luz;
fôra um peito, em que amor por Deus não médra,
fôra imigo da Cruz.

Sim; que evocando a sombra de outra vida,
aquella humana flor
lembrava a Magdalena condôida
aos pés do Redemptor.

E a lua a discorrer no espaço ethereo,
sobre a visão fulgiu;
do campanario além, no cemiterio,
— meia noute — se ouviu.

E eu , perdido na mansão da morte ,
 esqueci-me de mim ;
e o anjo em saudosissimo transporte
 a voz ergueu assim :

« Sombra querida d'eternal memoria ,
« que foste a gloria lá dos céus ganhar ,
« quanto me opprime da viuvez o açoite !
« já meia noute, e não me vens buscar !

« Um novo dia lá desponta agora ,
« que lembra a aurora, que me vio nascer...
« leva-me , ó anjo, p'ra que eu fuja ao dia ,
« que esta agonia me fará crescer.

« Lyra afinada por celestes hymnos ,
« teus sons divinos desferindo a Deus ,
« péde que eu sub● para ouvir-te as notas ,
« ao mundo ignotas como os prantos meus !

« Que faço errante n'este valle immenso ,
« onde só penso em me entregar a dôr ?
« Arido o peito , solitario , inerte ,
« lagrimas verte sem voltar o amor.

« Minh'alma a tudo que é prazer fechou-se,
« quando apagou-se do teu ser a luz;
« por ver perdida, quanto a triste soffre,
« chave de um cofre só aberto á Cruz!

« Sombra querida d'eternal memoria,
« desce da gloria, que eu, chorando aqui,
« do amor, que unira dous felizes noivos,
« colhendo goivos, morrerei por ti! » —

Senhora, foi tudo um sonho
aquelle quadro tristonho,
que aos meus olhos se pintou;
da visão aos agros prantos
acordei sentindo encantos,
que a viuvez m'inspirou.

Mas, agora reconheço
que esta grinalda, que teço
ás maguas do coração,
bem cabe em tua saudade;
porque és a realidade
d'aquella estranha visão.

Choras tambem uma lyra,
que a teus pés um *sim* pedira,
que se quebrara a teus pés !
Tambem a chave procuras
d'um sacrario de venturas,
onde o amor fechado vês.

Quem sabe se nas caladas
horas da' noite passadas
não eras co'a morte a sós ?
Rompe tua voz o mysterio..
o anjo do cemiterio
reconheço em tua voz !

Não foi o corpo? Que importa,
si, aos gozos terrestres morta,
a tua alma esteve além ?
No teu cruel desalento
os vôos do pensamento
quem te impedira? Ninguem.

Sorpreso agora reparo
que a chorar o amor tão charo
do bardo, que a Deus subiu,
por effeitos de *miragem*,
aquella adorada imagem
nos teus olhos se imprimiu.

Mas não morras, que este exemplo,
que embevecido contemplo
na tua rara viuvez,
é de estímulo á viuva,
que dos olhos cessa a chuva
buscando o mundo outra vez.

Rôla, que gemes sósinha
a sorte ingrata e mesquinha,
que o esposo te arrebatou,
toma do pobre alaúde.
o hymno dado á virtude,
que em teu natal me inspirou.

Bahia, 26 de Dezembro de 1865.

CONSOLAÇÃO

À EX.^{ma} SRA. D. MARIA JUSTINA PEIXOTO,

PELA MORTE DO SEU TERCEIRO FILHO RECEMNASCIDO.



s tuas pungentes lagrimas
entraram no peito meu,
d'essa algidez acordáram-me
e contigo chorei eu !
Oh ! que lagrimas bemditas
que despertaram-me ao Céu !

Vi-te, esperando, phrenetica,
um lirio do teu amor;
lamentei-te a perda subita
de dous lirios n'uma dôr;
eras a hebréa sem filho,
pedindo um filho ao Senhor!

Bem como vestem-se as arvores
dos fructos que outomno dá,
e ao soprar do inverno rigido
um só dos fructos não ha,
tal ficaste, arvore humana;
carpindo a sina tão má.

Mas, como a seiva proligera
que ás plantas renovo traz,
e d'esses arbustos lugubres
arbustos risonhos faz,
esperando um novo lirio
deu-te o amor na esp'rança a paz.

D'esta vez inda foi aspero
o acaso que te matou
a seiva, que amor, tão fervido,
nos teus seios entranhou!
D'esta vez da morte o sôpro
tuas esp'ranças mirrou!

E ficou triste no thalamo ,
mãe sem filhos, a gemer
a tu'alma que n'um tumulto
foi tres pedaços perder
do amor, que entranhára a essencia
no teu coração , mulher !

Oh ! que imprevisto espectáculo
no teu soluçar eu vi ,
quando tu beijavas, sôfrega ,
a mão que ausentou de ti
o teu filho já sepulto ,
mas , que beijavas alli !

Não inspirava mais lastima
a viuva de Naïm :
ella quiz o filho vivido
e o Christo disse-lhe — *sim* ;
mas tu não viste um milagre
nos teus gemidos sem fim !

Chora o teu materno horoscopo ,
mas , não maldigas a Deus ;
são como as ramas das arvores
os viçosos seios teus ;
mãe sem filhos — não te chames ,
teus filhos vivem nos Céus.

⊕ ANCHÃO ⊕

AO MEU RESPEITAVEL AMIGO, O ILL.^{mo} SR. ANTONIO DE
SOUSA VIEIRA.

Coram cano capiti consurge
et honora senem.

(?)



Ci-lo que assoma, dominando as turbas;
figura veneravel do patriarcha,
n'um gesto ordena; co'a palavra marca
os plainos não trilhados pela fé;
entre as chammas das iras que se cruzam
elle inspira a concordia; odios sepulta;
quando ante os filhos do trabalho avulta,
todos ficam de pé!

A mocidade o segue delirante,
para cumprir nos seus vitaes conselhos
essa moisaica lei, que honra os mais velhos,
que nos altares d'alma adora os paes;
e o Mentor satisfeito da cruzada,
a tribu com prazer santo dirige;
cada cabello, que lhe alveja, exige
um respeito de mais.

E assim completa o salutar mandato,
que os anjos delegaram-lhe sorrindo;
e o seu anoitecer na vida é lindo
como a aurora que deu-lhe a creação!
Mas si o algoz das honras o accomette,
e os jubilos inquina dos seus lares,
n'um Dédalo vivendo de pezares,
morre triste o ancião.

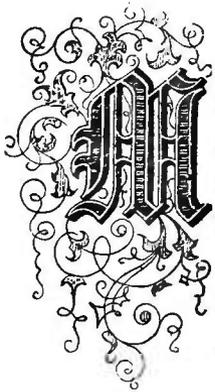
Bahia, 29 de Março 1866.

A MULHER

NO ALBUM DA EX.^{ta} SRA. D. MARIA JUSTINA DE PROENÇA
PEREIRA PEIXOTO.

Tout était créé, mais tout était dans
les ténèbres; la nuit la plus sombre
enveloppait l'univers. Dieu ouvrit
les paupières de la femme et la lu-
mière fut.

JOHN SHULZE.



Mulher, porque te entregas delirante
aos osculos de amor, que te embriagam?
Quem sabe si do esposo, a cada instante,
não te illudem os labios que te afagam?

Porque á serpe do mal fazes caricias?
Eva eterna, os teus brios já não medem
tres mil annos de barbaras sevicias
com que pagaste a perdição do Éden?!

Não te lembras do escarneo e da vaidade
com que o homem comprava os teus encantos?
Nem do algóz da tua liberdade,
que em teus olhos moveu sanguineos prantos?!

Do teu senhor a tenda alçando ao hombro,
eras tu confundida entre o rebanho!
Humilde, muda e pallida de assombro,
supportavas sem dó jugo tamanho!

Serva d'esse tyranno patriarcha.
queimada pela fé na pira ardente,
luctavas co'as paixões, arca por arca,
e adejavas ao Céu, pomba innocente!

Depois cantaste uma victoria immensa
sobre o ceifeiro atroz do teu sorriso;
creaste um sol á fria indifferença
e ao mundo abriste um novo paraíso.

Mas dos affectos asperos, caducos.
feitura sem rival, não te eximiste;
e, prêsa pela chave dos eunuchos.
só, lacrimavas teu fadario triste!

Foste a *huri* mensageira dos prophetas ;
ardeu Troia por ti , roubada Helena ,
e , musa decantada dos poetas ,
nas cytharas domaste a humana hyena .

Mas esse facho , que accendia a guerra ,
esse trovar , que te julgava um mytho ,
não era luz que sublimasse á terra ,
não era amor com lagrimas escripto .

Selvaticas paixões malbaratavam
o precioso elixir dos teus amores ;
inda assim teus martyrios não findavam ,
inda espinhos sangravam-te entre as flores !

D'esses tempos d'incriveis amarguras
deslebrada do thálamo affrontoso ,
mulher porque viver inda procuras
nos seductores braços de um esposo ? !

É que o Evangelho deu-te a segurança
d'esse amor com que a todos nós obrigas ,
e os laços da benefica alliança
são doces premios das vites fadigas !

É que engendrando magicas idéas
no amor, vês a teus pés a humanidade !
Quebras lyras, levantas epopéas,
e tens quasi um poder de divindade !

Da gloria as portas por ti abrir se arrisca
o amor, que aos pés da Cruz te implora a vida ;
vingada assim da indiferença prisca,
mulher, és d'infortunios a guarida.

Si choras, cobre a terra um mar de prantos ;
si um riso dás, a natureza exulta ;
si abres os olhos, faz-se um sol de encantos,
si os fêchas, nuvem densa os céus occulta !

Socia da esp'rança, os martyres consola
tua voz que dissipa agros receios ;
flor, que alentas co'a seiva da corolla
a innocencia que brota dos teus seios !

Consorte do homem, tu que foste a origem
do castigo tremendo que hõje o opprime,
mulher, és sempre ás magoas, que o affligem,
da luz de Deus emanação sublime.

Tomaste o sceptro e bem puniste o aggravo
n'um só volver dos olhos teus jucundo ;
novo Adão de tu'alma fez-se escravo ,
governas, meiga , fascinando o mundo.

Filha de Lisia, que o amado sexo
representas por graças e virtude ,
dos teus amores no ditoso amplexo
acolhe os sons da lyra pobre e rude.

Bahia. — Abril de 1866.

À ZAÏRA

INNOCENTE E ENCANTADORA FILHA
DO MEU AMIGO, O ILL^{mo} SR. DR. BUSCH VARELLA.



s teus doirados cabellos,
teus olhos pretos, Zaïra,
excitam milhões de zêlos
dos anjos na eterna lyra.

É que os teus irmãos celestes
comtigo não contam mais
porque humanas roupas véstes
e tens na terra outros paes.

Mas este mundo tão grande
não pode conter, menina,
o brilho que já se expande
da tua palma divina.

Volta, ó anjo, ás harmonias
dos teus irmãos lá dos Céus,
no ultimo raio dos dias
dos-paes extremosos teus.

Mas, não; podes ser no templo,
onde arde de amor o lume,
da virtude o mór exemplo
que brotou da luz de um nume.

Não vões, anjo adorado!
Que fôra a terra sem ti?
Um paraíso enlutado
chorando a ausência da *huri*.

VERSOS

À EX^{MA} SRA. D. ADELAIDE VASCONCELLOS.



i-te , e a lyra , por ver-te , memorando
contigo as seducções do Tejo brando ,
quantas magoas das cordas alijou!
Sobre as furias do mar foste a bonança ;
foste o genio das magas esperanças .
que saudades matou.

Dos vergeis lusitanos meiga rosa
transplantou-te o amor , e mais formosa
te nutres da constancia conjugal ;
no fogo dos teus labios , na viveza
dos olhos senhoris , a natureza
não deu-te uma rival.

Previdente em seus vividos lavôres,
da criação o genio em teus primores
quiz que a belleza não achasse fim ;
depois que assim fadou-te quiz ainda
que rebentasse da tua haste linda
um novo seraphim.

Satisfez-se a vontade omnipotente ,
e hoje abrange o teu feliz presente
dos amores um triplice penhor ;
amam-te o esposo , o sol que te allumia
e o anjo por quem pedes , noite e dia ,
aos pés do Creador.

Roga a Jehová que seja o teu renôvo
bello como a virtude , que hoje louvo
nos quadros com que tentas meu pincel ;
descança nas blandicias do teu fado ,
e , unida ao esposo , ao anjo humanizado ,
fulge , nova Rachel !

Co'essa coragem máscula , que encerras ,
vae dominando nas extraneas terras
o vento , os seixos e o revolto mar ;
aprendam na firmeza dos teus olhos
a arrostar , como arrosta , agros escolhos ,
teu animo sem paz.

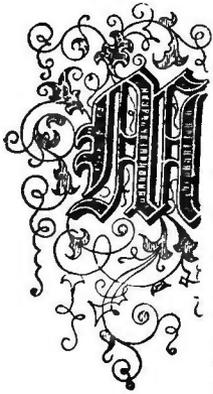
Vivé, ó flor dos vergeis da linda Castro;
Da tua vida vão seguindo o rastro
as benções da constancia conjugal;
vae seduzindo a America em teus lumes,
emquanto lá por ti arde em ciumes
o sol de Portugal.

Montevideo. 1866.

SER MÃE

NO ALBUM

DA EX.^{MA} SRA. D. JOANNA MARIA DE SOUZA DA SILVEIRA.



usa do bello , n'este livro d'oiro ,
onde imprimiu seu distico a virtude ,
vem depôr homenagens , reverente ,
ao idolo do lar , aos esplendores
que ajunta o céu no maternal diadema
para orgulho do amor ! Tu que te mostras
propensa á formosura da Juliêta ,
até pelo Romêo sentir inveja ,
lyra do coração , toma outras cordas
p'ra celebrar , em carmes verdadeiros ,
as glorias da familia , a potestade
do throno da mulher , quando é Cornelia :

E quaes são essas glorias? qual o throno?
Serão phisicos dotes, que inda ostenta,
nas luzes dos saráus, no luxo fatuo,
a mulher que, illudindo o cego esposo,
deixa o infante chorando só no berço,
e se expõe a insultantes galanteios,
só para ser das festas a rainha?
As glorias que provêm de um tal reinado
são nodoas indeleveis; esse throno,
em que se assenta o alvo dos olhares,
é mais um pelourinho do que um solio.

Si quereis ver as glorias de Cornelia,
vinde comigo; hodiernos Aristarchos!
Entrae no sanctuario da familia,
manso e manso contae prudentes passos
té penetrar no gyneceu moderno,
e vêde o que é ser mãe! — É ser na terra
medianeira augusta dos archanjos
sobre um riso de labios innocentes;
é ser depositaria de venturas,
e repartil-as todas igualmente
co'as parcellas amadas da sua vida;
é ser a correctora da puericia
só com sabios carinhos; ser a um tempo
conforto ás magoas, nuncia de esperanças
socia de penas, centro de alegrias,

amparo ás quedas , espantallo ao vicio ;
é se olvidar de si p'ra ser lembrada ;
é ser a nova Agar que morre exausta ,
só por matar a sêde ao tenro filho ;
é não cerrar os olhos quando geme
no leito acerbo o angustiado enfermo ;
é não gemer , por não turbar-lhe o somno ;
é despir-se de todos os desejos
só por ser aza aos filiaes anhelos ;
é ser uma p'ra todos que a rodeiam ,
e toda a cada um ; é ser o espêlho
da paciencia do Christo á prole avêssa
ao salutar empenho.

Qual o arbusto

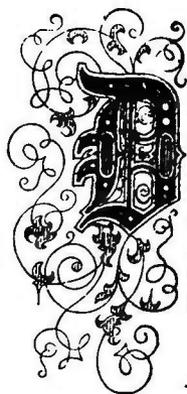
que se alteia , se alarga e fortalece ,
e dos galhos na trama a seiva esparge ,
p'ra central-a após n'um fructo e dal-a
a cubiçosas mãos que o fructo roubam ,
tal , na lide afanosa da existencia ,
o trabalho sublime da matrona
que . á custa d'esse leite da virtude ,
depois de mil vigalias e cuidados ,
entrega , sem queixar-se , á sociedade
os bem nutridos fructos dos seus seios ,
e , vendo as proprias cans , dá-se por paga!

Eis as glorias , o throno e o diadema
que a tão culpada Eva divinisa.
Ser pae é ver o Edên , ser mãe — o Empyreo.
Ser mãe é ser o que sois vós senhora.

Rio de Janeiro, Dezembro de 1866.

HARPA MAGICA

NO ALBUM DA EX.^{MA} IAIÁ D. RITA NABUCO D'ARAÚJO.



escrido d'este mundo de miserias,
de vaidades, de dôr, lá nas ethereas
regiões do pensamento eu divagava;
e, supplice ante as glorias infinitas,
para remir-me de fataes desditas,
ao Arbitro do mundo assim rogava:

— Senhor Deus d'Emaúz, tira-me as penas
que na lyra encontrei! Já dos Mecenas
não brilha mais a protecção p'ra os bardos!
Corta-me as azas com que eu vôo e caio
dos reinos da illusão; manda-me um raio
trocar-me em flôres — da existencia os cardos!

Não quero mais ephemeros prazeres ;
as glorias vans não quero ; nas mulheres
não vejo um anjo que me ensine a gloria!
Só vejo orgulhos e ambições , só vejo
os Phariseus das lêttas, que, sem pejo,
buscam mata-las, no esplendor da historia!

Por sobre as cinzas de um Camões heroico ,
por sobre os louros d'esse Tasso estoico
gargalhadas estridulas prorompem !
E os verdugos do genio immorredouro ,
manchando as fôlhas d'esse livro d'ouro ,
no Golgotha inspirado , as fôlhas rompem !

Não mais, Senhor, me deixes neste abysmo ,
onde encontra sarcasmos o heroismo ,
onde a virtude méde-se em dinheiro !
Salva-me ás garras do infernal abutre
que dos vates nas lagrimas se nutre ,
e vôa sobre thronos altaneiro!—

Mas, de repente, das scismas,
em que de medonhos prismas
eu via o mundo, sahi!...
Minha palavra cortaram
magos sons que me acordaram
dos sonhos em que gemi!...

Eram divinos accentsos,
eram de maus pensamentos
redemptores sem eguaes ;
eram refugio ao peccado,
eram de um anjo baixado
para salvar os mortaes !

E os olhos abri nas scismas...
e em vez dos medonhos prismas,
vi um céu doirado e azul ;
e, em vez, das armas do crime,
achei uma harpa sublime
como' a que abrandou Saúl.

Era essa harpa harmoniosa
por uma virgefn donosa
bem tocada, a mais não ser !
E essa musica, tão rara,
da descrença, em que me achára,
me obrigou no mundo a crer !

Logo prostrei-me contrito,
e ante as luzes do infinito
cresceu da minh'alma a luz !
E eu, que uma cruz carregava
senti que menos pesava
junto d'harpa a minha cruz !

Achei estímulos santos
nos harpejos tantos, tantos,
em que outrô Éden achei;
e esqueci-me dos algozes
do genio, e as dôres atrozes
só por jubilos troquei!

Os jubilos deram palmas,
e eu, seguindo as puras almas,
venho as palmas hõje dar
a ti. virgem que soubeste
n'essa tua harpa celeste
descrenças tantas matar!

Prosegue, virgem bem dita,
dos teus paes fazendo a dita,
fazendo o teu lar feliz!
Não deixes a harpa divina,
que póde mudar a sina
de muita gente infeliz!

Rio de Janeiro, Setembro de 1867.



IMPRESSÕES DE VIAGEM

SAUDAÇÃO

À CIDADE DE SANTO AMARO.

POR OCCASIÃO DO ESPECTACULO QUE FOI DADO NO THEATRO DA MESMA,
EM BENEFICIO DAS FAMILIAS DESVALIDAS DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.



Salve, filha da Cruz, que te reclinas
nos braços do veloz Sergimerim!
Santo Amaro gentil, que hõje m'inspiras
a dar-te uma canção n'este festim.

Lá deixei a Princeza das montanhas
para fruir o amor dos lares teus;
mostrando em teu sorriso a charidade,
guiou-me ao teu regaço a Mão de Deus.

Eu já te amava, berço idolatrado
do guerreiro, que troca um céu de anil,
pelo furor dos vendavaes da guerra,
para affrontas vingar do seu Brazil.

Eu já te amava, uberrima planície,
d'onde se extrahe o assucar do hydro-mel,
fidalga no commercio irmão das lêttras,
das causas liberaes socia fiel !

Eu já te amava, nuncia do progresso,
quando ás artes erguendo o teu padrão,
das musas n'este bello sanctuario
te engrandeceste aos olhos da razão.

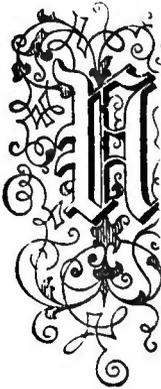
Mas, hõje, no festim da charidade,
minha lyra a teus pés grato depuz,
quando segui-te á luz do pensamento,
que exalta a humanidade aos pés da Cruz.

Floresce, terra amiga da pobreza,
voltem cêdo os guerreiros bravos teus;
recebe agora os hymnos do poeta,
Santo Amaro feliz, adeus, adeus!

Bahia, 12 de Setembro de 1866.

AO MAR

AO MEU AMIGO, O NOTAVEL POETA A. A. DE MENDONÇA.



o dorso cresco das ceruleas vagas
singra o baixel, rasgando a immensidade !
Nem uma luz da abobada celeste
fulgura n'este espelho do infinito!
Os astros esconderam-se p'ra o mundo,
involto n'um lençol de nuvens negras !
Dos ventos o rugir subito e rouco,
batendo de través nas rodas rapidas,
impede a marcha da veloce quilha.

Nem uma voz humana aqui murmura,
quando a voz das tormentas inauditas,
ao relampago horrisona roncando,
sacode o casco em impeto sanhudo
depois o atira ao vortice escumoso!
Campêa a noite e deita-se tremenda
no leito movidiço do oceano!...

Abysmo tragador de mil prodigios,
queres sorver de um lance as maravilhas
que circundam a terra?! Queres, monstro,
n'uma enorme spiral alçando as ondas,
arrogante, medir dos céus a altura
e marear dos astros o diadema?!
Já te não fartas, barathro insondavel,
dos thesouros que arrastas ao teu fundo,
dos colossos que esmagas nos teus braços,
dos gemidos que abafas com teus gritos?
Porque tentas ganhar a eternidade
e indispor-te com Deus, por tanto orgulho?
P'ra que, um dia, a immutavel mão do *fiat*
condemne-te á ruina e petrifique
a massa de tuas aguas assombrosa,
ou, por desprezo egregio, te reduza
a perdeses, humilde, a audaz corrente
por crivo aberto em rijo pedregulho,
que te encaminhe aos páramos do nada.

Mas, enquanto o castigo omnipotente
não desfaz a arrogancia com que sobes,
os calculos da sciencia destruindo,
vives em lucta acerrima co'os homens.
Debalde insistes no teu féro intento
contra as mãos caprichosas que te sondam;
uberrimos torrões debalde occultas
à bussola divina de um Colombo,
que, apontando aos teus intimos arcanos,
rouba-te um continente portentoso
para entregal-o aos homens fascinados!

Si pudeste afogar a pobre Moêma
nadando pelo amor do seu Diogo;
si em desforço das rispidas correntes,
com que açoitou-te o persico monarcha
sobre o Helesponto, deparaste á Hero
o seu Leandro, morto por teus odios;
si esplendidos castellos desmoronas
das ambições humanas, que te seguem,
illudidas depois por teus sarcasmos
com que engoles de um trago tantas vidas;
si as contorsões do esophago de bronze
têm vomitado em ti, por tantas vezes,
victorias que enternisam tantos seculos,
para ao depois beberes sangue de aguias,
para ao vencido e vencedor venceres;

si logras superar com teus furores
o vento, o espaço, a terra, o fogo e a carne,
bem sabes que cedeste reverente
das lusitanas glorias à passagem
pelo atrevido timoneiro Gama!
É que, sendo tão grande para um globo,
és ainda pequeno para o genio!
E, si tantos prodigios não convencem,
virão dias melhores em que o nauta,
evitando a extensão com que dominas
os paizes illustres que separas,
troque o rugir dos vagalhões terriveis
pelo altaneirô e ingente aereostato:
E então, voltando as primitivas éras,
has de sentir, em convulsiva raiva,
o escárneo mudo e insolito dos homens!

Bahia, Janeiro 3 de 1866.

OH DEIXA-ME TE AMAR!

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho

A. GARRETT.



Mulher! chamo-te, morto de saudades,
porque não vejo a luz dos teus olhares!
Parti.... minh'alma cega e desvairada,
ausente desse espelho fascinante
do teu rosto de archanjo, agros suspiros,
misturados de lagrimas, depunha
sobre as ondas do turgido oceano:
salvar queria as espiraes do abysmo;

romper tentava o denso véo da noite,
procurando na abobada deserta
o astro que illumina as esperanças ;
e, aos tredos sons dos ventos sibilantes,
supplicava-lhes, terna e angustiada,
que nas azas do amôr sempre martyrio
aos teus pés um gemido transportassem
do bardo em solidão, que te dizia :

Oh deixa-me te amar !

Lá de tão longe
não sei si a escuridão da noite aziaga
cahiu sobre os teus olhos, como as sombras
que se imprimiram no meu peito escravo
de máus presentimentos ; o sorriso,
com que sempre me alegras a existencia,
não sei si afugentou-se dos teus labios,
depois que est'alma em fervido delirio,
n'um aperto de mão se unindo á tua,
rogou que lhe guardasses uma esp'rança,
emquanto a pobre lyra triste e errante
sobre os mares vogasse ! não sei, diva,
si as auras te levaram meus protestos,
si alguma estrella te fallou do bardo !
Mas sei, que n'estes páramos infindos,
nas lavas de um volcão chorando um gozo,
junto meu pranto ás espumosas ondas,

beijo, na mente a imagem, que ficou-me
d'esse aperto de mão, que tu me déste;
respiro amor nas fúrias, que me cercam!

Oh deixa-me te amar!

N'este deserto
os instantes que eu conto por desditas
possam dobrar-te a rígida esquivança,
com que sempre os meus cantos retribues!
Ah minha Graziella, si este espaço,
linda rival da garça, tu rompêsses
p'ra o alvo collo reclinar nas pennas
do teu cysne saudoso; para as aguas
estacarem de pasmo aos teus encantos;
que legitivos não sentira o peito
já cansado de arfar! com que delirio
eu não corrêra a te apertar nos braços,
dizendo-te n'um extase inaudito:

Oh deixa-me te amar!

Aos meus desejos

— Impossivel! — responde este oceano!

Mulher, nesta distancia, que separa
meu coração do teu, podes, voluvel,
achar a pedra que sepulte vivo
o bardo que sagrou-te amor eterno!

Mas, d'esse azilo ephemero da morte
resuscitando sobre os teus olvidos,
quererás que eu maldiga a acerba culpa
de um acaso infeliz, que os céus roubou-me?!
Não deixes que em ti veja um céu perdido,
mas, deixa-me te amar!

Bahia, 8 de Janeiro de 1866.

SAUDAÇÃO

AO RIO JEQUITINHONHA

OFFERECIDA AO EX.^{mo} SR. CONSELHEIRO

MANOEL PINTO DE SOUZA DANTAS.



Salve, gigante aquatico suberbo,
que o collo e o dorso magestoso inclinas
n'um leito eterno d'impagaveis minas,
entre os seios de brásilas irmans !
Aos braços d'uma, rapido , fugindo ,
de outra esquecendo os vividos olhares,
corres, voluvel, p'ra lutar co'os mares,
perdendo o curso em resistencias vans.

Como as bôccas do indomito Amazonas,
que ao Atlantico enviam brado horrendo,
junto a Belmonte, sobre os pés t'erguendo,
caiar procuras do oceano a voz;
mas, si a arteria maior dos continentes
esbarra-se orgulhosa em tantas ilhas,
não consegue o poder das tuas filhas
guardar, Jequitinhonha, a tua foz.

Entre as margens, tão verdes, que te cercam
aos raios d'este sol que em ti s'espelha,
quando a aurora descobre-se vermelha,
das nuvens descerrando o negro véo,
quem, te mirando a limpidez das aguas,
com que matas a sêde ao passarinho,
não acha sobre ti melhor caminho
para transpôr os áditos do céu?

Ao lasso viajante, que te busca,
sob as copadas arvores dás sombra;
da tua relva na macia alfombra,
dorme quieto o hardido caçador;
na flôr do algodoeiro embebes-se seiva
para enroupar os tristes desnudados;
e os teus gostosos peixes são buscados
para a fome extinguir do pescador.

A planta do hydromel á tua beira
sobe tão alto que ao cultor convences
de qu'ém tanta uberdade o Nilo vences,
de que és do São Francisco irmão rival;
nos confins dos dous astros do Cruzeiro,
que lá sobre o teu Salto se limitam,
entre a Bahia e Minas zelo excitam
os thezouros qu'escondes por teu mal.

Em ti trocam-se as penas da saudade
por flôres com que veste-se natura;
do bardo a inspiração em ti se apura,
escutando o flautado sabiá;
dos genios da inconstancia libertado,
em ti se espraia o pensamento em riso;
em ti rescende o odor do paraizo
que aos homens escondêra Jehová!

Culpa não tens, gigante inanimado,
do desprezo em que vivem teus arbustos;
mas, esses habitantes são injustos
no olvido com que tratam tantos bens!
Tempo virá, caudal inexaurível.
em que dês aos mineiros e bahianos
cabedaes com que affrontem soberanos
imigas tramas, asperos vaivens.

Espantado da quilha que te rasga,
talvez perguntes ao futuro, agora:
como ser pode arauto de melhora
um monstro que vomita fumo assim?
Quando erigir-te o arado do colono
do Mississipi ao nivel, te responda
a benção de um porvir que não esconda
dos progressos á luz que não tem fim.

Ante o iris dos céus, que ora é prenuncio (1)
da gloria que a buscar-te lá se apressa,
agradecer não sabes a promessa
que este carro marítimo conduz!
Qu'importa? O persistir desta cruzada
paguem depois milhões d'almas brasílicas
e o prospero medrar d'essas familias
que abrigo pedem ao torrão da Cruz.

Não deixes que o baixel roce o teu fundo;
destruir não pretendas o elemento
que é dos brios d'um seculo portento,
que centuplica as forças da razão;
si queres exceder no grande imperio
ao teu rival que banha tantas leguas,
ajuda aos que ao trabalho não dão treguas,
deixa passar o abutre do carvão!

Posta a locomotiva sobre um centro
que o sertão mais recondito apropinque,
quando a sciencia do mar balizas finque
em ti, franqueando ao Pardo o Poassú;
dispostas pelo ardor do São Francisco
as barreiras qu'impedem tanta gloria;
sobre as outras cantando alta victoria,
has de ver triumphar Paraguassú.

E si amante do berço diamantino,
d'onde surgiste distendendo o collo,
desejas que floresça o inculto solo
que enterradas possui riquezas mil,
por teus braços gentis se abraçe alegre
Minas com a Princeza das montanhas,
e tenha essa união ligas tamanhas
que o Sul inveje o Norte do Brasil.

Eia, gigante aquatico suberbo,
curva-te ás esperanças d'esta nova
e do progresso á irrefragavel prova
no bahiano que veio t'explorar: (2)
volve á Minas e conta-lhe as vantagens,
que hõje promette esta veloce quilha;
mais tarde ha de avultar a maravilha
com que zombes dos impetos do mar!

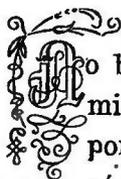
Bahia, 20 de Janeiro de 1866.

À NICTHEROY

VERSOS INSPIRADOS PELA ADMIRAVEL E POETICA ENTRADA
DO RIO DE JANEIRO,

OFFERECIDOS

AO DISTINCTO LITTERATO MACHADO DE ASSIS.

 No berço de Moêma, onde encontrei meu berço,
mirando o céu e o mar, ledô, eu passava alli ;
porém chamou-me a Patria e, na saudade immerso,
só pelo amor da Patria ao manso lar fugi.

E quando eu só me vi no tredo mundo d'aguas,
ao qual fui me entregar, buscando o frio Sul,
lagrima ardente dei, filha d'intensas magoas,
dos montes á Princeza e ao lindo céu azul.

Corri, corri, corri... e a lagrima, deixada
na gleba que se enxuga em florido lençol,
fez que nos olhos meus ficasse retratada
da minha lyra a musa e da minh'alma sol.

A etherea habitação do genio das procellas
transpuz na aza veloz do abutre do carvão;
mas, eu só vi no mar banharem-se as estrellas
e um campo d'esmeralda em vez do furacão.

Longe do patrio ninho e ao dormir do vento,
contando a minha historia ás ondas, solucei...
e quando quiz em terra ás magoas dar alento,
formosa Nictheroy, contigo m'encontrei !

Mas, sobre um leito d'espumas,
prêsa dos montes, jazias
e n'um turbante de brumas
a tua fronte escondias !
E quando apressei-me, louco
por ver-te do talhe um pouco,
por tocar-te os alvos pés,
senti a voz trovejante
do granitico gigante
que perguntou-me: — Quem és?! —

Então paráram meus passos ,
prendeu-se-me a voz de mêdo,
congeláram-se-me os braços
ante a inercia do rochêdo !
Temi que se levantasse
e que horrivel se arrojasse
o gigante sobre mim....
mas, quando a aurora mostrou-se ,
o monstro petrificou-se
e eu d'elle sorrindo vim.

Oh que painel estupendo
discortinou-se a meus olhos!
O dia em nuvens descendo
e as nuvens orlando abrolhos !
Dir-se-hia que n'essa hora,
ás vozes d'ave canora
e da brisa matinal,
o viver do homem incerto,
sendo em terra, era mais perto
da morada celestial!

D'este lado só montanhas
que protegem a cidade
do oceano contra as sanhas,
contra o horror da tempestade;

orgulhosos d'outro lado,
Pão d'Assucar, Corcovado
tentando attingir os ceus;
aquem — do mar os furores;
além — da côrte os fulgores
e ácima de tudo Deus.

Nitheroy, a historia escuta
que o meu plectro hõje te ensina;
foste a causa de uma lucta
findada por lei divina.
É cada um d'estes montes
um bando de mastodontes
que se afogaram por ti,
e, depois pelo Infinito
reduzidos a granito,
foram plantados aqui.

Bem lucraste co'a mudança
d'aquelles monstros em pedras;
tens n'elles tua pujança,
d'elles á sombra tu medras.
É que, quando astuta armada,
contando com franca entrada,
venha aviltar teu paiz,
hão de os traiçoeiros cascos
passar por sobre penhascos
para dobrar-te a cerviz.

Campêa, filha dos mares,
que a natureza te abriga
contra os bellicos azares,
contra arrogancia inimiga.
Do Guanabára sultana,
reclina-te soberana
sobre o teu petreo sophá;
folga em tuas alegrias,
que offuscar-te as louçanias
só cabe á luz de Jehová!

Na bahia do Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1866.

A LUA DO PARAGUAY.

AO DISTINCTO POETA AUGUSTO EMILIO ZALUAR.

udo é tacito e sombrio
do baido á saudade atroz ;
murmura apenas o rio
e se despêja veloz ;
corre, corre, procurando
na terra um regaço brando,
em que descanse talvez ;
até as limpidas aguas
fogem das bellicas fragoas
em que arde o cevo Lopez !
R.

Noite, porque me flagellas
n'esse teu mudo fallar?
porque a todas as estrellas
hei de suspiros mandar?
porque ha de cahir meu prauto
sob o teu lôbrego manto,
si eu não tenho um conductor,
que leve os thrênos da guerra
ao meu amor só na terra,
á terra do meu amor?

N'este ambiente que respiro,
é tudo adverso p'ra mim;
té dos planêtas no giro
a guerra encontrar eu vim!
É que esses astros, que eu via,
com tão magica poesia
lá no céu dos lares meus,
hoje aos meus ais não respondem,
e muitas vezes s'escondem,
quando êrgo os olhos aos ceus.

Quanto é acerba a tristeza
de quem longe a Patria vê,
quando é muda a natureza,
quando nos astros só lê;

quando não ouve no rio
d'ave do bosque um só pio,
a voz de uma só mulher;
quando, louco por victorias,
vê-se tão perto das glórias,
sem ganhar uma siquer !

Harpa, o que têm tuas cordas ?
O que tens, meu coração ?
Saudade, porque recordas
enlêvos de uma paixão ?
Como s'expande minh'alma !
Dos olhos foge-me a calma !
Que fogo aos meus olhos vem !
Que luz nas aguas derrama,
como, sorrindo, me chama
das noites a deusa, além !

É ella ! a medianeira
dos carmes do meu amor !
É ella ! a socia primeira
das magoas do trovador !
É d'ella, é d'ella o jucundo
rôsto de prata, que ao mundo
esquivou-me, quando o olhei,
meditando no desdouro,
com que o merito é só ouro,
com que o ouro é só a lei !

Que vens fazer, lua amiga,
n'este sáfaro torrão?
Porque na terra inimiga
dardêja assim teu clarão?
Porque diffundes teus raios
sôbre os rostos paraguayos
tão requeimados do sol?
Porque esplendida te alteias
sôbre as barbaras ameias
da nova Sebastopol?

Inda em teu lucido manto,
na tua esteira de luz,
reflecte-se todo o encanto
da terra de Santa Cruz!
Inda de ti namorados
vêjo os astros agrupados
como o Cruzeiro do Sul!
Inda uns olhos reproduzes
no fóco das tuas luzes,
nas luzes de um céu azul!

Mas, porque deixaste, ó lua
no curso rápido teu,
essa terra que era tua,
esse paiz que é tão meu?

Porque em throno de saphira
tentar me vieste a lyra
que em saudades se desfaz ?
Porque á Patria assim me arrastas ?
Porque comigo contrastas
no teu caminho de paz ?

Trazes-me, acaso, noticias
da minha Patria gentil ?
d'essa fonte de delicias,
da Princeza do Brazil ?
Acaso deu-te a Bahia
seu talisman de poesia,
para animares por cá
esses bizzarros guerreiros
que hõje postam-se altaneiros
ante as bõccas de Humaitá ?

Não precisa d'incentivos
para selvagens dobrar
quem grossos ferros captivos
outr'ora soube quebrar.
Lua, teu nitido rosto,
sobre a terra imiga posto.
antes mal pode fazer
á coragem do soldado
que, sandoso e desterrado,
anhela á Patria volver.

A Patria! Lua, compr'endes
o quanto este idolo val?
os mil affectos entendes
que brotam de um seio tal?
medes bem as influencias,
com que vincula existencias
e confunde n'uma só
esse influxo dos amôres,
que nasce das mesmas flôres,
que morre no mesmo pó?

Quantos pintores felizes
têm conseguido pintar
os variados matizes
do seu pacifico lar!
Mas eu retratar não posso,
lua, o paiz que é tão nosso,
sem teu argenteo fulgor,
sem nas aguas crystallinas
vêr o quadro em que fascinas
o pincel do trovador.

Já me parecem amigas,
debaixo do brilho teu,
estas costas inimigas
do placido berço meu!

Fragrancias eu já descubro
nas auras mornas de Outubro,
que tão só aspiro aqui!
Mas, ó lua, em vez d'esp'ranças,
tenho pungentes lembranças...
tenho ciumes de ti!

Porque a tua luz tão pura,
deixando os meus palmeirões,
hòje de acinte fulgura
sobre agrestes macegões?
Porque os meus olhos enganas?
porque das graças bahianas
tornas-te o espêlho fiel,
e te afugentas, tão perto,
como a fonte no deserto
à sêde atroz de Ismael?

Foge, e não volvas mais, lua,
do Tântalo à cupidêz!
Não venhas mostrar-te nua
aos sicarios de Lopêz!
Não t'espreguices, luzindo
com teu semblante tão lindo,
sem que eu possa te beijar!...
Não me percas, n'este enlêvo,
porque eu seguir-te não dêvo,
porque eu não posso voltar!

Volta, e dize á minha terra,
onde os amores estão,
que viste escravo da guerra
um corpo sem coração!
Volta, cumpre o meu desejo,
n'um raio teu leva um beijo,
beija a fronte de meu par!
Ouve esta lyra que é tua;
não sêjas, brasilã lua,
a lua do Paraguay!

Curuzú, 29 de Outubro de 1866.

O REMORSO DE AMOR.



Visão, anjo ou mulher, me perdôa o delicto
do ciúme voraz que perdeu-me a razão!

Foi desforço brutal, foi a dôr de um proscripto
que, buscando uma esp'rança, achou sempre a irrisão.

O meu crime perdôa, é baldado este esforço
para a nodoa apagar do sacrário de amor!
Soffre o meu coração nos vaivens do remorso,
e uma lagrima só me acalmára esta dôr.

Essa lagrima pia em teu rosto de archanjo,
si eu bebesse-a na sêde em que 'stou de perdão,
negra idéa afogára, em que a sós me confranjo,
e aditára-me o plectro e eu salvára-me então.

Mas és longe; e eu, sem norte, em saudades m'estorço!
Quanto mais te procuro e o teu lindo fulgor,
mais me avulta na mente o pesado remorso,
e, gemendo, me escondo aos que fallam de amor.

Foste a causa do crime, e maldigo a violencia
á que veio arrastar-me essa tua irrisão!
Porque lêste em minh'alma orgulhosa insistencia?
Porque ao *sim*, que implorei, respondes-te-me: *Não?*

Um capricho não era e o desejo não tive
de apossar-me de ti como altivo senhor;
me attrahiste, mulher, das paixões ao declive,
e eu descia feliz por mostrar meu amor!

Prosternei-me a teus pés, nos enleios da esp'rança;
desengano fatal desvairou-me a razão!
Dos sarcasmos crueis quiz tirar a vingança
e queimei teu retrato, arrojando-o no chão!

**Depois que esse thesouro entre as chammás sumiu-se,
mais formosa te achei da minh'alma na dôr ;
e o remorso de amor, de que a triste cobriu-se ,
só se pode extinguir n'um perdão só de amor !**

No Rio Paraná. Janeiro de 1867.

A NYMPHA DO PRATA.

Tu eres, mujer, um fanal
Transparente de hermosura;
Ay de ti, si por tu mal
Rompe el hombre en su locura
Tu misterioso cristal!

ESPRONCEDA.



Di-te, ó flor dos canteiros cisplatinos,
e pasmei de te ver tão bella assim!
Chorei por não saber cantos divinos
para sagrar-te, ó novo seraphim!

No eburneo collo na espaçosa fronte,
em que se ennastram da innocencia as flores;
no arfar do seio, do pudor na fonte,
inda vedada á sêde dos amores;

nas cubiçadas perolas da bôcca,
mais custosas que as filhas de Ceylão;
no sorriso que poz minh'alma louca;
na voz que despertou-me o coração;

da cintura no circulo acanhado
em derredor do qual giram mil zêlos;
dos hombros no finissimo arqueado,
que Phidias não deixou nos seus modelos;

n'essa gentil e languida postura,
com que maravilhaste os olhos meus;
nos rubis dos teus labios, na ternura
com que velaste os meigos olhos teus;

na ondulação do passo, na presteza
com que vontades moves, quando páras;
na graça com que alindas a tristeza,
quando na jaspea mão teu rosto ampáras;

na sciencia dos gēstos, na poesia
das rosas da tua face angelical,
em tudo, tudo, a formosura eu via
que só cabe nos moldes do ideal!

Si eu não tivesse o coração partido
por saudades crueis d'enlêvos tantos,
talvez me achasses a teus pés ferido
pelo toque subtil dos teus encantos.

Nos crivos d'essa renda afortunada
d'onde buscam teus seios s'escapar -
quando penetra a brisa enamorada,
quantos choram ter labios sem beijar!

Ha mais brilho no Prata, quando acordas;
ha mais frescura no ar, quando respiras;
e, quando sôam da tua voz as cordas,
concertam-se de amor quebradas lyras.

Entre os furores mil d'Oribe e Rosas
com que seiva pudeste assim florir?
Foi co'a seiva das auras que, zelosas,
baixáram lá dos céus p'ra te nutrir.

Da Andaluzia a cristalina lympha
e a lympha que de Alhambra o sol retrata
correm para buscar-te, ó casta nympha,
gemem porque te miras só no Prata!

E sabes tu porque tão longe abalas
as correntes do Darro e do Genil?
É que da Iberia a mesma lingua fallas
e tens a patria junto do Brazil.

Americana flor, si for preciso
deixar um dia as argentinas zonas,
vae habitar o novo-paraiso,
vae florescer nos braços do Amazonas.

A lyra vae rever, que tão saudosa
os seus carmes risonhos deu-te aqui,
vae ser dos meus vergeis a extranea rosa,
vae ser do paraiso a nova *huri*.

Parthénope do Prata, o sentimento,
que excitaste em minh'alma, foi tão forte.
que me fez olvidar, por um momento,
a saudade, a descrença, a dôr e a morte!

O MARINHEIRO.

A escola do marinheiro
É a voz da tempestade,

G. DE AMORIM.



Suspende! Leme a bombordo!
Larga as bolinas de prôa!—
Eu não quero andar á tôa
contra o vento e contra o mar.
— Olha a escôta do velacho!
Alerta, alerta, gageiro!—
Este maldito pampeiro
tenta o meu barco afogar.

— Leva á riba! Orça um pouco!
Toma sentido no rumo!....
Vão buscar aquelle prumo,
que eu quero ver onde 'stou! —
O vento sopra de rijo,
o mar se encapella iroso,
mas, este casco alteroso
nunca do mar se espantou.

O céu se veste de negro!
É imminente o aguaceiro,
porem meu fino veleiro
gosta das aguas dos céus!
Quando se escondem os astros
ante o genio das procellas,
para amparar-me estas vélas
só tenho o dedo de Deus.

No meio de mil perigos,
sobre as ondas infinitas
quantas estranhas desditas
não se consumam sem dó!
Antes assim, antes morto
sobre o deserto das vagas,
que ouvir aviltantes pragas
e rastejar pelo pó.

Aqui ninguem me governa ;
todos aqui me obedecem ;
meus estes mares parecem ,
e este casco todo é meu ;
nas azas do vento eu vôo
mais que o condor lá dos Andes ;
d'aqui não distingo os grandes ,
grande e sabio aqui só eu.

Que m'importa a sociedade
que lá na opulencia gemê ?
Quando eu ponho a mão no leme ,
quando ponho em Deus o olhar ,
ligo aos orgulhos da terra
o preço de um grão d'arêa ,
porque minh'alma vae cheia
da magestade do mar.

— Toma cuidado , marujo !
Faze prôa de sudoéste ,
que nos protege o nordéste
e eu não quero ingrato ser !—
Quem não aproveita o vento ,
quando sopra favoravel ,
é mais nescio , é mais culpavel
que a mais perfida mulher.

N'este livro do infinito
que de prodigios eu leio!
Por aqui outr'ora veio
o teimoso explorador
que, buscando os seios virgens
d'essa America impossivel,
nos deu co'a bussola incrivel
do globo a porção maior.

Colombo, achaste a vingança
no que era tão combatido;
viste o mundo arrependido
adorar o teu pharol!
Firme será teu renome,
emquanto a terra mover-se,
emquanto o nauta embeber-se
no mar, no vento e no sol.

Os que lá folgam na orgia
dos opiparos jantares
nem se lembram dos azares
a que nos expomos nós!
Depois que as luzes se apagam
ante as ephemeras galas,
vão os bonecos das salas
sonhar co'as damas a sós.

Não lhes invejo taes sonhos ,
não lhes peço uma saudade ;
não procuro a sociedade
em que se mercam paixões ;
não quero ser afagado
por sentimentos fingidos ;
do mar prefiro os bramidos
ao convívio das traições.

Aqui tenho o céu por tecto ;
tenho as nuvens por cortinas ;
as ondas por dansarinas ;
por mirante o meu baixel ;
tenho as estrellas por lustres ;
tenho a musica dos ventos ;
estas gavias por assentos ,
por socia a agulha fiel.

Por socia? Não ; por meu guia ;
que a minha socia querida
tem lá metade da vida
que anhélo inteira lhe dar.
Rompe , meu brigue , este espaço
e encontra a adorada ilha ,
em que tenho esposa e filha ,
em que me esqueço do mar !

Mas, o nordéste acalmou-se!
Vento escasso pela amura
de bombordo; é já loucura
navegar com tempo assim!
O mar não quer que eu prosiga;
quanto mais elle me afasta,
mais um desejo me arrasta
p'ra quem espera por mim.

Onde pára a minha estrella?!
Que sorte avêssa que eu tenho!
Quero dar fundo ao meu lenho,
e o destino diz que não!
Vou lutar contra o destino:
— Riza as gaviás e o traquete!
fêrra o grande joanete,
senão te ferro no porão! —

Infeliz do marinheiro
que aos velhos amores tarda!
Quem sabe si ella me guarda
a fé que eu lhe guardo aqui!
A esta hora, quem sabe,
nos braços d'outro embebida.
sem ver que arrisco esta vida,
ella atraicôa e sorri!

Mas não; este mar volúvel
e este vento traiçoeiro
são causa do marinho
desconfiar de qualquer ;
e, portanto, não te queixes
dos meus temerarios zelos;
no fogo dos meus anhelos
do mar são filhos, mulher !

Tudo que eu levo comigo
é para depôr-te ás plantas ;
este amor com que m'encantas
é quem traça os planos meus;
é por elle que eu procuro
ganhar da riqueza a palma,
para ancorar a minh'alma
p'ra sempre nos seios teus !

UM SORRISO.

OFFERECIDO AO MEU ESPECIAL AMIGO E MESTRE

O EX. SR. DR.

SALLUSTIANO FERREIRA SOUTO.



Quando a virtude de um thálamo
reproduz-se na innocencia
e crê perdida a existencia
da flôr que a custo brotára,
Deus, condoído das lagrimas
da pobre mãe supplicante,
abre as palpebras do infante
que desprende á afflicta Sára
um sorriso.

Mudam-se berços em tumulos;
e o fructo, que ia morrendo,
vae crescendo, vae crescendo,
co'a seiva de ternos beijos;
si o filho chora, a mãe queixa-se;
si o filho dorme, a mãe véla;
si desperta, encontra n'ella,
prompto sempre a mil desejos,
um sorriso.

Bate o filho as azas sófregas...
e a mãe, deixada n'um êrmo,
p'ra tocar da vida ao termo
do filho os braços procura;
Volve o ingrato, e os labios tremulos
da mãe, que abençôa e esquece;
erguem, morrendo, uma prece;
co'a prece a morte mistura
um sorriso!

Chora o vivo a perda subita
d'aquella que o deu á vida,
e, por final despedida
beijando a lousa tristonho,

da glória se atira aos áditos,
sem nunca avistar a glória;
e na carreira illusoria
busca, enlevado n'um sonho,
um sorriso!

Cançado de andar o misero
susta os passos, desaníma;
mas uma força de cima
levanta o prostrado verme:
e corre no immenso vacuo
o' romeiro desditoso,
e encontra um rosto doloso,
que entranha-lhe ao peito inermes
um sorriso.

De amor pára a incauta victima,
dobra o joélho á belleza;
e pondo ardente firmeza
na linda estatua de gêlo,
dorme entre abraços e osculos;
mas, despertando entre abrolhos,
logo se pinta a seus olhos
— um sarcasmo ao justo zêlo,
— um sorriso!

Um sorriso da vil perfida
que voltou costas ao crente!
E o solitario demente
ouve ao longe o escarneo e chora!
E emquanto em ciume indomito
segue doudo um trilho erroneo,
d'aquella mulher — demonio
na falsa bôcca inda mora
um sorriso!

Si os prantos que dizem lástima
afogam tanta agonia,
e si a mão de um'alma pia
fontes de prantos estanca,
oh! que fortuna equipára-se
ao consorcio dos prazeres,
quando no amor de dous seres
trévas de duvida espanca
um sorriso?

Porque no medonho ergastulo
não calou-se o cysne eterno
p'ra quem foi a vida — inferno
sobre insultantes vaidades?

É que do Tasso no espirito
adejava a esperança infinda
de rever Leonor ainda
lhe dando , através das grades,
um sorriso.

Erguei-vos das lousas gélidas
entes que vistes o jôgo
dos olhos que apagam fôgo ,
dos olhos que o gêlo acendem !
Dizei si os olhares vividos ,
si os mortos olhares sabios
mais exprimem do que os labios
que de volupia desprendem
um sorriso !

Bem vezes um riso é mascara
de afeições enganadôras ;
mas , si ha lagrimas traidoras ,
não pasma que um riso illuda ;
de certas bôccas as pérolas
veneno de amor occultam ;
bem risos prazer sepultam ;
e eu fujo á mulher que estuda
um sorriso.

Mas, quando a belleza mostra-se
nos labios o que é no peito,
tem soberano direito
de ser n'um riso adorada;
mais que nas obras esplendidas
de um Corregio ou de um Canova
de Deus fulge a immensa prova,
na luz que tirou do nada
um sorriso.

Si de Lucifer aos crédulos
Deus marcou penosos trilhos,
com que do peccado os filhos
hóje tanto se consomem,
de Deus abrandou-se a colera
para os humanos destinos,
quando em labios femininos
deixou por Éden do homem
um sorriso.

Bem como a lua diáphana
da noite extingúe os negrumes,
quando retrata os seus lumes
por sobre a face das aguas,

assim a donzella candida ,
sentindo as nuvens de um rosto ,
d'essa alma alija o desgosto ,
quando lhe infiltra nas mágoas
um sorriso.

Um sorriso de anjo é dadiva
que nem se paga co'a vida ;
um sorriso tal convida
da gloria a ferir-se a meta !
Ah ! si um sorriso entre lagrimas
fosse o meu premio vindouro ,
só me bastára esse louro ,
porque só me fez poeta
— um sorriso !

Tuyuty, 14 de Maio de 1867.

O INVÁLIDO.

Quem vestiu de bravo a farda
Não deve andrajos vestir;
Mão que deu fogo á bombardarda
Não deve esmolas pedir.

F. MONIZ BARRETTO.



Deixem passar o soldado
que, por velho e mutilado,
já não merece attenções! —
Eis como triste dizia.
O invalido que sahia
do meio das multidões.

Porfim mostrando a sacola
disse: — Por Christo, uma esmola!
uma esmola para mim! —
Muitos as costas lhe davam
e outros a esmola atiravam,
gritando ao mendigo assim:

— Vá trabalhar, que inda póde
e os outros não incommode
com seû constante pedir!—
E elle dizia—« Si venho
« supplicar, é que não tenho
« mais forças para servir!

« Perdi n'um pellouro o braço;
« de uma granada o estilhaço
« esta perna me partiu!
« Quando o mal da sorte ingrata
« eu chorava, a catarata
« um dos meus olhos cobriu!

« N'este estado lastimoso
« côxo, cêgo e tão idoso,
« ao governo recorri,
« e por não morrer á fome,
« dos meus serviços em nome,
« uma pensão requêri.

« No meio d'estes revezes
« que me opprimem, quantas vezes
« o ministro procurei,
« té que o ministro me vendo
« na escada, foi respondendo:
« — Os seus serviços verei! —

« Por altivo não me tomem,
« mas n'esta fracção de homem
« quem bons títulos não vê,
« é que, de tudo descrente,
« como em si honra não sente,
« de alheias honras descrê!

« Busquei de novo o ministro
« e por achal-o sinistro
« nos modos com que me olhou,
« nada pedi-lhe e, por nada,
« gritou-me á beira da escada:
« —Hoje audiencia não dou!— (3)

« Sem pão p'ra os filhos pequenos,
« sem ter quem me empreste ao menos-
« o necessario p'ra o pão,
« puz nos hombros a sacola
« para tirar uma esmola
« de quem tiver coração.

« Qual o tronco desnudado
« do arbusto, que desgalhado
« foi dos ventos ao vaivem,
« e não tem mais quem lhe olhe
« porque os homens não recolhe
« do sol e fructos não tem;

« tal vivo agora na terra
« depois que voltei da guerra
« em que a Patria defendi!
« Depois de taes sacrificios
« foi o escarneo dos patricios
« o pago que mereci!

« Si por faltar-me hoje um braço
« e uma perna, ao mundo escaço
« não posso inspirar o dó,
« meu Deus, porque esta existencia
« me conservas na indigencia,
« em que me vejo tão só?

« Sahi de casa em gemidos,
« porque os filhos meus queridos
« á fome gemendo estão!...
« Escarneo inspiro á gentalha!
« quem me dá, me diz:—Trabalha!—
« me insulta quem me diz—Não!

« Si esta perna que inda tenho,
« e este braço, que ora venho
« á charidade estender,
« o meu corpo equilibrassem,
« e para o viver prestassem,
« como eu presto p'ra morrer,

« eu nas ruas não andára
« me curvando á gente avára
« soberba de seus dez reis ,
« não mostrára esta sacola
« a quem , por dar-me uma esmola ,
« atira insultos crueis !

« Mas si o ministro attender-me ,
« si uma pensão conceder-me ,
« em premio do que eu passei ,
« quando co' a minha bandeira
« abraçado , na trincheira
« mil perigos encarei ,

« então , sim , então minh'alma ,
« fruindo celeste calma
« junto dos filhos no lar ,
« inda ha de pedir a vida ,
« p'ra ver a Patria aggredda
« das aggressões triumphar ! » —

E o pobre do mutilado ,
nas molêtas apoiado ,
fallando assim se ausentou ;
e , cada vez que implorava
sarcasmos sempre encontrava
no que dizia :— Não dou.

Um dia, ainda me lembro,
(era um dia de Dezembro,
rajava em tudo o prazer)
achei um vulto estendido
na rua, e fiquei sentido,
julgando um bebado ver....

Acerquei-me d'elle, e quando
fui as feições lhe avistando
e a dôr que o pobre soffreu,
não quiz mais saber-lhe o nome....
Era o invalido que á fome,
por ser um bravo, morreu!

Rio de Janeiro. Dezembro de 1867.



NOTAS DA TERCEIRA PARTE

(1) O arco-iris que ostentava-se no horizonte quando o vapor subia o rio.

(2) O Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Dantas, presidente da provincia da Bahia.

(3) Não sei qual foi o excellentissimo. Quem me contou essa historia não declinou nomes. Não ha motivo , portanto , para que os actuaes ministros tomem a carapuça. O que é verdade é que essa historia foi verdade.



LYRA DE CREPE

A AGRARIO DE SOUZA MENEZES.

Cahiu morrendo , não morreu cahindo.

E o que é a vida?
Minuto na extensão da eternidade;
Relampago fugaz, que brilha e morre
Entre os roucos rugidos da tormenta.

AGRARIO (*Calabar*).

I



filhos da Santa Cruz! grata homenagem,
do sentimento a intima linguagem,
que só traduz a dôr,
vinde render ao genio soberano,
ao astro, que luziu no céu bahiano,
das lêttras ao cultor!

Gloria ao seu nome! Si a materia escaça
é victima do tempo, qu'esvoaça
sobre o pó, que se esvae;
o espirito, não; jamais se apaga;
de penetrante luz a terra alaga
quando da terra sae.

Assim foi elle, ao despedir da vida;
hòje sobre memoria tão querida
 vejo um anno correr!
Dias, que são por lagrimas contados....
prantos de corações despedaçados....
 em penoso viver!

Mulher, que sobre o thálamo saudoso
em vão suspiras pelo morto esposo,
 em triste viuvez!
por goivos se trocaram teus amores....
só entende os teus ais, os teus clamores,
 do cypreste a mudez!

II

Poétas! do alaúde, que estalara,
que a patria redempção eternisára
 em cantos immortaes,
jamais escutareis tão doces hymnos!
foram juntar-se aos canticos divinos
 os harpejos finaes!

Das musas no bahiano sanctuario,
de principe do drama teve Agrario
 os perennes laureis;

quando a fronte de louros coroava,
era alli, que brioso triumphava
dos zoilos infieis.

De Guttenberg a filha inda prantêa
o fervoroso apostolo da idéa,
que é do povo a razão ;
na lucta, que ennobrece a intelligencia,
dos grandes abatia a prepotencia
o illustre campeão.

III

Tão cedo! porque a morte, n'um momento,
ha de paralyzar o pensamento,
e o genio succumbir?
Porque ha de o sopro do infortunio irado
desfolhar sobre a lage do passado
as flôres do porvir?

Agrario, succumbindo, tu provaste
a força irresistivel de um contraste,
para os homens fatal!
Hontem a gloria te abrazava o peito ;
dormes agora sobre o frio leito
o somno sepulchral!

De tanta luz, que a mente clareava,
de tanto amor, que o coração guardava,
 já tudo s'extinguiu!
O cedro contemplando a immensidade,
pelo trovão de horrivel tempestade
 fulminado cahiu!....

Cahiste!.... mas vòu ao céu tu'alma,
e junto ao Creador cinges a palma
 de poéta christão;
condôr altivo não mediste o espaço;
da crença estoica o sempiterno braço
 guiou-te n'amplidão!

Bahia, Agosto de 1864.

ELEGIA

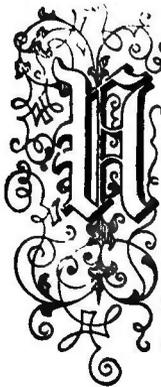
AO PREMATURO E DEPLORAVEL PASSAMENTO DE MEU INTIMO
E PREDILECTO AMIGO
O DR. ANTONIO ALVARES DA SILVA.

L'amertume est mon miel, la tristesse est ma joie ;
Un instinct fraternel m'attache à ton cercueil ;
Nul chemin ne m'arrête, a moins que j'y ne voie
Quelque ruine ou quelque deuil !

(LAMARTINE.)

Aquella bócca,
Que em turbilhões sonoros d'eloquencia
Raios vibrava, gelida mordação
Para sempre fechou ! O caudal rio,
Que no curso afanoso promettia
Tanta fertilidade ao patrio sólo,
Sécca total sorveu !

(LAURINDO RABELLO.)



Ho! a vida não é o que suppunha ;
é um sonho que as almas acabrunha ,
de que a morte é o subito acordar ;
craneo que pensa, verme que rasteja,
aguia atrevida que p'ra os céus adeja ,
o somno da existencia hão de findar !

Distincções não conhece a lei do acaso,
quando nos marca o terminado prazo
o ponteiro da pendula vital;
a criação mirando de tão alto,
o homem sáe de horrivel sobresalto
para tombar no leito sepulchral!

Dos animaes n'essa infinita escala,
que vale ao rei dos animaes a falla,
si o exterminio fatal rouba-lhe a voz?
O corpo, si lhe diz a morte: « Basta! »
no pó do esquecimento o manto arrasta,
e vae prender-se á campa em duros nós!

Escrava da materia, a intelligencia
do corpo nas ruinas perde a essencia;
tudo é nada! Não sei já que sou eu!...
Razão! vem responder aos meus lamentos,
illumina os meus negros pensamentos,
não deixes que se torne um crente atheu!

Ambições do porvir, sciencia, estudo,
prazeres de um amor, que abrange tudo
nos arcanos da humana aspiração,
param da morte ao subitaneo sopro!
Da gloria o estatuario perde o scopro
quasi ao findar!... Responde-me, razão!

Cala-te , pobre insensato ,
que não sabes
sondar o poder egregio !
Por Deus ! o teu sacrilegio
não acabes !

Nas magoas , que te desvairam ,
tens desculpa.
Ao erro o homem entregue ,
do destino , que o persegue ,
teve a culpa.

Tuas lagrimas enxuga ;
n'um jazigo
já não tens que ver agora :
Na mansão dos justos móra
teu amigo.

D'este abysmo de incertezas
quiz o Eterno
que ao seu throno elle voasse ;
mandou que um anjo o salvasse
d'este inferno.

O cypreste aos teus gemidos
 não responde ;
mas , o tempo um nome puro
ao juizo do futuro
 não esconde.

A perda immensa que choras ,
 soffre , e cala !
Si vive a tua amizade ,
ouve o anjo da saudade ,
 que te falla.

— « Não morre o genio ; quando o céu devassa ,
« da eterna graça vae gozar no Céu ;
« si o homem foge d'este mundo á scena ,
« acha-a pequena para o genio seu.

« Assim foi elle ! Percorrendo a estrada
« de luz , cercada por corôas mil ,
« deixando a vida , glorioso drama
« na voz da fama te deixou , Brazil !

« Alvares , cinges immortal diadema !
« A Mão Suprema , que te fez christão ,
« quando dos crentes concedeu-te a palma ,
« fez da tu'alma divinal padrão.

« Prestante amigo, sem pedir direitos ,
« não déste preitos ao servil altar;
« honroso enlevo ao paternal regaço,
« do sangue o laço tu soubeste honrar.

« Na terra amada, que o teu berço vira,
« sempre á mentira apresentaste a lei,
« foste do povo garantia immensa,
« astro na imprensa, na palavra rei!

« Quando teus labios, da sciencia ungidos,
« os meus ouvidos embalar senti,
« em catadúpas d'eloquencia rara
« o Niagára da eloquencia eu vi!

« Da Medicina illuminado athleta,
« ias a méta do saber tocar!...
« Transpondo o espaço no mrotal delirio,
« foste ao Empireo teu fulgor mostrar!

« Brazil, te peço, pelo amor da sciencia,
« que á intelligencia um monumento dêś!
« Nos teus annaes, do prestimoso filho
« consagra o brilho, que tão grande o fez! » —

Saudade! quebraste o élo,
que ao sacrilegio prendeu-me;
tua voz fortaleceu-me
nos transes do coração!
Alvares, foste um gigante!
bem vejo que não morreste;
titan na luta venceste...
venceste a morte, razão!

Na republica das lêttras
sempre tendendo ao sublime,
tua razão fez um crime;
os preconceitos desfez!
Ao capitolio subindo,
no popular manifesto,
Alvares, foste um protesto
contra a rica estupidez.

N'este humano labyrintho
não ha vontades, que o domem,
quando á gloria aspira o homem,
para os ricos abater;
nos sarcasmos, que lhe cospem
sobre o pobre nascimento,
faz subir o pensamento,
faz a suberba descer.

Vêde o contraste maldito,
nobres, do vosso thesouro!
vêde a luz, que tem o ouro,
da intelligência ante a luz!
vêde o genio audaz de Franklin
nas mãos o raio aparando!
vêde o dinheiro comprando
Judas, que vende Jesus!

Coração, recolhe as queixas;
d'este mundo não maldigas;
sem a crença não prosigas;
bemdize o teu Creador!
Harpa do luto, silencio!
Alvares, junto de Agrario,
por milagre do Calvario,
revive aos pés do Senhor!

Bahia, 29 de Março de 1865.

AO PASSAMENTO

DO MAVIOSO POETA JOÃO ANTONIO DE FREITAS

POESIA

RECITADA NO CAMPO SANTO POR OCCASIÃO DE DAR-SE A
SEPULTURA O SEU CADAVER.



nda esta vez a morte erguendo o sabre
tinto de sangue, seu furor completa!
Aos meus olhos um tumulo se abre
para esconder a fronte de um poeta!

A pedra, ultimo azilo aos inspirados!
O gelo ao éstro, que fervia em brazas!
O cysne pelo manto dos finados
a plumagem trocou das brancas azas!

Elle era um craneo em magoas fluctuante,
teve por guia o dêdo do *impossivel*;
folha solta d'uma arvore gigante
à colera dos ventos impassivel.

Que é feito d'esses labios que se abriam,
do pensamento a despejar faiscas?
São dos vermes, já luz não irradiam!
Homem, porque ao futuro inda te arriscas?

Vês este quadro? É cópia da desgraça
gravada pela mão da Eternidade!...
O minuto de um seculo que passa,
roubando seiva á flôr da humanidade.

Senhor! porque da vida no proscenio,
quando co'a a vista o infinito corre,
ha de as glorias fitar, sorrindo, o genio,
e o destino bradar-lhe: « Pára e morre »?!

Ante os cravos da Cruz tudo é bem pouco!
Sou christão, da blasphemia tenho medo...
Meu Deus! este segredo faz-me louco;
aos humanos revêla o teu segredo!

Debalde! tudo é mysterio,
visão, que engendra o delirio;
tudo é como a luz de um cirio,
morre ao sopro do tufão!
Mas, si uma vida se extingue
nos restos da carne humana,
volve um'alma soberana
ao *fiat* da criação.

Deus disse ao mundo: « Caminha! »
Disse ao homem: « Vive e espera!
« do peccado habita a esphera,
« segue o amor, que te seduz!
« Nos crimes perdes o nome!
« Não te escravises ao erro!
« Da morte o braço de ferro
« te mostre os braços da Cruz! »

Eis do Golgotha a palavra
em lêttras de sangue escripta;
é a palavra bemdita
pelos psalmos de David!
A vida não se resume
n'este espaço limitado:
Impios, fugi do peccado!
d'esse barathro fugi!

Silencio! seccae-vos, prantos!
Dorme o bardo o ultimo somno;
do Christo elle guarda o throno,
mas seu nome aqui ficou.
Desviemos d'esta lousa
vistas ao erro sujeitas...
Dorme em paz! recebe, Freitas,
o triste adeus, que te dou!

Bahia, 19 de Maio de 1865.

ABRAHÃO LINCOLN.

POESIA

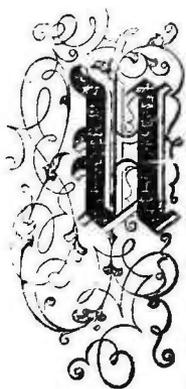
OFFERECIDA AO DIGNO REPRESENTANTE E AOS SUBDITOS DOS
ESTADOS-UNIDOS, RESIDENTES NO BRASIL.

É mais para invejar o varão que se faz
grande e famoso pelo engenho e pelos actos,
do que o homem, que já nasceu entre bra-
zões herdados.

Lincoln é d'esta raça privilegiada, pertence
a esta aristocracia.

REBELLO DA SILVA. (*Discurso proferido na
Camara dos Pares.*)

I



Um povo em luto, a Liberdade em prantos,
Pelo Norte do novo continente
um clamor de vingança ergue-se horrível
como o rugir do Maelstrom que ameaça
sorver o frio dorso da Noruéga!
Ao espalhar-se o brado, oh caso estranho
do leito do Erié se despenhando,
dobra o passo a famosa catadupa!...

corre vertiginosa como o raio!...
e depois, desfazendo-se em lamentos,
no regaço do Ontario echôa um nome!
Que nome poude assim mover os prantos
da humanidade em funebres suspiros?!
Que gemidos são esses que despertam
as regiões longinquas do universo?!
Porque soluça um povo?! Porque geme
a Liberdade afflicta ante o sepulchro
de um ente como os outros?! Que prodigio
transmudou-se dos marcos do finito
para transpôr umbraes da Eternidade!
E que memoria é esta veneranda,
que das cultas nações da velha Europa
inspira honrosos preitos de saudade
à respeitavel filha de Colombo?!

Quem, hõje, não conhece a triste causa
d'essa homenagem concedida a poucos?
É porque o mundo inteiro se levanta
contra o barbaro crime, que tentara
enxovalhar as paginas da historia!
Mas, antes que o futuro exprobe a nodoa
às folhas resequidas pela idade,
— anathema ao punhal dos assassinos!
— suffragios para os nobres como Lincoln,
o filho de um lenheiro humilde e pobre,
o pae de uma nação soberba e grande!

II

No paiz do trabalho e do progresso
pela união das forças que não cançam,
dous temiveis partidos contendiam
na arena amontoada de feridos
só gottejando sangue sobre as plagas,
que banha o caudoloso Mississípi.
Lucta de irmãos! sacrilego combate!
D'este lado a razão, d'aquelle o erro.
Um porfiava pela idéa sancta,
que dimana de Deus, que só quer livres;
e o outro, abjurando, protegia
a lei da escravidão; anachronismo
que sujeita ao ergastulo perpetuo
homens, que á luz do mesmo sol nasceram!
que avilta a creatura a pêso de ouro!
que compra o *eu* da consciencia humana!
Estrenuo campeão do pensamento
do voto popular - que o collocara
no supremo poder - foi sempre Lincoln
o defensor acerrimo dos livres.
Entre o furor de Pertersburg e Richmond,
ante as armas do forte cede o fraco;
vence o braço de Grant... Lee capitúla!..
Ganha Lincoln a causa... Davis foge...
Da escravidão o cancro váe sanar-se...
triumpha o pavilhão da liberdade!

III

Dos soldados do Norte os epinicios,
as saudações do povo estrepitosas
ao rei do capitolio, como outr'ora
ao vencedor altivo de Pharsalia,
vão findar aos caprichos de um acaso!
Eil-o que assoma o Abrahão americano,
recebido aos *hurrrhds* da turba em extasis,
no sanctuario das musas; e absortos
em contemplar o idolo do dia,
todos se perdem no prazer da noite.
Um tiro de repente se dispára!
Depois surdo gemido, que precéde
á agonia final!... Salta um espectro
por sobre a multidão! Ninguém se move!
Quando a polvora falla aos desarmados,
dos animos de todos se apodera
um panico terror, que sempre é mudo!
Aos gritos de uma esposa então respondem,
depois que o assassino s'evadira:
Maldição!... maldição! é morto Lincoln!

IV

O tiro espedaçara um craneo herculeo!
Da balança que, certa, pesou sempre
os destinos da patria liberdade,

perdido o seu fiel, da morte ao embate,
uma concha pendeu para o sepulchro.
a outra se elevou para o infinito.
Foi tão certo o braço do homicida,
como d'Africa o tigre traçoeiro,
que á luz do dia occulta-se na cava,
para, á noite, afiando as trêdas garras,
a morte inocular na presa incauta.
Mas enquanto o punhal de Catilina,
nas ruínas de Roma sepultado,
se transformava em bala ás mãos de Booth,
para a vida tirar de um peito augusto,
Washington, baixando ao terreo berço,
levava aos céus, purificado e livre,
o espirito de um martyr do seu credo,
para guardal-o na celestê gloria!

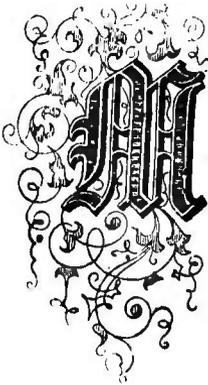
Anathema ao punhal dos assassinos!
Suffragios para os nobres como Lincoln,
o filho de um lenheiro humilde e pobre,
o pae de uma nação suberba e grande!

Bahia, 25 de Junho de 1865.

SONETO

À SENTIDA MORTE DO MEU COLLEGA E AMIGO

AMERICO PACHECO PEREIRA.



Mais um que passa, sem tocar nas fôres
que nos vergeis plantára do futuro;
mais um p'ra quem o sol tornou-se escuro,
ao lhe apontar a taça dos amores!

Mais uma lyra se partiu nas dôres
de um suspiro de morte prematuro;
mais um qu'em leito verminoso, impuro,
o manto despe dos vitaes fulgores!

Meteóro fugace da existencia,
n'uma lagrima expira a mocidade,
ao penetrar nos paços da sciencia!

Mas quer Deos que, amargando agra saudade,
curvem-se os homens á immortal sapiencia
que n'um atomo acende a eternidade.

Bahia, Abril de 1866.

LEOPOLDO I

POESIA INSPIRADA PELA INFAUSTA NOTICIA DO FALLECIMENTO
D'ESSE GRANDE MONARCHA.

Rei bem providente e activo,
Rei prudente e compassivo,
Illustrado e popular;
Rei, que os grandes acolhendo,
Mas, seus excessos contendo,
Saiba os pequenos honrar.

F. MONIZ BARRETTO.



egando ao mundo, a quem se fez tão caro
eternos rastros de um viver bem raro
um monarcha expirou!
Seu brazão era a purpura singela;
seu throno o povo; seu diadema a estrella
que a Europa illuminou.

Decano das corôas européas,
era robusto em liberaes idéas,
no trabalho efficaz;
entre aguias e leões era a bonança;
como fiel da versatil alliança
marcava sempre a paz.

Jamais nas baionêtas confiava
dos paizes os creditos firmava
na força da razão;
mas, si áltiva nação fosse insultal-o,
corrêra um povo em furias p'ra vingal-o
qual vingá-se um leão.

Aos pés de Deos, no pantheon da historia,
cinge Leopoldo a aureola da gloria,
que soube conquistar;
os échos de Waterloo dizem — saudade;
e as perdas, que lamenta a liberdade,
valem bem um altar.

As benções da memoria soberana
chegam á região americana
da fama no clarim;
aos filhos de Colombo entristecidos,
rememorando um rei entre gemidos,
sôa uma voz assim:

« Lá cobre a pedra tumular o craneo
« de um sabio justo e compassivo rei,
« que as leis zelava de um paiz extraneo,
« quando a arrogancia conspurcava a lei.

« Arbitro augusto do infeliz conflicto
« por Christie erguido no torrão da Cruz,
« juntou Leopoldo, no pensar bemdito,
« do throno o brilho do saber á luz.

« Juiz que foste aos brasileiros grande,
« no teu jazigo d'eternal fulgor
« consente agora que o Brasil te mande
« lagrîma ardente de saudoso amor!

« Era pequeno p'ra o teu sceptro o mundo:
« foste nos reinos immortaes reinar,
« aos pés d'um solio que não tem segundo
« junto da gloria que te foi honrar!»

Por fim calou-se a altiloqua
trombêta do infinito,
que abafa o tredo grito
da inveja e das paixões;
lá cobre a fama o tumulo
d'um rei d'illustre exemplo,
que da justiça ao templo
subiu tantas nações.

O salutar estímulo
ao seu herdeiro fique,
p'ra que o seu povo o indique
nas honras de um tal pae;
aprendam mais os despotas
na vida esta verdade:
— A grande magestade
co'a morte não s'esvae. —

Receba agora a Belgica,
na unisona homenagem,
que rende vassallagem
das lêttras ao poder,
da lyra os cultos intimos,
que envia um brasileiro,
da purpura ao luzeiro,
ao sceptro do saber.

Bahia, 31 de Dezembro de 1866.

CANTO ELEGÍACO

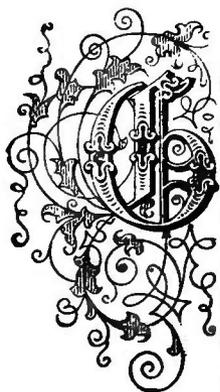
AO LAMENTABILÍSSIMO E BARBARO FUZILAMENTO DE

MAXIMILIANO I

Ao som dos canticos consagrados á patria e á liberdade, profanando nomes tão sagrados pelo assassinato de um principe illustre por excellencia, aniquilastes, permittistes que se immolasse o germen precioso, a augusta personificação das idéas as mais elevadas e generosas da humanidade, do patriotismo e da abnegação; um soberano que não fazia consistir a sua gloria em cingir uma corôa, mas que tinha a heroica ambição de se sacrificar pela felicidade de um povo que lhe tinha confiado o seu destino, e pela defesa de uma nacionalidade que ia desaparecer.

(MARTIN DE CASTILLOS a Juárez.)

1



emem todos os reis no erepe involtos,
e a dôr que immobilisa os tristes sceptros
dos povos illustrados se apodera!
A Europa estremecendo entre saudades,
esconde as galas de ruidosas festas,
suspende os ledos cantos por soluços
e, os olhos para America volvendo,
manda um protesto aos cevos mexicanos!

Que anathemas inspira o caso horrivel!....
Como assim maculáram-se cruentas
as mãos da liberdade vencedora
no sangue liberal de um rei vencido?

Para quem pésa irreparaveis perdas
nunca é tarde o chorar, e, pois, o bardo
vem agora tambem carpir o morte.

Juarez, que fizeste do teu nome?!
Como foi que trocaste n'um momento
a tua c'roa de applaudido martyr
pelo barrête do carrasco abjecto?!
Que val essa victoria, audaz caudillo,
si após tantos legitimos triumphos,
ganhos só pela força do teu braço,
que abalou de tão longe a ousada França,
pediste auxilio ás execrandas armas
do genio da traição; louros ganhaste
que pranto e maldições a historia excitam?!
Em vez de acceder ao fero empenho
d'esse Romero complice da morte,
porque não deferiste os justos rogos
do principe das lêttas européas,
do tribuno do povo infatigavel,
do inimigo immortal do cadafalso? (1)

R.

De Arteaga e Salazar crêste que estavas
delegado por Deus para a vingança?!
Que illusão essa tua! Deus é grande;
por juizes dos homens não quer homens,
os vermes pelos vermes não castiga.
Basta um sopro dos céus, basta um aceno
do arbitro dos mundos infinito,
para que tombem despotas da terra.

Que lucraste co'a morte d'esse principe
cuja sombra talvez hõje te assombre?
Tua morte moral foi só teu lucro!
Que homem na magestade te exceedêra,
si n'um corpo de rei só vendo um homem
disses ao teu prêso:— « És rei, sou povo;
quero poupar-te a vida, és livre.... parte! » —
Que pasmos, que oblações não merecêras
dos thronos, que o teu fim hõje só querem
e, quem sabe, as ruinas do teu berço!
E quando fosses victima do indulto,
morrendo rei sublime de clemencia
entre as palmas que o mundo te atirasse
dos seculos no livro um throno acháras!
Mas desprezaste as benções do futuro,
só por matar de um vil desforço a sêde
nos Néros e Caligulas só vista!
E quando ias ovante para o solio

que foi poste de um rei inoffensivo,
a c'roa d'esse rei, que trucidaste,
eternizou-se immensa no ataúde,
onde só representas de assassino!
Juarez, que fizeste do teu nome?!

Vencedor que hõje doido saborêas
os fructos de um poder plantado em sangue;
teus baques de titan me enthusiasmavam,
quando luctavas só contra dois sceptros;
mas hõje te abomino e te maldigo
por te ver triumphante sobre um crime!
Junto dos servos teus que tripudiam
em volta do cadaver soberano;
aos gritos da gentalha que festeja
as glorias do assassinio atroz, nefando;
co'as lavas do Jorullo que lá ferve,
inda encolerizado contra as nodoas
que em seu leito de fogo se estamparam,
caiam do bardo livre estas palavras:
— « Maldição, maldição, vergonha infinda
aos que matam em nome de um principio
que em direitos de morte não se funda!
Sectarios da egualdade, abaixo as mascaras!
Da liberdade o apóstolo sincero,
embora veja a perdição da patria
na espada usurpadora de um tyranno,
prefere ser Catão, não mata, morre! » —

II

De Guttenberg a filha annunciou-me
o inesperado e tragico successo
do arcabuzado rei;
e eu, que vinha dos antros de Solano,
ao saber d'esse opprobrio mexicano,
de vergonha e de cólera chorei.

— Maximiliano é morto! — Eis o que eu lia
nas folhas repassadas de amargura
da brazileira imprensa:
— É morto! e na su'alma ennobrecida,
na hora extrema, ao despenar da vida,
levou da liberdade a eterna crença!

O desditoso Hapsburgo foi trahido
por seu privado ignobil, por um Lopes! —
Que nome, Senhor Deus!
Que nome tão funesto para a gente
que vive sobre o novo continente!
Que nome que só lembra os Phariseus!

Washington e John Brown, Franklin e Lincoln,
das vossas tumbas perennaes erguei-vos,

dizendo á velha Europa
que a America illustrada amaldiçôa
o vencedor de misera corôa,
que as mãos no sangue do vencido ensópa!

III

Quem é que do morto príncipe
não sente a morte? Ninguém.
Quem não teve duas lagrimas,
d'aquellas que d'alma vêm,
para dar ao rei magnanimo,
que soube morrer tão bem?

Trocaram-lhe o manto fulgido
pela camisa do réo;
pelos degraus do patibulo
trocaram-lhe o throno seu;
mas do rei sem throno e purpura
inda o carrasco tremeu!

Tremeu, com pasmo dos jubilos
com que elle abraçou-se á Cruz;
tremeu, por ver-lhe tão placidos
os olhos, fitando a luz
que ia extinguir-se-lhe subita
pela bôcca do arcabuz.

E n'esse olhar terno e ultimo,
que ás feras causára dó ,
quasi a despir-se do involucro
d'este immundo e altivo pó ,
só gravou n'alma o rei misero
a imagem da esposa só !

Lembrando o Homem do Golgotha ;
que morrendo foi tão bom ,
o rei , medindo o seu tumulo ,
dos céus inda teve a dom
de animar os passos tremulos
de Mejia e de Miramon !

Depois, volvendo-se rapido ,
ao seu Calvario subiu ,
e do fiel padre ás supplicas (2)
estas phrases proferiu :
— « O crime perdôo ao Mexico
e a Lopes que me trahi. » —

E aquelle perdão egregio
foi pago pelo arcabuz !
E o rei , derrubado , exanime ,
aos pés da sagrada Cruz ,
deixou na terra uma auréola
d'infinda e esplendida luz.

IV

Não chores , infeliz Austria
o teu filho atraídoado,
que na terra desthronado,
dos céus ao throno voou ,
e aos pés do rei d'esse throno,
da vida fugindo ao somno,
da gloria á vida acordou!

Mais não chores, mãe, teu filho
n'esta vida transitoria!
Chama-se a morte uma gloria,
quando assim morre um christão:
si elle era bom rei vivendo .
foi inda mais rei morrendo,
porque foi rei no perdão!

Viuva martyr de um sceptro,
que vives, sem ver que vives!
d'este mundo nos declives
ampare-te sempre a Cruz,
e permitta o Deus piedoso
que só bem junto do esposo
da razão volva-te a luz!

Sim, porque acháras o inferno,
si d'alma abrisses os olhos,
vendo-te só nos abrolhos,
da perpetua viuvez!
Vôa ao céu, pomba innocente,
que encaminhaste, tão crente,
o teu marido ao revez!

Ah miseranda Carlota!
si o teu amor perscrutasse
ó funesto desenlace
d'essa conquista fatal
não deixáras teu consorte
expôr-se aos transe da morte,
que deu-lhe a c'rôa real!

D'essa corôa os espinhos,
qu'inda o teu cerebro opprimem,
por mais que o teu mal sublimem
hão de vexar-te inda mais,
té que o anjo dos amores
troque os espinhos por flôres
e por sorrisos teus ais!

Não tomes, infeliz Austria,
por teu filho uma vingança!
guarda na triste lembrança

o que elle disse ao porvir ;
imita o perdão tão raro ,
que os échos de Queretáro
não cessam de repetir !

E justo , sim , que em teus seios
os ossos queridos guardes
d'aquelle que em mãos covardes
corpo sem alma perdeu :
deixa o Judas ao remorso ;
de Juarez ao desforço
baixem as penas do céu.

Povo do Mexico , attende
que o teu chefe deshumano .
que matou Maximiliano
como se mata um villão
bem como á traição de um falso
poz um rei no cadafalso ,
póde entregar-te á traição !

Montevideo, 4 de Setembro de 1867.



NOTAS DA QUARTA PARTE

(1) O sublime propugnador das idéas liberaes, o grande propheta d'este seculo, o pae da infancia desvalida, o inspirado Victor Hugo, que dirigiu a Juarez uma carta em que pedia-lhe o perdão de Maximiliano, e em que se lia o seguinte : « Ensina ao mundo como se poupa uma cabeça de Imperador. »

(2) O abbade Fischer.



ENLEIOS

IMPRESSÕES DE UMA NOITE.

És bella, eu moço, tens amor, eu mêdo l...

CAZIMIRO DE ABREU.



Éras no baile ; pensativa e muda
sobre a almofada de um sofá te via ;
nos olhos teus, no teu scismar tão bello,
quantos luzeiros de esperança havia !

Sosinho e triste, por te ver tão longe,
eu lá d'um canto do salão te olhava ;
éras o anjo a quem eu devo a lyra,
éras a graça que eu na lyra amava.

Mytho encarnado pelas mãos do Eterno,
para n'um gesto seduzir o mundo,
d'um teu suspiro, que exhalava amores,
brotavam rosas de um porvir jucundo.

Prendendo as auras, namorando a noite,
deusa dest'alma, que me enlevas tanto,
quem, te mirando, ao farfalhar das sedas,
déra por ellas teu singelo manto ?

Por um só fio d'essas niveas rendas,
que se perdiam no virgineo seio,
fios de vida se partiram, quando
vidas colhesses n'um frustrado enleio.

E eu contemplando, fascinado e doido
o cinto aváro d'essa linda veste,
tremi d'encantos, quando ergueste os olhos,
ebrio do fogo que a sorrir me déste.

Depois, ás notas de um teclado brando,
em meio ás luzes de um fulgor vivace,
p'ra ver os astros, mensageira d'anjos,
deixei de olhar-te a seductora face !

Mas, do piano aborrecendo os threnos,
sentindo trevas n'essa luz tão viva,
quando voltei-me para ver-t' o rosto,
os teus olhares me roubáras, diva.

N'essa postura, que encantára Apelles,
éras, mulher, mais tentadora ainda!...
Labios de rosa, trescalando aromas,
olhos cerrados por volupia infinda.

Em tua frente, illuminada sempre,
os teus cabellos captivando os numes,
nütiriam queixas nas mimosas flores
sobre o teu collo a segredar ciumes.

Da mão eburnea, que estendida e inerte,
fazia um leito das nevadas saias,
um meu sentido em cada dêdo estava,
qual nos teus labios, quando a voz ensaias.

Essa mãosinha, que movia affectos
n'aquelle espaço cubiçado e curto,
só castigada pelos toques d'alma,
só despertada por um beijo á furto!...

Mas nem cuidavas. divinal feitura,
n'esse teu somno, que arrastava a tudo,
que eu, lá n'um canto do salão te olhando,
por ti velava, merencorio e mudo.

Por sons de orchestra, que chamava á dança,
fugindo aos mundos d'illusões tão calmas,
t'ergueste logo, e em derredor voando,
sylpho, a teus pés agrilhoaste as almas!

Febricitante no calor da *walsa*,
cançaste. anciando n'um sorriso terno,
como a florinha, a despedir fragrancia,
curvada ao sopro de robusto inverno.

Então buscando, embevecido escravo,
abrir-te o peito, ao susurrar da sala,
quando entreguei-te, apaixonado, as crenças,
foi n'um suspiro, que embargou-me a falla.

Depois, depondo n'um teu braço a lyra,
pedi que eu fosse para o céu contigo,
meu ser á gloria no teu *sim* juntou-se;
o que na *polka* se passou não digo.

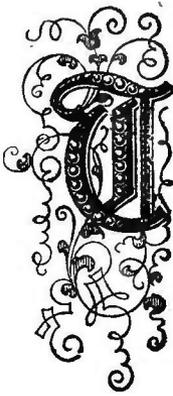
Oh! não me obrigues a voltar ao gozo,
que n'essa noite enlouquecer-me veio!
Vê qu'inda sinto no meu peito, ó anjo,
plantado um lírio do teu casto seio!

Bahia, Junho de 1865.

TEUS OLHOS.

Os outros olhos teem chamma;
Os teus, senhora, teem raios.

MENDES LEAL.



Teus olhos guardam sigillo,
que eu não logro decifrar;
n'esses quadros de Murillo
quem foi olhos encontrar,
que, vivos, prendam mais vidas,
que, mortos, possam matar?!

Oh! não vejo quem te eguale,
quando olhas assim, mulher!
governas mais do que Omphale,
sabes estatuas mover!
Por ganhar a eternidade
hei de em teus olhos morrer.

Não teem a cor dos ciumes,
do mar não tiram a cor,
nem são negros; são dois nubes,
que putrem flammias de amor;
são dois espelhos da crença,
quando adoro o Creador.

São dois globos de poesia;
são dois animados sóes;
tão claros, que fazem dia,
d'alma ás noites são pharóes;
tentam á gloria teus olhos,
teus olhos criam heróes!

São dois irmãos que se banham
nas fontes da inspiração;
duas settas, que se entranham
nos gelos do coração;
como o sol penetram, rompem,
os sendaes da escuridão.

Movem mais quando, tranquillias,
prendem-me a vista em dois nós,
essas travêssas pupillas,
que me fallam sem ter vóz;
que me pedem tantos beijos,
que tantos negam-me após.

Si o teu rosto copiasse
o inspirado Raphael,
quando os teus olhos fitasse
esse *Homero do pincel*,
ebrio. quebrara a palheta,
para cingir-te um laurel.

Huri, quem deu-te a belleza,
d'esse olhar que me seduz?
Tens o teu berço em Veneza?
és da Circacia ou de Ormuz?
Não, não és filha da terra,
porque nasceste da luz.

Mostra-me agora os arcanos
da esphera de que provens;
dissipa futuros damnos
d'este mundo nos vaivens;
mas teus olhos não socegam!
que fogo em teus olhos tens!

Respeito o poder ethereo
quando scismando me vês;
em teus olhos ha mysterio,
que tu não sabes, talvez;
são isentos do peccado,
porque o peccado os não fez.

Si fosse um pensar erroneo?
Mas não... tu foges, *huri!*
Não queiras ser um demonio, .
quando o céu eu vejo em ti;
não me olhes, porque me perdes,
dá-me a paz, que eu já perdi!

Não chores, porque fenece
o lume dos olhos meus;
choram anjos, si escurece
o brilho dos olhos teus;
que a cada lagrima tua
cáe um aljofar dos ceus!

Não cerres, linda, os teus olhos,
que pode a crença dormir;
não fujas què sobre escolhos
vae minh'alma recahir;
sim, desfaçam teus olhares
as sombras do meu porvir!

Uma barreira invencivel
hòje te afasta de mim;
hei de olvidar o *impossivel*,
emquanto olhares assim;
que importa o *não* de teus labios,
si os teus olhos dizem *sim*?

Guarda embora o teu segredo,
que o meu nome não quero guardar;
si dos meus olhos tens medo,
deixa-me os olhos amar,
que, vivos, prendem mil vidas,
que, mortos, podem matar.

Bahia. Novembro de 1865.

DEVANEIO.



Não me toques.... deixa-me !...
Não me chames.... fuge !...
Não me falles hoje
d'esse amor vivaz !...
Não me leves, tremulo,
n'um celeste adejo,
a pedir-te um beijo,
que loucuras traz !...

Ao teu seio férvido
não me tentes, vòa !...
A um scismar á toa
não me exponhas, não !
Nos teus braços languidos
si eu cahir, vencendo,
morrerei gemendo,
sem o teu perdão.

D'essas azas fulgidas,
que o Senhor te déra,
por feliz me houvera,
si uma penna só
desprendesses, rapida,
sobre o meu fadario.
n'este mundo vario,
n'este immundo pó!

Mas, não queres, timida,
bemfadar-me a lyra,
que por ti suspira
de teu canto após?
Despe as azas nitidas,
veste humanas roupas,
porque assim me poupas
um soffrer atróz!

Do teu bardo a supplica
não te rende ainda?!
Por piedade, finda
teu fatal rigor!
Desvairado Tantalo
si os meus laços joga,
te affugentas logo,
como eu fujo á dôr!

Como vens, precipite,
descançar teu peito
sobre o eterno leito,
que este amor te deu!
Como a flôr ao zephiro,
nãõ te esquivas, quando
no teu seio brando
fôr pedir-te o ceu!

Tãõ medrosa e candida
da innocencia aos lumes,
teus vitaes perfumes
vaes roubar á mim!
Como a pomba libras-te
nas virgineas azas,
p'ra deixar-me em brazas
de um penar sem fim!

Nãõ me falles.... deixa-me!....
Nãõ me tentes.... vãõ!....
A um scismar á tãõ.
nãõ me exponhas, nãõ!...
Esse gozo ephêmero,
que acordar-me veio.
foi um devaneio
de mendaz paixãõ.

O SOMNO DA VIRGEM.



esperta, ó virgem, nos teus olhos vívidos
raios de amores a innocencia dê
aos labios mudos, 'anhelantes, lividos
do triste bardo, que a dormir te vê!

Filha d'aurora, quando as aves pedem-te
para chamares com teu canto o sol,
porque do somno os d'óces nós impedem-te
porque te envolves no feliz lençol?

Não vês que a briza, sem teus seios callidos,
saudosa passa a maldizer-se alem?
Não vês que os lírios sem te ver são pallidos?
Não vês que eu gemo sem te ouvir? Oh! vem!

Despreza o mundo de um viver phantastico,
vem redimir, com teu sem par condão,
almas escravas d'esse amor sarcastico,
que prende as almas n'um servil grilhão.

Harpas eólias sobre o mar afinam-se,
irman dos anjos, para te acordar;
os verdes leques da palmeira inclinam-se,
rebetam flores para te saudar.

E tu, perdida nos teus sonhos lepidos,
prêsa dos numes, descuidosa *huri*,
nem te apercebes d'esses beijos tepidos,
que dão-te as auras perpassando aqui.

Des'cerra os labios, abre os olhos tumidos
do nectar santo dos vergeis do Ceu!
Dá-me esse orvalho dos teus olhos humidos,
desparze a vida, n'um sorriso teu!

Ebrio em teu somno a contemplar-te extático;
nos dous extremos escolher não sei;
si assim tão morta no dormir sympathico,
ou si acordada. quando vi-te... e amei.

Sobre o teu leito és a visão pulcherrima
da paz dos justos n'este abysmo atroz;
porém me afflige uma saudade asperrima
d'essa argentina e seductora voz.

Qual Cytheréa, no surgir romantico
sobre uma concha do oceano á flux,
has de acordar, da natureza ao cantico,
do rei do dia superando a luz.

Ergue-te ó virgem, quando o sol ostenta-se,
râsgando os frócos do celeste azul,
si a festejal-o não te vê, lamenta-se,
fallam de queixa as virações do sul!

Mas, não despertas, e o teu corpo flacido
inerte mostra-se aos pedidos meus!
Para roubar-te ao resomnar tão placido,
toma este beijo.... Despertaste?!... Adeus!

Bahia. Fevereiro de 1866.

A MÃO

A' * * *

Oh, essa linda mão, quando a des-
pia da luva, tinha uma alma; movia-
se em torno da sua belleza como um
seraphim que baixasse do céu para
acaricial-a!

J. ALENCAR (*Diva*).



oi no meio de flôres e harmonias...

n'uma noite de fadas;

noite que superava a luz dos dias
nos olhos das estrellas humanadas.

Ella entrou... eu fitei-a e ella, me olhando,
fez-me baixar as vistas deslumbrado!

Quando me achei com forças d'escutal-a
e os aromas beber da linda falla,

ella, as costas voltando,

de zelos inflammou-me o coração ,
prendeu n'um braço ignoto a jaspea mão !
Innocente e travêssa a mão teimosa ,
soltando-se do jugo da mão falsa ,
às vezes, no correr da doida *walsa* ,
tocava em minha mão fria e medrosa :
eu recuava tremulo, mas logo
tentado pela mão que me tocava ,
qual borboleta só buscando o fogo ,
eu buscava ser victima da teima !
Mas eu fui máu p'ra mim; si a borboleta
morre, por não saber que o fogo queima ,
eu, tendo contra amor uma razão ,
porque entreguei minh'alma n'essa mão ?

Cançou na dança quem prendeu minh'alma
entre as alvas pyramides dos dedos;
julguei que d'essa mão na eburnea palma
eu já tinha direito a um beijo ao menos:
E tentei pôr em pratica o desejo;
porem a mão da caprichosa Venus
retrahiu-se á imprudencia do meu beijo ,
bem como ao caçador o passarinho !
E eu raivando fiquei, ao longe e em vão ,
só por não castigar, como intentára ,
de amor n'um beijo a seductora mão.

E a dona do thesouro que fugiu-me,
como de acinte, reclinando o braço
no braço de um sofá, deixou pendida
a mão que, inerte, concentrava a vida
dos meus sôfregos olhos supplicantes
e immoveis de canção!

Nos longos e tantalicos instantes,
em que mediu minh'alma esse impossivel,
até parece incrivel

que lôgrem abafar humanos labios
o que abafar eu pude!

Que venham das paixões altivos sabios
censurar-me pobreza de virtude:
Eu lhes direi que em breve elles irão
as bôccas desmentir em nivea mão.

Uns fios de azeviche, uns fios d'ouro,
ôrlando fronte assetinada e joven,
podem conter gigantes da inconstancia.
D'encanto petreos corações se movem
a uns olhos de saphira ou de esmeralda,
a uns olhos côr das trevas, mas, luzentes,
que zombam da jactancia
do espirito mendaz, que exforços balda
para evitar de amor as vitaes settas.
N'uma bôcca . de perolas morada,
n'uns labios de coral, que a rosa imitam ,

ao desfechar em riso, achaes, poétas,
gratas inspirações que o mundo excitam!
No alabastrino collo. obra esmerada
da esculptora sublime do universo,
que chamam natureza,
andam milhões de anhelos porfiando
para um só triumphar entre dons pomos
que ao vivo mortes dão e vida ao morto
que viveu nos ciumes sempre immerso.
De uma cintura no delgado circ'lo,
n'um corpo mais flexivel que o junquillo
por gosto bem captivos todos somos.

Eu mesmo fico absorto,
si vejo uma botina bem calçada
n'um pé mimoso e esguio,
trahido pela fina talagarça;
um pésinho de nada,
que lembra tudo a quem melhor disfarça.
No olhar. na voz no riso e no donaire
do talhe esvelto e debil; na brancura
do pescoço de cysne soberano;
n'esse timido pé que tem desaire
de ser ouvido e olhado; em tanta graça
bem sei que a formosura
abre a todos um céu por onde passa.
Mas o que fez-me cégo e quasi louco
foi sentir a despotica influencia
d'essa nevada inão que, por tão pouco,

soube se apoderar de uma existência,
quando prendeu minh'alma
entre a rosea epiderme e a branca luva!
Meu Deus, aquella mão tão pura e calma
faria proromper copiosa chuva
de olhos que nunca em prantos se molharam!
Quem julgar o contrario é que de amores
ou nunca ouviu bater-lhe o coração,
ou teve amores por mulher... sem mão.

Maravilhas eternas da palhêta,
Vandick e Rúbens, Perugino e Sanzio,
si volvesseis da tumba ás vossas télas
e as mãos, por vós pintadas, comparasseis
à mão viva que eu trago impressa ainda
na perturbada mente; eu sei quão faceis
serieis em queimar prodigios d'arte
de realza infinda,
só para copiar a fórma linda
d'essa mão que, tão placida, movia
odios e piedade, amor e zelos!
Orgulhos do pincel, eu ficaria
mais contente que vós, si esses modelos,
que por honra dos séculos deixastes,
conseguissem fixar minha 'atensão
sobre mãos desenhadas,
mais bellas, mais subtis; mais delicadas
do que essa ingrata e buliçosa mão!

Quando verei de novo essa mõesinha
a me acenar co'os dêdos rematados
pelas vermelhas unhas que parecem
pet'las de rosa coroando as fronteas
de cinco potentados !

Aquelles magos dêdos, si tivessem
olhos, bôccá e razão, não lograriam
dispôr de mais poder do que o que mostram,
quando pedem silencio; quando exigem
respeitos ao pudor, animo ás dôres
que o coração mais forte mais affligem;
quando a furia de um zelo domam, prostram,
si, por castos favores,
vão cruzar-se c'ó as ancias de outros dêdos;
quando correm no magico piano
após as melodias e os segrêdos,
por encanto, revelam
da musica divina ao peito humano!

Na saudade cruel que hõje me opprime
um desejo só nutro inabalayel;
Deus me castigue si o desejo é crime;
mas, antes do castigo, venha o padre
ante os sacros altares
collar a minha mão co'a mão da virgem:
Depois que essa união irrevogavel

me redimir de asperrimos pezares,
eu morrerei feliz e alegre, então
vendo a gloria na palma incomparavel
d'essa mimosa e cubicada mão.

Tuyuty, 28 de Maio de 1867.

MULHER-ESPIRITO.

Quem pode ver-te, sem querer amar-te,
Quem póde amar-te, sem morrer de amores?

MACIEL MONTEIRO



Di-te, mulher; si emmudecesses, vendo-me,
bem sei que tanto eu não soffrêra agora!
Si os olhos não têm pranto, est'alma chora
tão cêdo e já fugir aos labios teus!
É forçoso partir! ao teu espirito
por nós tão doces eu tão prêso estava
que das glorias da Patria me olvidava,
para n'elle adorar a luz de Deus!

Porque fallaste assim? porque tão rapida
desprendeste da bôcca tantas flôres?
Não sabes tu, mulher, quantos amores
arrastam-se p'ra o iman da tua voz?
A palavra que tens n'uma só syllaba
dobra tantas vontades, tanto abala,
que os impios contra o Céu domina e cala,
e dos antros do crime afasta o algoz!

Quem te deu, quem te deu tamanho espirito
para offuscar de chofre tantas almas ?
O ouro dos teus labios só nas palmas
do enthusiasmo vaza-se ! Quem és ? !
Quem és, que n'um minuto fazes tímidos
os que nunca tremêram das Corinas ?
Quem és, que n'um só gesto tanto ensinas,
e préso á tua bôcca o mundo vês ? !

Ha requebrados olhos que nas palpebras
fecham de amor um céu que tudo prostra ;
ha bôcca que, se abrindo, o céu nos mostra
na perola melhor que a de Ceylão ;
mas, si trahindo aos olhos, entre as perolas
move-se a lingua, (que surprêsa triste !)
forças recobra o fraco e alfim resiste
ao mentiroso imperio da illusão !

Porém, tu, soberano e mago espirito,
porque fallando acendes mais desejo ? !
É que de um anjo, ao teu nascer, o beijo
guardou nos labios teus eterna luz !
Já não podes morrer ! Quando esse involucro
de carne, que hoje tens, no pó se extingua,
tu'alma ha de mover por outra lingua
as almas que tua lingua hõje seduz !

Emmudece, mulher, para que placido
eu fuja do perigo dos teus labios!
Mais podem elles do que os livros sabios
que não me deram armas contra ti.
Não deixes que eu succumba, infeliz Tantaló,
ouvindo-te a palavra feiticeira,
já que não posso, por fatal barreira,
minh'alma á tua unir n'um beijo, aqui!

Dezembro de 1867.

SONETO.

Irman da luz baixou da eterna estancia. (1)



Foi ella que n'um candido sorriso
a lyra me afinou que hoje é só pranto;
foi ella que dos olhos ao quebranto
illuminou-me n'alma um paraizo!

Foi ella que exaltou-me de improviso
de amor ao céu, nos vãos do seu canto;
foi ella!... e agora á fimbria do alvo manto
fugir não sei, sabendo que é preciso!

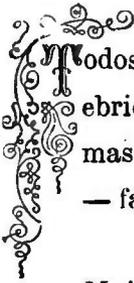
Foi ella!... zêlo atroz cavou-me fundo
o peito, e já não vejo como alcance-a
para beijar-lhe o resplendor jucundo!

Foi ella!... Deus, me tira d'esta anciã!
Prende as azas da sylphide que ao mundo,
irman da luz, baixou da eterna estancia!

Bahia. Novembro de 1867.

SONETO.

Ninguém sabe te ver como eu te vejo. (2)

 Todos, quando no baile assomas bella,
ebrios na luz dos olhos teus se inflamam;
mas. sempre é falso o ardor com que te chamam
— fada, *huri*, cherubim, flôr, nume, estrella.

Muitos, si a voz escutam-te, donzella,
e a rainha das graças te proclamam,
depois n'um rir sátanico diffamam
bôcca em que Deus aos homens se revêla!

Si alguém poudes espero como eu te espero,
prompto a morrer no suspirado ensejo
da posse por que mais hõje me esméro,

ninguem levou tão alto o seu desejo,
ninguem te quer assim como eu te quero,
ninguem sabe te ver como eu te vejo.

Bahia. Dezembro de 1867.



NOTAS DA QUINTA PARTE

- (1) Verso de uma poesia minha que se extraviou.
- (2) Verso do visconde da Pedra Branca.



LYRA DO POVO

Brazileiros, á guerra!

Censeo delendam esse Carthaginem.

CATÃO.

I



mfim chegou a hora do exterminio!
Dos piratas do Sul caia o dominio,
que pésa sobre nós!
Ante as iras d'escravos da cubiça,
sõe no Prata em nome da justiça,
do brasileiro a voz!

Era já tempo de remir affrontas;
era já tempo de saldar as contas
da execravel traição!
Brazil. o teu silencio era um desdouro!
Pague a espada, não compres mais com ouro
os filhos d'ambição!

Para matar a sêde da vingança
o gigante d'America não cança,
insolentes pigmeus!
De Tonelêro os bravos não s'extinguem;
renascem como a Phenix, p'ra que vinguem
os livres fóros seus!

Paraguay. si a memoria te não falha,
em Cazeros a brázila metralha
quanto orgulho desfêz?
Como vens atear agora o incendio?
Queres plantar no Imperio o vilipendio,
arrogante Lopêz?!

Não conheces o preço da ousadia!
Si não sabes o que é diplomacia,
ensine-te o arcabuz!
Os nossos tens em ferros lá seguros;
do gladio á força cahirão teus muros;
nosso gladio é a Cruz.

Das victimas, que opprimes, infelizes,
arnou-nos Deus o braço por juizes,
para punir-te, réo!
Espera, que ha de fulminar-te o raio!...
Mas, antes de bater-te, paraguayo,
guerra á Montevidéo! (1)

II

Uruguay. já viste o exemplo!...
Aguirre, o que podes tu?
Da gloria buscando o templo,
entrámos em Paysandú.
Calcaram nosso direito;
pois seja o laço desfeito
d'alliança versatíl;
queime-se o ultimo cartuxo;
dobre o joelho o *gaúcho*
à tua razão, Brazil!

Quem ha que não reconheça
do brasileiro o quérer
quando ao prelio se arremeça.
sem cuidar que vae morrer?
Quem na lucta mais affouto,
mais bravo que tu, Peixoto,
mais perigos affrontou?
Partiu-se a espada; qu'importa?
Si a intrepidez não foi morta,
si o teu braço não cançou?

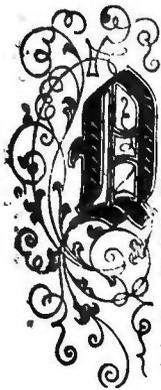
Treme — suberba Carthago
que sobre tudo está Deus !
Teu arrôjo vae ser pago
com sangue dos filhos teus !
Co'o pharol, que aponta á gloria,
vemos involta a victoria
no estrellado manto azul :
Si o uosso vinculo é forte ,
dil-o este abraço . que o Norte
manda aos guerreiros do Sul.

Bahia, 1 de Janeiro de 1864.

A' victoria de Paysandú.

POESIA RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO,

DIANTE DO NOVO PANNO DO PROSCENIO, CUJA PINTURA SYMBOLISA ESSA
VALOROSA CONQUISTA DAS ARMAS BRAZILEIRAS.



ue feito está gravado n'este panno!
Que scena de heroismo e de victoria,
reproduzida aos olhos da Bahia
pelo inspirado genio da pintura!
O que é isto, o que diz este silencio
de mil bôccas em ancias reprimidas ?!
Diz que esta scena, que me prende os olhos,
não é gloria celeste, é gloria humana.

Contemplando os prodigios de um combate,
nos vomitos de fumo das bombardas,
no sibilar mortifero das balas
no tinir das espadas, que se cruzam
no tremendo assestar das baionêtas.
a fuzilar relampagos sem conta,
quem no marcio furor não se embriaga?
Eis porque nós tambem sentimos todos
o orgulho reverter em nossas almas;
eis porque sóbe a tantos labios gratos
palavra que se ungiu do amor da Patria;
eis porque recebido aos sons d'um hymno,
cantado por Euterpe aos nossos bravos,
copia exacta de luctas estupidas,
este quadro brilhante nos fascina!

N'este instante feliz, oh! quem me déra
de Beranger os magicos accents,
labios de Mirabeau tuba de Homero,
para entregar ás porvindouras éras
o poema, Brazil, que lêste ao Prata!
Poema, inspiração dos teus guerreiros,
que as espadas molhando em sangue imigo,
escrevêram mil phrases de triumpho
nas do Uruguay muralhas traiçoeiras!
Paysandú, és a pagina sublime
d'esse poema, que guardara a fama
nos archivos da historia do universo!

Ante a mudez de um povo que se exalta,
fôra a mudez da minha lyra um crime.
Que me importa o desanimo de bardo
aos brios filiaes de brasileiro?
Ergue-te, ó povo, e vem saudar comigo
o Cruzeiro do Sul! Tu que não sabes
curvar-te ao despotismo dos carrascos,
— assassinos das eivicas idéas;
tu, que jamais vendeste as tuas crenças
pelo vil preço da arrogancia estulta,
que quer predominar no pensamento
da santa liberdade; tu que foste,
n'este recinto, energico protesto
contra um abuso que aviltar podéra (2)
os fóros da nação; ergue esse cóllo;
vem dobrar o joelho á magestade
dos teus nobres irmãos, engrinaldados
pelo invejado myrto das pelejas!
Contempla alli nas furias do perigo,
armados pelo instincto da coragem,
Tamandaré, Martins Peixoto e muitos,
tão grandes como as aguias de Marengo,
audaces como os filhos da Polonia,
maiores que os titães de Solferino!

Brazões de sangue, titulos sem tit'ios,
ambições do poder, poder do ouro,
ha de tudo morrer; thronos se abatem;

mas o nome de um bravo não se apaga.
O fidalgo, o plebeu, o rico e o pobre,
misturados alli, sem diferenças
têm direito a buscar eguaes' estímulos.
Assim é que o Brazil ha de elevar-se
ao respeito do mundo, quando a Europa,
ante o sol do Equador saudando o Imperio,
nas dobras do estandarte das victorias
apontar *Paysandú* por um milagre,
aurea chave do teu porvir gigante
gigante das nações, nação de livres!

Bahia. Abril de 1865.

A Vivandeira

CANTO MARCIAL EXPRESSAMENTE COMPOSTO PARA SER
RECITADO PELA INSIGNE ACTRIZ

ADELAIDE AMARAL

EM A NOITE DE SEU BENEFICIO NO THEATRO DE S. JOÃO.



As armas! às armas!—O grito rebenta
das bôccas do Prata, soando até cá!
As armas, bahianos! a lucta é sangrenta!
Abaixo o tyranno! por terra Humaytá!

Da guerra à trombeta responde um colosso
d'intrepidos braços, dos filhos da Cruz:
—Barrios não podes dobrar Matto-Grosso
aos igneos sopros do teu arcabuz!

Florestas sem rumo, charnecas tão grandes
que hardido guerreiro se atreve a transpôr?
São como as corôas geladas dos Andes,
que ao sol do oriente só mostra o condor.

Á luz das espadas d'imigas phalanges,
aos sons estridentes de enormes corceis,
os nossos, mais fortes que os índios do Ganges,
são rostos de fogo, são peitos broqueis!

Solano, esses corpos tão feios de escravos
são montes de lama são teus batalhões!
Um povo nós somos, origem de bravos,
e um povo de livres não serve a mandões!

No lábaro santo do novo hemispherio
um nome a victoria, suberba, escreveu....
palavra sublime, que alçando um imperio,
transpoz o oceano.... e a Europa tremeu!

Tremeu; qual tremêra do Egypto a cidade
aos golpes do corso leão d'Austerli'z!....
Brazil, ao teu nome sorriu liberdade;
quebraste as cadeias, ergueste a cerviz!

Depois das contendas de irmãos desastrosas ,
que os odios pintaram de novos Cains ,
sonhaste o progresso , zombaste de Rosas ,
do templo da gloria miraste os confins .

Em Monte-Cazeros plantaste a baliza
d'ingentes façanhas de nobre altivez :
teus filhos ganharam respeitos de Urquiza....
na pyra da inveja queimou-se Lopez .

Então d'esses Godos d'America a raça
a justos direitos contraria investiu !
E a hydra , apanhando na guerra a mordaca ,
punhados de ouro sedenta engoliu !

Eis surge de novo.... mil botes ensaia
o abutre da honra . faminto . voraz !....
ah raça maldita , nação paraguaya ,
que pésa a dinheiro contractos de paz !

Senhor dos teus fóros , Brazil , aos verdugos
é tempo de dares completa lição !
Da vil alliança calcámos os jugos .
calquemos o monstro , que rege a Assumpção ! —

Foi e-te o grito do Norte ,
que aos meus ouvidos souou ;
tremendo clamor de morte ,
que ao despotismo assombrou.
Foi como a tuba de guerra ,
que os muros lançou por terra
da soberba Jerichó ;
fez tanto estrondo esse grito
como a queda do graniço ,
que o raio desfaz em pó.

Despertei junto á bandeira ,
que a liberdade sustem ;
fui actriz , sou vivandeira
marcho á pejeja tambem.
Do Thabor a prophetiza , (3)
a hebréa sacerdotiza
eu quizera agora ser...
mas para ser heroína
falta-me a estrella divina ,
sou uma fraca mulher !

Qu'importa ? aos meus pulsos fracos
sobram recursos aqui ;
não se extinguiram os Gracchos....
homens , commigo seguí !

Oh! quem não ama este povo
que se levanta de novo
para a serpente esmagar?!
Quem escravisar pretende
um povo, que não se vende,
só deve affrontas comprar.

D'inimigos insolentes
ri-se a brázila nação;
no sangue de Tiradentes
afogou-se a escravidão.
Hôje, si ao tigre estrangeiro
pela terra do Cruzeiro
vinganças raivamos nós,
morrem falsos preconceitos;
na egualdade dos direitos
o egoismo perde a voz.

Sim; que eu leiô em vossas faces
n'estes momentos tataes
— que se nivelam as classes,
— que somos todos eguaes.
Paraguay teme o supplicio!
nas aras do sacrificio
vaez ser a votada rez!
Da traição fazes alarde?!
Has de ver mais um covarde.
has de ver fugir Lopez!

Vae começar a batalha....
oh ! já me parece ouvir
o sibilar da metralha,
d'espadas o retinir....
Irmãos! calar baionêtas!
Christãos! ao som das trombetas
não poupeis os phariseus!...
Guardae os vossos penates!
Seja o hymno dos combates
— Liberdade, Patria, e Deus!

Bahia, 1.^o de Junho de 1863.

Dous de Julho

CANTO CONSAGRADO AO POVO BAHIANO.



ovo este dia é teu, podes saudal-o!
És o herdeiro feliz dos féros livres,
ganhos pelo valor dos teus maiores!
És o futuro a recordar milagres
n'essas reliquias santas do passado!
És o arauto da victoria augusta,
que statuiu imperio uma colonia.
que . á face das nações partindo algemas,
fez descorar os despotas do globo
n'um tremendo sarcasmo ao captiveiro!

Mais de oito lustros s'escoando vejo
na ampulhêta do tempo, sem que o brilho
percam as flôres da gentil grinalda,
que á Princeza dos montes offertára
o anjo precursor da Liberdade.
Os repetidos osculos d'aurora,
que ás portas do Oriente já se avista
vestida pelas faixas do Cruzeiro,
dão seiva aos louros murchos pelo olvido
que brotáram das campas dos guerreiros
— ludibrios da razão d'iconoclastas
famintos do poder, pobres de crenças!
N'esse amplexo das nuvens, que rebentam
dos seios do infinito, em lindos focos,
orlando as cumiadas das montanhas,
fulguram os espiritos dos bravos
librados nos corceis do firmamento,
como os espectros de Ossian, e Fingal!
É que os finados martyres da Patria
tomam parte nos jubilos da festa
que da Patria no altar celebram vivos.
Rompe o dia, e o sol distende o collo
para beijar a fronte do oceano!
Ante prismas de fogo resplandecem
as preciosas lêttras, que serviram
para escrever a carta de alforria
no mappa das nações. O' Dous de Julho!

quem não ama o luzir da tua aurora
preza as nodas do látigo do escravo.

Alexandre transpondo os Dardanellos
para domar os impetos da Persia;
Cezar sobrepujando as brutas Gallias,
n'um surto de aguia, que elevára Roma,
Napoleão vencendo os mussulmanos
nas furias de Aboukir, para, arrogante,
ao depois sepultar feitos incríveis
de Waterloo nas ruinas; forão genios
estes que a historia mostra á luz dos sec'los
guiados pelo instincto das conquistas!
Como elles, intrepido nas luctas,
houve um principe illustre e generoso,
que um povo redimiou do jugo extraneo,
aos filhos do Brazil dizendo — FICO. —
Pedro Primeiro, o americano Cezar.
n'esta palavra só eternizou-se.
Carlos Alberto, Washington, Kossiuscko,
Gustavo Wasa e Franklin abraçados
aos pés do throno que não tem limites,
lá festejam o Duque de Bragança!
Em torno do monarcha brasileiro,
hosannas entoando á Liberdade
distinguem-se os gigantes do congresso. (4)

Feijó, Coutinho Andradas e Barata,
labíos de ouro, que perfidos não foram,
tribunos, que jámais foram covardes !

Lá ribomba o canhão lembrando os dias
em que rugiu nos mares tantas vezes,
protesto de vingança, arremessado
por Botas e Cockrane á lusa esquadra.
Itapoan, Pirajá, Funil, Cabrito
são fontes de prazer, em que se espelham
os rostos d'este povo enamorado.
Labatut, Lima e Silva, Dorea, Castro
Bulcão, Argollo, Pires e Siqueira
são os heróes primeiros d'este dia,
que os bahianos relembram fascinados.
O patriotismo em todos já se apresta
a receber das mãos do entusiasmo
os formosos emblemas da victoria
que conduziu o exercito dos livres
do Salvador á terra promettida.

Bahianos! não risqueis do pensamento
o dia redemptor, que vale sec'los!
Hôje enxuguem-se os prantos copiosos
que irmãos por seus irmãos têm derramado,
na guerra em que se empenham vossos brios!

**Quando os fogos reúna o vil Solano,
para crestar um braço do gigante,
aos soldados da Cruz sirva de exemplo .
ante o cévo feroz dos paraguayos,
— a fraqueza dos despotãs do mundo,
— o santelmo da Patria, o DOUS DE JULHO !**

Bahia, 2 de Julho de 1865.

Os Voluntarios Academicos

CANTO DE DESPEDIDA AOS BRIOSOS ESTUDANTES DE MEDICINA
QUE PARTIRAM PARA O THEATRO DA GUERRA.



Mais do que nunca em lucta audaz, homérica,
O soldado da Cruz empenha o gladio:
Contra as armas dos Vandalos d'America
já percorres, Brazil, da gloria o estadio!

Nutram-se mais e mais da guerra os vermes
dos restos podres, vis d'essas quadrilhas,
que hão de as costas voltar frias, inermes,
do Cruzeiro do Sul ás maravilhas!

Que importa force Brenno o Capitolio ,
para pesar o ferro sanguinario ,
si o Cezar do Brazil deixara o solio ,
para a farda vestir de — Voluntario ?

Que importa que accommetam novos Godos ,
n'este sec'lo de luz , nossas trincheiras ,
si ao chamado da Patria correm todos
para engrossar indomitas fileiras ?

Que importa , si um prodigio houve nos mares ,
e Nelson resurgira para vê-lo ,
quando fallou a polvora nos ares ,
eternizando a luz de Riachuelo ? !

E sobre as ondas tumidas, ceruleas,
por centenas de mortos denegridas,
retumbando nos céus vozes herculeas
tres vozes de titães forão ouvidas.

Pedro Affonso , Greenalg' , Marcilio Dias ,
fontes de gloria , que baptisam bravos ,
assim bradaram nas crueis' porfias ,
em haustos de furor contra os escravos :

R.

— « Brasileiros! já foi marcado o instante
que o triumpho p'ra nós certo fará!
Jorre o sangue dos filhos do gigante,
p'ra receber as cinzas de Humaitá! » —

Collegas, o brado ouvistes,
que entre nós veio echoar;
do lar das lêmtras sahistes,
para as balas arrostar!
Para vós é dupla a gloria;
levaes no peito a victoria,
levaes na frente o saber;
empunhando o livro e a espada,
da Medicina a cruzada
vae p'ra curar e vencer.

Quantos de vós, quasi ao termo
de um pergaminho fruir,
sacrificam pelo enfermo
o anel de illustre porvir!
É que tendo a confiança
da grandiosa lembrança
que o paiz vos mereceu,
salvando vidas sem mêdo,
voltareis, prendendo ao dêdo
o anel. que se prende ao ceu.

Grande estrago aos inimigos
faz do medico a razão,
si reanima aos perigos
do soldado a inerte mão!
Assim, da guerra á violencia,
tendo por alma a sciencia
dos nobres nétos de Cós,
a Patria em seus embarços,
precisa tanto de braços
quanto precisa de vós!

Quem não inveja esses louros
ganhos ao genio do mal?
São troféos immorredouros
dos combates do hospital.
Voluntarios academicos,
nos symptomas epidemicos,
que o pavor ás almas traz,
mostrae ao vosso doente,
que esta guerra é mais decente
que a vergonha de uma paz!

Ide, briosos collegas,
orgulho dos versos meus!
De Eólo contra as refregas
vosso lenho ampare Deus!

Com saudade vos contemplo!...
Não posso imitar o exemplo....
não vos posso acompanhar!
Mas permitta o meu destino,
que á victoria eu sagre um hynno,
quando a cruzada voltar.

Bahia, 13 de Agosto de 1865.

A Charidade e a Guerra.

POESIA COMPOSTA PARA SER DISTRIBUIDA POR OCCASIÃO DO
GRANDE CONCERTO VOCAL E INSTRUMENTAL

DADO NO SALÃO DO PÁÇO DA MUNICIPALIDADE, EM BENEFICIO DAS FAMILIAS
DESVALIDAS DOS GUARDAS NACIONAES, QUE TINHAM DE PARTIR PARA O
THEATRO DA GUERRA NO SUL DO IMPERIO.



ue espectaculo sublime
hòje te exalta, ó Bahia!
Que entusiasmo irradia
nos briosos filhos teus!
Como os passos da pobreza
hòje se afastam d'escolhos,
aos lampejos d'estes olhos,
que reflectem luz de Deus!

Dos negros transe da vida
como a lembrança se perde,
quando a musica de Verdi
se entranha no coração !
Como aos caprichos do mundo
ri-se a triste humanidade,
quando falla a charidade,
e responde a gratidão !

Mas, scismando n'um contraste,
de inquieto o bardo treme.....
— Quando ao Sul a Patria geme
Euterpe ao Norte sorri ? !
Musas do canto, emmudeçam
vossos labios purpurinos ;
em vêz de festivos hymnos,
se elevem preces aqui !

Rogæ ao Deus das batalhas,
que ás justas causas preside
que o braço jámais trepide,
na lucta ao filho da Cruz !
Ao fogo de tantas crenças
acêso, desprenda raios
contra os feros paraguayos
o brasileiro arcabuz !

Mas não; vosso canto anima
o peito, que desfallece;
vosso canto é como a prece;
Musas de Euterpe, cantae!
vosso canto é como o cego,
que precipicios não mede;
vosso canto abrigo péde
para a familia sem pae!

Cantae, gargantas de prata,
que ás espheras mais remotas
hão de subir essas notas,
e depois se transformar,
por um milagre do Eterno,
em moédas preciosas,
que as fomes angustiosas
matem do misero lar!

Não precisaes do avarento
que, vil, sepulta o dinheiro,
para não ser o primeiro
que assigne a lista dos bons;
não precisaes das esmolas
d'esses modernos Apicios;
para os grandes beneficios
podem tudo os vossos dons.

Attrahidos pelo influxo
d'esta idéa, que é tão nobre,
o fidalgo, o rico e o pobre
aqui distincções não têm ;
n'um concerto de virtudes,
quando as vaidades 'stão mortas,
do bem são francas as portas
para os que trazem o bem.

A mãe d'este pensamento (5)
de charidade e civismo
mais respeito e brilhantismo
hôje ao seu titulo deu ;
abrazada em zêlo santo
pelas victimas da guerra,
si era fidalga da terra,
hôje é fidalga do Céu.

Charidade ! palavra proferida
ao sopesar do rispido madeiro
nos hombros sacrosantos do Messias !
Lava o réprobo as nodoas de seus crimes,
si contrito, ao teu nome,
das mãos deixa cahir ferro homicida,
para curar as chagas do indigente.

Charidade é Maria de Bethánia,
solicita enxugando
os pés do Salvador em seus cabellos;
é o antro de Anatoth guardando os medos
da innocencia buscada e perseguida
pelas furias indomitas de Herodes:
é o manná chovendo no deserto;
é de Moysés a vara abrindo a pedra
para a sede extinguir do povo exausto;
é o Christo algemado, mudo e humilde,
do Gólgotha subindo as duras fragas,
para os homens erguer do captiveiro
aos pés de Satanaz!.... Oh charidade!
após esse castigo, que inflingira
ao pae das gerações o Rei dos mundos,
foste o sudario da clemencia augusta,
que baixára dos Céus, nas mãos de um anjo,
para limpar as lagrimas cruentas
do trabalho, a que fomos condemnados!
Charidade é Legras (6) fundando o asylo
d'essas irmãs piedosas, que aos gemidos
dos enfermos não dormem, quando a noute
estende no hospital o véo da morte:
É Catharina Splunker (7) dando as chaves
des seus cofres immensos,
para a nudez cobrir d'esses guerreiros
que defendem a terra do seu berço.
Charidade sois vós, fadas bahianas,

que, nas azas celestes da harmonia
recommendo os filhos da indigencia,
chamastes ao fulgor d'este recinto

o esp'rito venerando

de um sublime varão que habita a Gloria.

Sabeis quem elle é? Silencio; ouvi-me!

É Vicente de Paula o charidoso

varão, que desce lá do Empyreo agora,

e solemne atravessa alas de nuvens

para dar parabens do Norte á estrella!

Eu vejo-o no esplendor, que elle desparge!...

Como choram seus olhos de alegria!

Como tremem seus labios, procurando

balbuciar de amor uma palavra!....

Ei-lo que já se assenta

junto ao Genio da Guerra, que proclama

na tuba do combate aos brazileiros:

« Voluntarios! voando aos perigos,

« ide ultrages da Patria vingar!

« ide as furias quebrar d'inimigos;

« ide as costas fazel-os voltar!

« Paysandú Riachuelo, vos tragam

« á memoria o denôdo immortal

« dos guerreiros, que as rôscas esmagam

« das terriveis serpentes do mal.

« Benedito , esse intrepido infante , (8)
« de bravura que exemplo vos deu!
« Foi pigmeu , que fez mêdo ao gigante;
« foi cordeiro , que os tigres mordeu!

« Oh que fama , Brazil , la se expande
« das proezas , que viu Yataly!
« Mas a gloria de Cuévas foi grande ,
« porque a gloria foi toda p'ra ti.

« Para os olhos baixar do tyranno ,
« para as armas de um povo sem luz ,
« basta a frente do teu soberano ,
« bastam punhos dos filhos da Cruz.

« Ide agora , soldados do povo !
« Ide! ao prélio , á victoria marchae !
« De coragem sereis um renovo
« aos que zombam do vil Paraguay.

« E si algum , da peleja nos trilhos ,
« com saudades da Patria expirar ,
« charidade , protege seus filhos!
« DEUS , renove a miseria do lar !

Bahia, 15 de Outubro de 1865.

A' restauração de Uruguayana.



razil, mais uma pérola
ganhou teu diadema,
no bellico dilemma,
que resolveu-se em paz;
da paraguayá vibora
domaste a furia insana;
remiste Uruguayana
d'esse inimigo audaz.

De que serviram impetos,
n'essa coragem tibia,
ao rude Estigarribia,
si elle rendeu-se após?
Sicario vil de um despota,
depois de tanta furia,
pediu perdão da injuria,
veio entregar-se a nós.

Ao alliado exercito,
ao rei americano,
o escravo de Solano
quiz dar uma lição!
Porém, falso Leónidas,
arrependeu-se logo;
nãõ quiz mais *sombra ao fogo*, (9)
quiz *sombra* n'um perdão.

Foi a arrogancia em supplica
no *bravo* transformada;
depôz a iniqua espada
aos pés do nosso rei;
dos seus por sustentaculo,
na terra dos escravos,
em paga dos aggravos
teve a clemente lei.

Valeu-lhe o santo codigo,
que poupa os desarmados,
pois brázilos soldados
nãõ sãõ os phariseus;
sobrepujando a cholera
do teu prisioneiro,
monarcha brasileiro,
pisaste nos pigmeus!

Eis porque, filho do povo,
bahiano por galardão,
ao nosso troféo mais novo
erguer venho uma canção.
No cerco de Potidéa,
nos combates da Criméa,
a gloria não se esgotou;
sim, que ao Brazil, nova Sparta,
que de glorias não se farta,
muita gloria inda ficou.

De Riachuelo, e de Cuevas
não desprezamos a luz;
mas inda o paiz das trevas
se oppõe á terra da Cruz.
Não queremos um visinho,
que nos embargue o camiinho
aos progressos da nação;
ávantem marchem os nossos;
reduzam tudo a destroços
na selvatica Assumpção!

Avante! e que Deus proteja
a nossa causa feliz;
não tenha o Brazil inveja
dos louros de outro paiz.
De Uruguayana as conquistas
não deslumbrem muito as vistas

dos que vão só p'ra lutar;
si é livre o nosso terreno
dos pés que lhes são veneno,
ha muito que trabalhar.

Bahianos, que tanto prezaes os triumphos
das armas brazileas, nos campos de aléni,
colhei d'essa nova mais uma esperanza,
que ao povo eu consagro no meu parabem.

O filho do bravo do cerco do Porto.
que á voz das metralhas um sceptro desfez.
prendeuse á Bahia por laços mais fortes,
no cerco do Prata calcando Lopez.

O povo e o monarcha! nas lutas da Patria
dos dous elementos qual d'elles maior?
Monarchas precisam dos braços do povo,
si quereem aos thronos juntar mais fulgor.

Por gloria abraçados, confusos na guerra,
guardando este imperio suberbo lá estão
os dous baluartes do patrio futuro,
os dous inimigos do *bay* d'Assumpção.

Bahia, 11 de Outubro de 1865.

Portugal e o Brazil.

Poesia offerecida ao Gabinete Portuguez de Lectura, por occasião de promover a mesma sociedade um espectáculo dramatico, no dia anniversario natalicio de S. M. F. O SENHOR D. LUIZ I, para com o producto dessa representaçãõ auxiliar as familias pobres dos soldados voluntarios brazileiros.

Le dix-neuvième siècle sera, disons-le hautement, la plus grande page de l'histoire.

Tous les progrès s'y révèlent et s'y manifestent à la fois : chute des animosités internationales, effacement des frontières sur la carte, et des préjugés dans les cœurs.

VICTOR HUGO.



ya, pede aos amores uma corda
para eu vibrar um canto festival
ao charidoso dia, que recorda
do rei dos portuguezes o natal!

Brazileiro de sangue e por orgulho,
eu, que o plectro a ninguem jámais curvei,
sem olvidar o eterno DOUS DE JULHO,
hóje saúdo a lusitana grei.

As costas espumosas do oceano
passe, das auras ao soprar veloz ,
o voto , que eu desfiro ao soberano
de um povo, que nos deu tantos avós.

Costumado a só ter uma linguagem
para render profaças ao que é bom,
hóje bemdigo a lucida arbitragem,
que ao Brazil quiz respeitos de Albion.

Vergontea d'esse tronco tão distincto,
que um imperio creára tão feliz,
para mostrar-se irmão de Pedro Quinto,
seja pae do seu povo Dom Luiz.

Ditoso o herdeiro, quando um sceptro empunha,
que estivera nas mãos de Dom Manuel;
que fizera tremer a Catalunha
e a raça dos mouriscos infiel !

De Egas Moniz, Nun'Alvares e Gama
a terra, eternisada por Camões,
só precisa de paz, guardando a fama
das guerras, em que deu mestradas lições.

Mãe de genios, emporio da sciencia,
protectora das artes liberaes,
Lisia, nos cabedaes da intelligencia,
do mundo não inveja os cabedaes.

Essa invicta cidade quantas flores
do trabalho, inda ha pouco apresentou, (10)
transformando em riquissimos labores
o bronze dos canhões com que luctou!

È que este sec'lo vive só de luzes,
e a polvora voraz cede á razão;
por artefactos trocam-se os obuzes;
das lêttas quer-se um novo Napoleão.

Portugal, não succumbém teus intentos!
Aspiras como outr'ora, inda tens fé!
Has de sempre exhibir grandes inventos;
no pedestal da Europa está de pé!

Emquanto aos promontorios africanos
Bartholomeu lembrar o seu poder;
emquanto forem vivos Herculanos,
para o brilho da historia não morrer;

pequeno—grande, velho em tantas glorias,
tão moço no incançavel aspirar,
invejado padrão de altas memorias,
has de sempre ao Brazil estimular!

Eis porque têço, agora a humilde palma
ao joven rei do velho Portugal,
no jubilo, em que expande-se minh'alma,
vendo estreitar-se um laço fraternal.

Louge o odio e politicos enganos
de um ou outro pensar caduco e vil;
a conquista melhor dos lusitanos
é que floresça e eleve-se o Brazil.

Si o portuguez de outr'ora o somno eterno
dorme, e de escravos não se vêem signaes,
ambiciona o portuguez moderno
que o filho dê mais louros a seus paes.

Do Imperio co'a Bretanha em desavença,
quem por nós mais direitos invocou?
Foi da lusa nação a illustre imprensa,
que da justa defeza triumphou.

Hôje todos comprehendem o motivo
d'este festim, que nos reúne aqui ;
é das lêttras o dom charitativo,
que uma associação ganhou p'ra si.

Valendo-se do regio anniversario ,
o *Luso Gabinete* hôte quiz dar
um óbolo ao brazileo voluntario,
que á desvalida prole ha de o sagrar.

Honra aos que realizam taes ideias,
o Brazil bem conhece Portugal,
porque o sangue, que gira em nossas veias
é o sangue dos filhos de Cabral.

Bahia, 31 de Outubro de 1865.

O rei e o povo.

À S. M. IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II.

POESIA RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO EM A NOITE DE 2 DE DEZEMBRO DE 1865.



ilhos da liberdade, uma grinalda
hôje deveis ao resplendor de um sceptro!
Recommendae os cantos do meu pléctro,
astros do Norte, ás virações do Sul!
Eu não peço oblações de um povo escravo,
que de um algoz se chama realista;
curvo-me ante o poder do rei psalmista;
maldigo atrocidades de um Saul.

A purpura brilhante dos monarchas
não me pode inspirar jamais respeito,
si quem, para vestil-a, por direito,
de um acaso só teve a protecção;
não venéro o fulgor da realeza
pelo viver ephemero de um throno,
que morre sem saber quem foi seu dono,
que humilha, atraza e perde uma nação.

Melhor sabe guiar um povo heroico
a redemptora mão de um Kossiuscko,
que não o diadema sempre fusco
de um rei, que só propende para o mal;
de um Bolivar a farda limpa e nobre,
que tornou dous paizes soberanos,
junta aos mantos luzentes dos tyrannos,
vence o brilho da tunicá real.

Da magestade humana o solio augusto
é nos braços do povo, quando a gloria
quer que um rei continúe a grande historia
de um reinado, que a morte interrompeu;
abraçados assim n'um pensamento,
quando se ostenta a monarchia e povo,
transforma-se o paiz n'um Éden novo,
a c'rôa mostra Deus, o throno o Ceu.

Reis illustrados eu louvo,
louvar despotas não sei;
as palmas de um livre povo
fazem a c'roa de um rei.
O povo e o rei, quando unidos,
são dous poderes fundidos
n'um gigantesco poder,
mas si o rei faz-se verdugo,
o povo repelle o jugo;
sem rei se póde reger.

Ser um rei é ser primeiro
nos brios de uma nação;
é dar um golpe certo
nas serpentes d'ambição;
é ser das leis cofre e guia;
e quando extranha ousadia
contra o seu povo investir,
da nação palpar as veias,
ver si de sangue estão cheias
para as repulsas nutrir.

É ter ouvidos abertos
sempre ás queixas do infeliz;
contra os aulicos espertos
defender o seu paiz;

reprimir os máus instinctos
d'esses governos famintos
de riqueza e de brazões ;
às paixões sempre contrario,
— abrigar o proletario
das iras dos figurões.

Estimular o talento ;
desprezar a estupidez ;
nas luctas do pensamento
não ser vencido uma vez ;
ter levantada a viseira
contra a espada traiçoeira
de antagonistas da fé ;
voar intrepido á guerra ,
pôr o inimigo por terra ,
ficar no throno de pé.

Quando um rei assim procede
mil benções do povo attrae ,
e o povo os seus dons não mede
às fadigas do rei-pae.
O povo é cordeiro enorme ,
que aos degraus do throno dorme
para um leão acordar ,
quando o rei, por malvadeza ,
vaidoso da realeza ,
quer no seu povo pisar.

Bem como o placido rio ,
que deixa o baixel singrar ,
sem se escutar murmúrio ,
sem a lympha se turvar ,
o povo, quando um rei grande
nos seus intentos se expande
para tornar-se immortal ,
deixa que o rei sabio e justo .
ganhe os troféos de um Augusto
legando á patria um phanal.

Mas si o rei, servo de um erro ,
ri-se do povo e da lei ,
o povo em laços de ferro
zomba da força do rei.
Então as serenas aguas ,
do despotismo nas fragoas ,
transmudam-se ao rei cruel
em corrente audaz e tanta ,
que os proprios ventos espanta ,
que despedaça o baixel.

Monarcha brasileiro, és nobre, illustre e bravo !
não vês um povo escravo em teu feliz reinar ;
Mecenas para o livro e Cezar na peleja ,
não tens de Augusto inveja , és forte p'ra lutar.

Aos reis da velha Europa aponte o novo mundo
o que é Pedro Segundo aos fastos do Brazil :
Filho do heróe do Porto , em teu risonho dia,
Paraguassú te envia ardentes graças mil !

Eras n'um throno herdado e achaste pouco o brilho;
quizeste ser bom filho , honrando o nome teu :
ao impeto fallaz do abutre paraguayoy
correste como o raio a castigar o réu !

Depondo o manto e o szeptro, (idéa soberana !)
salvaste Uruguayana, á espera só de ti.
Depois de redimil-a ao teu regaço terno ,
para um reinado eterno ergueste um throno alli.

De volta aos lares teus nas azas d'aurea fama,
hóje o Brazil te acclama estrenuo defensor....
Povo, commigo entôa, em noute assim festiva,
entrepitoso *viva* ao grande Imperador !.

Bahia. 1865.

A Providencia e o orphão.

Qui donne aux pauvres prête à Dieu.

VICTOR HUGO.

POESIA RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO

EM A NOITE DO ESPECTACULO DADO PELO PRESTIDIGITADOR LAJOURNAD, EM
BENEFICIO DAS MENINAS ORPHANS DA CASA DA PROVIDENCIA.



inda existem almas generosas,
que se lembram dos pobres!
Que para as creaturas desditosas
estendem braços nobres!

No sorvedouro atroz de mil cuidados,
que valêra a existencia
aos entes — da fortuna desherdados,
faltando a Providencia?

Que seria da virgem perseguida
n'este Dédalo aváro,
si, ás garras do prostibulo impellida,
não visse em Deus o amparo ?

Nas contorsões da fome vehemente,
que accommete a orphandade,
que seria da misera innocente
entregue á soledade ?

E que seria d'esse humano embrulho,
no escondrijo lançado,
si a mão da charidade sem orgulho,
não colhesse o engeitado ?

Urzes por berço, o corvo por amigo,
as chuvas por baptismo,
achara o orphão, si não fosse o abrigo
do charidoso heroismo !

Quantas vezes da vida no proscenio,
o orphão, coitadinho,
nos seus vagidos diz que morre um genio
para o mundo mesquinho !

Que importa? si o dinheiro só recebe
os que nascem no fausto!
Que importa? si o dinheiro o sangue bebe
do proletario exhausto!

Sim, que, nutrindo da ambição as furias,
esses ricos ignavos
só querem ouro p'ra atirar injurias
e p'ra comprar escravos!

Ouro para excitar no luxo o pasmo
dos que o ouro namoram;
ouro p'ra responder n'um vil sarcasmo
aos que a miseria choram!

Mas inda existem almas orgulhosas
de sentimentos nobres!
almas, que se dedicam fervorosas
ao soccorro dos pobres!

Deus retribúa a vós, que hoje viestes
das artes ao recinto,
para ás filhas sem paes dar, como déstes
um óbolo distincto!

Pela dextra feliz do prestimano,
s'escoando as moédas,
hão de cahir no gremio soberano
das creancinhas ledas.

N'essa magia, que fascina as almas,
os celestes amôres
paguem sobre um balcão de immensas palmas,
as moédas com flôres.

Da Providencia as socias peregrinas
essas flôres reunindo,
c'rôem co'a gratidão de cem meninas
o magico bemvindo.

No seu mister benefico prosiga
a irmandade brazilia,
que á sombra da virtude educa e abriga
as pobres sem familia.

De Lajournad o nome á humanidade
transmitta a minha lyra,
que em beneficios feitos á orphandade
mais se exalta e se inspira.

Bahia, 12 de Janeiro de 1866.

Saudação ao povo bahiano

RECITADA NO THEATRÔ DE S. JOÃO

DIANTE DE UM QUADRO QUE FIGURAVA O BRAZIL ESMAGANDO O PARÁGUAY.



o povo á festa eu não falto,
quando os do povo celebram
o surto de aguia tão alto
de peitos que não se quebram.
Sim, que eu leio n'estes rostos,
d'onde somem-se os desgostos
para a Patria mais fulgir,
o signal vivo. eloquente,
dos brios da nossa gente,
da luz do nosso porvir.

Agora sim, vejo unidos
os brasileiros por gloria
e os politicos partidos
rege uma crença — a victoria ;
agora um só grito echôa ;
a imprensa, o povo e a corôa
têm uma só ambição ;
agora a espada val tudo
e um punho de bravo é escudo
para a honra da nação.

Demos profaças á guerra,
que nos tirou do marasmo
que humilhava a nossa terra,
que era ao dever um sarcasmo !
Vão nas azas da saudade ,
que accende tanto a vontade
das brazileas legiões ,
benções aos peitos estoicos,
que lembram tempos heroicos
dos Fabios e Scipiões.

Em muitos o pranto corre
por mortos... o pranto cesse ,
porque nunca um bravo morre ,
quando o seu berço ennobrecer.

O bravo é um ser egregio,
que frue o mor privilegio
que aos homens Deus concedeu;
é, que, vivo, não se occulta
e, quando a Patria o sepulta,
o bravo não perde o *eu*.

É que Deus ensina ás almas
que a melhor palma s'escolha,
quando uma lousa quer palmas
p'ra dar á historia uma folha.
E o bravo, deixando um nome,
que o tempo jamais consome,
que tem das manhans a luz,
vae tornar-se um dos renovos
d'arvore santa dos povos
que se altêa aos pés da Cruz.

Tregoa, tregoa á tristura
que a morte da carne inspira,
que eu de crepe e de amargura
não vim cobrir minha lyra.
Um *viva* unisono suba,
que se case aos sons da tuba
que a fama embócca de lá!
Do Passo da Patria ao feito
rendamos fervido preito,
porque só resta Humaytá!

R.

Eil-o o Paraguay curvado
ante o Imperio do Cruzeiro !
Eil-o o barbaro pisado
pelo ardor do brasileiro!
Povo, aos teus inimigos mostra
tua obra! Quem não se prostra
ao teu poder senhoril ?
Povo immenso, dos teus seios
sahiram fortes esteios
p'ra levantar-se o Brazil.

Oh! d'esses humanos raios
ao denodo quem resiste,
quando contra os paraguayos
investem de lança em riste ?
Oh! quem lhes oppõe barreira,
quando avançam co'a bandeira
que ha de por força vencer ?
Oh! são guerreiros bisarros,
são irmãos de Mariz Barros,
expiram, mas, sem gemer !

Mas, silencio, ao longe estruge
o vomitar das bombardas!...
D'Assumpção o tigré ruger
ao ver brazileiras fardas....
La vôam aguias fardadas
para as ameias guardadas

pelas hostes de Lopez!
É imminente a agonia
do reino da barbaria,
que vae tombar de uma vez!

Já não percebo os bramidos
desses tremendos colossos!
Foi erro dos meus ouvidos
ou Lopez dobrou-se aos nossos!
Povo, a noticia aguardemos
até que ovante saudemos
essa vingança final;
té que ao luzir de outras glorias,
c'rôe o anjo das victorias,
à bandeira nacional.

Bahia, 9 de Maio de 1868.

Mariz Barros.

AO ILL^{mo}. EX^{mo} E SR.

VICE-ALMIRANTE VISCONDE DE INHAUMA.

De pequeno creado na guerra
Viu na guerra extinguir-se-lhe a luz.

PALMEIRIM.



ra já findo o combate
das balas contra a couraça ,
e o vomitar de fumaça
cessara em nossos canhões ;
mas, quando galhardas voltam
brázilas quilhas a prôa ,
um tiro horrisono atrôa
como o bramir dos trovões !

— Que` é ?... Que foi ?... Que desdita
entra n'um casco de ferro ?!...
Foi um acaso ou foi erro? —
Todos perguntam: — Que é ?!... —
Ouve-se um grito medonho ,
despedaçar de correntes,
e os gemidos de valentes
que já não gemem de pé!

Oh! que sinistro agoureiro
peitos marmoreos abala,
quando ao zunir de uma bala
cahem tantos de uma vez!
Que scena . que dôr que spasma
prende os marinhões soldados .
vendo os seus chefes lavados
de sangue sobre o convez!

Entre os feridos avulta
pelo sangrar da ferida ,
uma farda , não vencida ,
que assombrára em Paysandú ;
como os *vivas* d'esse povo (11)
que o suspendera nos braços ,
buscaram-no os estilhaços
das bôccas de Itapirú !

Hontem fidalgo do fogo ,
da primeira fidalguia ,
que os brazões de mór valia
vem da laurea popular ;
hòje inerte sobre um leito ,
quando a vida se lhe some
imprime a luz do seu nome
no livro immenso do mar.

No entanto o moço desprende
sorriso que espanta a morte ;
e quando o avisam do corte
que o seu corpo vae soffrer .
elle placido responde :
— « Cortem , mas quero um charuto ;
co'a dôr inda posso e luto ;
sou forte não sou mulher. » —

Oh ! que estoicismo de bravo
legou á patria estupendo
esse gigante , morrendo ,
esse moderno Bayard !
Oh ! como serena expira
aquella existencia homérica ,
capaz d'imitar n'America ,
Jervis, Tourville e Jean Bart !

Mas, quiz a força do acaso,
origem d'infundas magoas,
que sobre o dorso das aguas
succumbisse esse titan;
não chorem por Mariz Bárros
da saudade nos escolhos,
que da noite dos seus olhos
surgiu da gloria a manhan.

Bahia, 20 de Maio de 1866.

25 de Março de 1824

N'esse dia o rei fez-se povo e o povo fez-se rei.

• CONS. J. BONIFACIO.



is um dia immortal! a data augusta
que rememora em paginas tão lidas
a dadiva melhor do rei-soldado!
O grito do YPIRANGA inda era pouco;
e o gladio, que esse grito sustentára,
transformando-se em cálamo no throno,
escreveu para o povo a carta immensa.
Então aquella bôcca altiva e nobre,
que proferira o altiloque dilemma
de INDEPENDENCIA OU MORTE; aquella bôcca,

da liberdade ungiendo-se no influxo ,
aos libertados disse:— « Eia, vassallos!
do meu sceptro a metade hõje vos cabe
e governam por mim vossos eleitos. »

O povo , recebendo , jubiloso ,
o papel em que um rei se eternisava ,
correu logo p'r'as urnas e os tribunos
sahiram d'ellas n'um' suffragio livre.
Quem pode ouvir a magica eloquencia
da trindade immortal da Paulicéa ;
quem sondou o character de um Vergueiro ; ,
quem no voto fiou-se de um Lisboa
e a penna viu brilhar de um Vasconcellos ,
que extrahia da tinta a luz da ordem ;
quem conheceu de perto um Paula Souza
mau sómente p'ra si ; quem viu taês vultos ,
merecidos encomios dar podia
á escôlha popular , á livre escolha.
Sim , porque essas razões illuminadas
bem sabiam servir-se , a bem da Patria ,
das leis escriptas n'esse livro escudo.

Mas quantos hõje têm zelado a carta ?
Bem poucos . porque muitos mal solétram
as liberaes palavras . que sustentam

o povo e o throno em magestoso amplexo.

Hôje o voto é de quem o voto exige
e não do sabio que merece o voto.

No entanto esses politicos falsarios, (12)

depois que por traições e por chicanas
invadem as privanças da corôa,

olvidam-se de tudo as folhas rasgam

da egide do povo; e, contra o povo

dictando novas leis, torcendo as velhas,

dos restos d'essas paginas truncadas

fazem mascara torpe a vis intentos:

e, si um protesto franco os desmascára,

respondem que « melhoras no systema

são de urgencia ao paiz, comquanto illesa

vigore no paiz a regia carta. »

Anathena aos malevolos legistas

que só querem subir, sem ver que descem,

quando a nação fraquêa entre os disturbios

dos partidos do *eu!* Morram p'ra sempre

na popular memoria os nomes trêdos

dos que ferem a lei, do povo em nome!

Filho do heroe do Porto, é tempo ainda!

Do teu governo afasta os palinuros

que por desculpa tomam-te dos erros,

quando a escarcéus a não do Estado levam,

sem a carta fiel que aponta os rumos!

Pedro Primeiro e Quarto, volve ao mundo,
e os estragos mirando da tua obra
nas mãos dos que deviam mais guardal-a.
esses eleitos perfidos e espurios
com teu sceptro pesado e frio esmaga,
a bem do throno do teu filho amado!

Fuyuty, 25 de Março de 1867.

Soneto.

Recitado no theatro de S. João, por occasião de ser celebrado o anniversario natalicio de S. M. F. Dom Luiz I, pelo Gabinete Portuguez de Leitura, para com o producto d'esse espectaculo beneficiar as familias desvalidas dos voluntarios da patria brasileiros.



Dous povos n'uma lingua vinculados!
N'uma lingua dous sceptros imperando!
Dous governos irmãos no poder brando,
com que sabem subir os governados!

Dous grandes pensamentos combinados
para um só pensamento venerando!
A charidade de um e outro abraçando,
em lances fraternaes sempre esmerados!

Dous lábaros no Atlantico, Deus, cruzas!...
O mar, que afasta-os, some-se... e se fundem
no Cruzeiro do Sul as Quinas Lusas!

Portugal e Brazil, de gloria abundem
vossos feitos gentis! Cantae, ó Musas,
a luz de amor, que os thronos dous diffundem!

Bahia, 31 de Outubro de 1867.

O bravo.

AO BIZARRO CAVALLEIRO BARÃO DO TRIUMPHO.



Si o homem da sciencia é grande, é nobre, é genio
Que uma nação levanta e cinge eternos louros,
O genio da batalha, o nobre pela espada
É como um semideus no meio dos pellouros.

Como sustar o vôo ao passaro atrevido?!
Como reter o curso ao mar que se encapella?!
Debalde, a força humana esbarra no impossivel,
se intenta oppôr barreira ao passaro e à procella.

Mais que o ceruleo abysmo e o cruzador dos arés !
que a terra, o mar e os céus devassa lá dos Andes ,
o bravo quando lucha , é o Hercules alado
que algemas quebra rindo e humildes torna os grandes.

Os grandes só no orgulho , os fatuos miseraveis,
que fortes são na lingua e fracos sempre n'alma
d'inveja e de temor impallidecem mudos
ante o fulgor do heróe que traz da gloria a palma !

Palma que rebentou do sangue do martyrio,
palma, que não se obtem por titulos mesquinhos,
ha de offuscar p'ra sempre as ostentosas galas
d'estupidos brazões, d'estereis pergaminhos.

Si o bravo , muita vez , cresce em singelo berço .
quando o covarde altivo em berço d'ouro medra ,
bem veze dos brazões, morrendo, o filho os mancha ;
e, morto , o bravo illustra um sec'lo n'uma pedra.

Quem nunca teve patria, ou tem sem fé, sem brios,
bravo não pode ser, julgar não pode um bravo ;
da gloria ha de fugir . por mais que a gloria o chame,
sempre a descrer de si, de opprobrios sempre escravo.

Que val em mãos de um fraco o ferro da Bretanha,
a polvora voraz e o aço de Tolêdo,
si perto da victoria o fanfarrão armado
arma os contrarios, foge e esconde-se de mêdo?!

Inerme ante o inimigo, o bravo expando o peito
à bôcca de um fuzil, ao gume de uma lança,
não se retrae, não vê da morte as trêdas garras,
e os contendores pasma e impavido se avança!

À beira do sepulchro indomito phantasma,
n'um só olhar o bravo a terra ingrata méde,
e, do sanguento pó limpando as niveas azas,
n'um surto de condôr dos homens se despede.

E vôa! e vôa! e vôa o espirito gigante
que perlustrando vae as nuvens como um astro!...
E quando os céus alcança, ao som d'infindas harpas,
a terra, ouvindo os céus, do bravo adora o rastro.

Anathema ao covarde e benções ao que tomba
entre revezes mil de frente sempre erguida!
Morrer qu'importa assim? Si a morte fere o bravo,
ascende aos pés de Deus o sangue da ferida.

E lá o anjo da gloria acolhe o sangue puro,
e em lucidos rubins as gottas crystallisa
para engastal-as ir na lampada infinita,
que ao mundo expande a fé, que o barro immortalisa.

Barão que os teus braços concentras no teu punho ,
eis o que és tu no prelio e o que has de ser na historia !
Mas inda vives, bravo ; a morte inda não pode
apear-te do corcel a resfolgar de gloria !

Agora reclinado á sombra dos teus louros ,
não deves mais temer o bafo pestilento
do zoilo que rasteja , emquanto as aguias vôam ,
da inveja que escarnece o brázilo ardimento !

De longe eu te saúdo e sinto estar tão longe ,
por não beijar-te o gladio , o gladio que deu luz
ao livro seçular da historia dos valentes ,
aos credits de um povo , ao lábaro da Cruz !

Bahia, 26 de Outubro de 1867.



NOTAS DA SEXTA PARTE

(1) Este canto marcial foi produzido no principio da campanha oriental, quando Montevideo era occupada pelos desenfreados *blancos*, que, ainda ha bem pouco, deram inequivocas provas da sua feroza covarde, cravando o punhal traiçoeiro no generoso peito do bravo general D. Venancio Flores, verdadeiro amigo do Brazil.

(2) Refiro-me ao conflicto que houve no theatro da Bahia, por occasião de apresentar-se ali um panno de bócca, figurando um brasileiro ajoelhado e vencido ao pés de um lusitano.

(3) Débora, juiza do povo hebrêo.

(4) O congresso de Lisboa, no reinado de D. João VI.

(5) A Ex^{ma} Sra. Baroneza do Rio Vermelho.

(6) M^{me} Legras, que de harmonia com Vicente de Paulo fundou em 1833 a bella e humanitaria instituição das IRMANS DA CARIDADE.

(7) Celebre mulher dos Estados-Unidos.

(8) A destomada creança de 11 annos, que resistiu á um troço de paraguayos, gritando, até morrer, que não se rendia!

(9) Alludo á resposta que deu Estigarribia, paraphraseando o heróe das Thermopilas, quando os alliados de Uruguayana intimaram-lhe pela primeira vez que se rendesse.

(10) A cidade do Porto, quando fez a sua exposição.

(11) O povo fluminense, que levou-o em triumpho até a habitação de seu honrado pae, o Ex.^{mo} Sr. Visconde de Iuhaúma.

(12) Vá a quem toca; não me refiro a todos.



**INSPIRAÇÕES DA CAMPANHA
DO PARAGUAY**

DESPEDIDA

AOS BRIOSOS VOLUNTARIOS BAHIANOS.

Dulce et decorum est pro patria mori.

HORACIO.



ressurosos da Patria ao chamado,
mais temiveis que as hostes da Gallia.
como, outr'ora, os valentes da Italia,
ao theatro da guerra marchaes!
N'este empenho, que tanto vos honra,
n'esta marcha, que exprime a vontade.
pela gloria calando a saudade.
lar, familia, fortuna deixaes!

Mãe suprema . prevendo a perfidia
que aos seus filhos mil ferros aguça ,
quem não geme , si a Patria soluça ?
Quem não corre a vingal-a , feroz ?
Para settas quebrar d'inimigos ,
quem não sente escaldarem-se as veias ?
Quem não parte de amor as cadeias , *
para as garras partir de um Munhoz ?

Não foi só para a Italia remir-se
que o civismo creára caudilhos ;
o Brazil como vós possue filhos ,
que mais bravos a Europa não tem .
N'Assumpção o bahiano heroismo
do Cruzeiro o estandarte desfralde ;
si na Italia venceu Garibaldi ,
Garibaldis nós temos tambem !

Aos guerreiros d'idéa tão nobre
que de flôres estão reservadas !
Por santelmo das vossas cruzadas
Nietheroy vos prepara um pendão (1).
N'essa tela bordada d'estrellas
pelos dedos de brázilas damas ,
quando tentes cuspir . impio Lamas (2),
tinja a lama o teu nome , villão !

Surge a aurora , que as trevas espanca
d'essa noite servil , feia noite ;
Paraguay , da vingança o açoite
no Brazil já te espera sem dó !
N'este sólo , de martyres cheio ,
quando em sangue sublimam-se as almas ,
do martyrio rebentam mil palmas ,
mil vencidos se arrastam no pó !

Já no Prata não fallam as iras
d'esses *blancos* , irmãos desunidos ;
recuando ao furor dos partidos
já de Aguirre o furor se abateu !
Ide agora punir Gorostiaga ;
implacaveis , correi , voluntarios ,
contra o bando voraz de sicarios ,
que d'inermes o sangue bebeu !

Negras ondas de fumo rompendo ,
ao troar dos canhões , das bombardas .
dos bahianos se illustrem as fardas ,
seja o peito bahiano um arnez :
ao lampejo das armas brazileas ,
para as furias do bárathro emigre
o bandido da honra , esse tigre ,
esse tigre chamado Lopez !

Do Amazonas ao Prata a victoria
ha de ao mundo narrar maravilhas,
quando fôrem as brázilas quilhas
tuas aguas sulcar, Paraná.
Ante a força do Imperio gigante
da republica humilhe-se o Nero;
quem outr'ora transpoz Tonelero,
ha de as chaves quebrar de Humaitá!

Grande exemplo vos deu Matto-Grosso
na pujança de Villa-Maria;
de Carrero a sublime ousadia
fez Barrîos dobrar a cerviz!
Quando á luz deste sol, que nos queima,
do inimigo rompermos a capa,
dos paizes mais fortes no mappa,
mostraremos que somos paiz.

Quem não lê n'estes rostos desejos
de pagar o insólito agravo,
vendo á frente o cadête mais bravo,
que entre os bravos achou Labatut? (3)
Quem, levando por chefe a coragem,
ser na lucta o primeiro não timbra,
imitando os heroes de Coimbra,
as façanhas, que viu Paysandú?

Succumbir na peleja, qu'importa
aos que zombam da morte na campa?
Quando a lousa de um bravo destampa,
o porvir colhe eternos troféos.
Que valera um de vós, se vivendo,
o torrão do seu berço infamasse?
Aos que ás balas não voltam a face,
no meu canto, dirijo este adeus.

Eia, ávante, guerreiros bizarros!
Mais temiveis que as hostes da Gallia,
como, outr'ora, os valentes da Italia
ao theatro da guerra marchae!
N'este empenho, que tanto vos honra,
n'esta marcha, que exprime a vontade,
convertendo em victoria a saudade,
laureados, á Patria voltae!

Bahia, Fevereiro de 1865.

O COMBATE DE RIACHUELO.

POEMETO OFFERECIDO

AO BARÃO DO AMAZONAS

E AOS SEUS BRIOSOS COMPANHEIROS DE GLORIA.

L'adversité et la grandeur de facultés naturelles ou acquises, qu'il faut rassembler dans un même homme pour faire de cet homme un héros de mer, étonnent l'esprit, et disproportionnent le marin parfait de tout comparaison entre l'homme de guerre ordinaire. A l'un il ne faut qu'une sorte d'héroïsme, celui qui affronte le feu ; à l'autre il en faut deux, l'héroïsme qui affronte la mort, et celui qui affronte l'élément.

LAMARTINE. (*Biographie de Nelson.*)



Bra manhan serena : e a frota brazileira
olhava sobranceira ao vento, á terra e ao mar ;
no baixo Paraná as ancoras prendia ;
incommodava o dia em tanto repousar.

O rude marinheiro a inercia não compr'hende,
depois que a furia entende aos impetos do Sul ;
quer suppcttar vaivens, quer combater a sorte,
quer arrostar a morte em descampado azul.

Genio da tempestade, em vagalhões nascido,
o nauta destemido espera o vendaval :
nas gaviãs a correr. vencendo o grande mastro,
busca tocar um astro e ser da aguia rival.

Só vive a conversar co'as luzes do infinito ;
distrac-o só o grito horrivel do tufão ;
si após essa refrega a calmaria enxerga,
oil-o que sóbe á verga, e chama á viração.

Como que por milagre, o vento lhe obedece.
e as sanhas esvaéce ao salso abysmo audaz,
que, só por si movido, impelle a não mais vasta
e muita vez a arrasta e para o fundo traz!

É que, revôlto, o mar conhece o marinheiro,
por ser quem foi primeiro, após o Creator.
sondar-lhe a extrema altura, aproveitar-lhe o espaço,
tornal-o um forte laço ás tentações do amor.

Tambem mais do que a tudo o nauta as ondas ama ;
o mar é sua cama, e ali deve morrer :
eis porque Brueys, calcando a desventura,
do mar faz sepultura e salva o seu dever. (4)

A frota era em silencio e incommoda apathia;
mais eis grita o vigia, e ao movimento attrae:
— « Esquadra paraguaya á vista pela prôa! » —
O grito á todos sôa e tudo a postos vae.

Não tarda aproximar-se a paraguaya armada...
veloce, enfileirada, avança mais e mais!...
A nossa, como o raio, a combater se apresta,
os seus canhões assesta e ao fogo dá signaes.

— « Leva as ancoras! Avante! » —

Ordena do chefe a voz:

— « Siga a *Belmonte* adiante!

« sigam os outros após!

« A paraguaya esquadrilha,

« á distancia de uma milha,

« vae ter uma saudação... » —

As portinholas se aclaram,

zunindo as balas disparam

aos ribombos do canhão.

Dos fogos que se despargem ,
o inimigo nem dá fé!
De Riachuélo a dextra margem
seu melhor abrigo é.
A *Belmonte* se adianta...
a sua avidez é tanta,
que mais não pode esperar!
Contra todos se arremessa...
lucta renhida começa...
de fumo cobre-se o ar!

Um vapor contrario avança ,
trazendo á pôpa mais dois...
á *Parnahyba* se lança...
chegam os outros depois.
Trava-se feia abordagem...
mas a brázila equipagem
não quer dobrar-se ao revéz ;
já não conta com a victoria ;
mas ; para a sêde de gloria,
de sangue alaga o convéz !

N'aquella scena medonha ,
guerra de tres contra um ,
o Brazil não se envergonha ,
não se vê covarde algum.

Eis que um tigre ua contenda
mandá a Greenalgh que se renda
que arrêe o estandarte seu;
mas o bravo sentinella
prefere a morte, e com ella
o estandarte mais ergueu!

Contra a invasão paraguaya,
de mortos sobre um montão,
Pedro Affonso, Andrade Maia,
são dois filhos do trovão.
Na prôa, Marcilio Dias,
oh! que milagres fazias,
contra quatro a resistir!
Mais denodo e mais pujança
não viram aguias da França,
nem os leões de Aboukir.

Mas quando as balas se movem
contra os navios de lá,
de trincheira occulta chovem
ruinas contra os de cá!
Os paraguayos bandidos,
nas barrancas escondidos
de arvoredos por detrás,
jogam milhões de estilhaços;
vôm craneos em pedaços
n'essa metralha voraz!

Oh *Parnahyba* não pode
tantos impetos vencer !
ao turbilhão que a sacode,
eil-a prestes a ceder !
No entanto o Silva bizarro
acêso tinha um cigarro
para inflammar o paiol...
Si a canhoneira invadida,
ante o sol fosse rendida,
não mais se veria ao sol.

Não tarda a ser do inimigo
uma victoria immortal !
É mais que nunca em perigo
a honra nacional !
Em Tonelero exaltada,
vae ser a brázila armada
hóje abatida... e por quem ?!
O gigante americano
aos motejos de Solano
quem pode salvar ? Ninguem ?!...

Qual touro, que esbravejando,
deixa ao longe os matagaes,
e abre co'as pontas. uivando,
as cancellas dos curraes :

pelos paternaes instinctos,
prêsa dos lôbos famintos
ouvindo a filha gemer,
raivoso ao centro se esbarra;
da morte a triste desgarra;
força os ladrões a correr;

tal o *Amazonas*, co'a prôa
investindo contra os tres,
como a uma leve canôa
vira o *Salto* de uma vez;
à guiza de encouraçado,
vae varrendo para o lado
o que acha em frente de si;
já sem rosto e só co'a giba,
redimindo a *Parnahyba*,
afunda o *Paraguay* !

Não escapou á rizeza
do beque da não gentil
o vapôr, que de surpresa
fôra tomado ao Brazil (5)
N'aquelle arremesso horrendo
o *Amazonas*, conhecendo
seu irmão, estremeceu...
mas, por ver que elle era escravo
do pavilhão mais ignavo,
para vingar-se o perdeu.

De pé na caixa da roda,
vê-se o Barroso a mandar;
dirige a manobra toda,
sem o semblante alterar.
Viu ao longe o seu navio
quasi a afogar-se no rio;
quiz livrar os bravos seus...
A idéa foi repentina;
é plano que não se ensina;
plano inspirado por Deus.

Quando essa idéa apagava
desdouro grande á nação,
um incendio se ateava
da *Belmonte* no porão!
As bombas tocam de prompto;
mas o fogo sóbe a ponto,
que não se pode impedir!...
Uma bala o casco arromba...
tem serventia de bomba,
faz o incendio se extinguir!

Uma noticia tristonha
os regozijos turvou;
o esvelto *Jequitinhonha*
nos baixos encalhou!

Corre a traidora esquadrilha
para mesclar n'essa quilha
da nossa gloria o matiz ;
mas o vapor nem moveu-se ;
si para o Brazil perdeu-se ,
não serve a outro paiz.

Então as gaviás galgando
pelas enxarcias veloz ,
á victoria graças dando
a equipagem brada após :
— Viva a nação brasileira !
Viva a invencível bandeira !
Viva, viva o Imperador !—
Viva do chefe Barroso
o lance maravilhoso ,
que eternisa um vencedor !

E o sol , quasi a deitar-se , nos seus raios
mandava um parabem aos brasileiros ;
cobertos de vergonha , os paraguayos
fugiam p'ra os seus muros traiçoeiros !

Vinham com ares de vencer o mundo ;
voltaram n'um completo abatimento !
Bem pagaste , Lopez , do rio ao fundo
as contas do teu louco atrevido !

Quem sabe que de lagrimas poupando
essa victoria a centos de familias,
n'um dia quantos seculos pesando,
quantos creditos deu ás náos brazileas !

Da Patria cõlham premios mais seguros
os nossos marinheiros destemidos :
Estimulos aos grandes palinuros !
Quem responde aos canhões, não quer olvidos.

Conheça a Europa os marciaes extremos
dos nautas d'este imperio americano ;
a Navarino e Trafalgar não temos
que invejar mais proezas no oceano.

Oh Riachuelo ! D'essa luz divina ,
em que o Brazil surgiu victorioso ,
revivêram heróes de Salamina ;
Themistocles brazileo foi Barrôso !

Bahia, Julho de 1865.

AO BRAVO GENERAL PALLEJA

MORTO NO ATTAQUE DE 18 DE JULHO DE 1866.



ra um dia de luctas sangrentas ,
em que ao sol se mostraram leões ,
era um dia em que a voz das tormentas
expirava na voz dos canhões.

O cruzar das espadas e lanças
dos valentes corceis o nitrir . •
era a orchestra das bellicas dâncas
em que a gloria abraçava o porvir.

No incessante voar d'estilhaços ,
no tremendo assestar dos fuzis ,
n'esse immenso ranger de mil braços ,
que de um bravo não curva a cerviz ;

a figura gentil se descobre
do famoso guerreiro oriental;
não ha força que a força lhe dobre
dos seus labios no riso fatal !

Não conhece no prelio o infinito
quando parte o ginete veloz ;
e, da guerra enlevado no grito,
não percebe no mundo outra voz.

E se arroja, é se envolve, e s'entranha
onde ferve o perigo maior!....
e no sangue dos vivos se banha,
quando sente da morte o furor.

Agua invicta d'impavidas azas,
si mais louros procura ganhar,
arrogante se atira nas brazas
sem no fogo a plumagem tsnar !.

E o guerreiro lá sóbe, lá vôa,
peito d'aço a luctar contra dez!
E o ginete a correr vaga a tóa
pela terra a sumir-se-lhe aos pés.

Cresce o fogo, encarna-se a lucta,
diz o acaso ao prodigio:— Mais não!—
Mas da sorte os vaivens não perscruta
quem responde ao rugir do canhão.

Foi assim que o gentil cavalleiro,
sem cuidar no imminente revez,
caminhando p'ra morte altaneiro,
se perdeu no combate outra vez.

Eis que ao ronco de horrisona bomba
feia a morte rebenta do pó!....
E o ginete veloce já tomba,
e o guerreiro expirando cae só!

Presto o sol se retira e a peleja
finda em braços quebrados aos cem;
mil saudades lá chamam Palleja,
mas. Palleja não falla a ninguem!

E acolhendo seus restos os guarda
o torrão do famoso oriental:
Veste agora o porvir a aurea farda
d'esse morto que fez-se immortal.

A VICTORIA DE CURUZU'

CANTO DE GUERRA

OFFERECIDO

AO TENENTE-GENERAL VISCONDE DE PORTO-ALEGRE



Que scena é esta a escravisar-me os olhos?!
Tépida a noite silenciosa e pobre
das lampadas que exornam fulgurantes
a sempiterna abobada dos mundos!
Nem um threno de passaro se escuta!
De Orpheu alado as notas peregrinas
morreram, quando o sol morreu nos braços
da seductora tarde !... A natureza
só me pede lamentos de saudade
no rio, que despeja-se gemendo,
no mover-se das folhas resequidas,
e na sinistra còr das nuvens densas!

Acorda minha lyra! Ao longe fulge
uma spiral de fôgo; eia, deixemos
estas sombrias aguas, estas ribas,
e voêmos p'r'as chammas! Lá, quem sabe,
eu lograrei despir-me das tristezas
que pelo amor da patria me atormentam!

Emfim, 'stou livre!.... Mas, que vulto é este
que ao redor da fogueira se debate?
Será monstruosa e aquatica serpente
que, fugindo das aguas para a terra,
as azas vem seccar nas labaredas?
Não, que o monstro não silva; apenas se ouve
o crepitar das folhas, que se queimam,
e centenas de corpos que se cruzam,
desafiando o caustico elemento!

Mas os corpos agrupam-se, agglomeram-se,
como para abafar a chamma horrivel.
Semelham nuvem que tombou dos ares,
inda prenhe de liquido gelado
para domar as furias do brazeiro.
Ruge a bronzea e mortifera garganta!...
Respondem acintosas gargalhadas
ao rebramir rouquenho e horripilante
d'esse abutre de polvora e de balas!

Anda o genio da guerra nestes ermos?
Será que tenham resurgido agora,
no solo americano, essas cohortes
que refrearam impetos gigantes
dos filhos de Carthago? Ou será lucta
de selvagens guerreiros? Não, que as armas,
que fuzilam aqui, são do progresso.
A loriga, o arnez, o escudo e o dardo
no pó de vinte seculos se escondem;
as settas não sibillam pelos ares;
mas nos hombros e cintas dos guerreiros
baionêtas e gladios flammejantes
attestam pelo ardil das novas raças.

Porém o fogo cessa e os sitiantes,
taciturnos e immoveis nos seus postos,
esperam que a manhan, rompendo as nuvens,
mostrar-lhes venha os rostos inimigos.
Silencio minha lyra; o sol não tarda;
esperemos o sol das madrugadas.

A aurora já baixa, cercando de risos
a face da terra faminta de luz;
e os dous inimigos se fitam irados,
e o genio da guerra p'ra morte os conduz!...

Gentil se desdobra, nas frigidias auras
um lábaro immenso d'immenso valor;
é minha bandeira, que eu tanto idolatro;
santelmo de brávos, suberbo penhor.

Mais longè tremúla sanguenta e acintosa
a insignia torpe de oppressa nação;
franzida d'escarneos, coberta de nodoas,
os crimes sustenta do *bey* d'Assumpção.

Trincheiras e fossos tremendos protegem
as hostes escravas do despota vil;
porém são mais altos, mais fundos os brios
das bellicas aguias do ardente Brazil.

E os nobres valentes da terra tão livre,
fitando os sicarios do atroce mandão,
só têm por trincheiras os peitos invictos,
só pagam affrontas co'as armas na mão !

Sôa o clarim da guerra e o chefe brasileiro,
em frente aos bravos seus e junto do estandarte,
relembra o pundonor do Imperio do Cruzeiro
e avança como um raio ao rijo baluarte.

Como ao soprar do vento as folhas decahidas
levantam-se do pó, si uma só d'ellas vòa,
assim no patrio amor altêam-se mil vidas
à morte dos heróes, que eternamenté échôa.

Seguras da victoria, as filas paraguayas
déspejam seus canhões nos bravos assaltantes,
que déstros qual o galgo, ante as altivas raias,
aos outros fazem ponte em seus hombros possantes.

Oh! que assombroso choque e baralhar horrivel
d'essas espadas mil, que mil duellos mostram!
Vedar-se à tal bravura o espaço é impossivel;
lá sóbe um brasileiro e os tigres já se prostram!

Mas subitanea morte apossa-se do bravo,
quando elle empunha, ovante, a tricolor bandeira!
Ao morto já succede intrepido zuavo, (6)
e ao meu Brazil s'entrega a rábida trincheira!

Oh! como fogem de medo
esses guerreiros villãos,
que julgavam-se um rochedo
contra os meus bravos irmãos!
Lyra, sóem tuas cordas
contra as selvaticas hordás

da hyena do Paraguay
que hoje inspira um novo hymno
ao brasileiro destino,
que só victorias attra'e.

Si Aguirre teve a ruina
no feito de Paysandú
López, tua boa sina
já perdeu-se em Curuzú!
Agora em novas batalhas
hão de tombar as muralhas
do teu barbaro poder
para que saibas, tyranno,
que o gigante americano
não vence, quando não quer!

Receba as benções da historia
Porto-Alegre tão feliz,
que foi nos paços da gloria
dar mais gloria ao seu paiz.
Sejam por Deus preservadas
as phalanges denodadas,
que sabem tão bem subir
á confiança de um throno,
da Europa ao sizudo abono
e aos respeitos do porvir.

No forte de Curuzú, 20 de Setembro de 1866.

FRANCISCO DE CAMERINO (7)

Ou morre o homem na lida,
feliz, coberto de gloria,
ou surge o homem com vida,
mostrando em cada ferida
o hymno de uma victoria.

THOMAZ RIBEIRO (*D. Jayme*) (8).



is em terra , exposto aos vermes ,
quem , sem vestir uma farda ,
manuseava a espingarda ,
corria como um leão ,
e , delirante no fogo ,
se arrojava sobre a morte ,
sem pedir graças á sorte ,
sem reparar no canhão !

Camerino! Camerino!
teu nome diz uma lenda
sublime, heroica, estupenda
nos fastos do patrio amor!
Quem pretender nas batalhas
dos bravos tornar-se exemplo
p'ra subir da gloria ao templo
deve ter o teu valôr.

O tigre que ruge horrivel
nas profundezas da cava,
a cobra subtil e brava
que arma botes d'espiraes,
esse habitante das aguas,
que traz mortifera serra,
deviam tremer da guerra
d'esses teus golpes mortaes.

Porém cahiste abatido
só por um choque do acaso!
Era já findo o teu prazo,
ou devias ir além?
Não; foi a mão do destino;
que, já de ti receioso,
quasi um rival poderoso
via em teu raro desdem!

Eras um genio mandado
p'ra quebrar todos os ferros ;
porém o maior dos erros
foi esse do acaso atroz
que o vôo cortou-te immenso
d'onde exhortavas mil bravos ,
para extinguir os escravos
d'esse despota feroz.

E os olhos cerraste lindo
como o dormir da innocencia ;
não podia essa existencia
morar n'um mundo fallaz :
E provaram teus suspiros ,
mandados à patria terra ,
que , sendo um volcão na guerra ,
eras um anjo na paz.

Os teus ultimos arrancos
recolhi-os no meu plectro ,
que embalde procura um métro
para fiel transmittir
esse precioso legado ,
que nos teus labios doirou-se ,
quando tu'alma exaltou-se
sôbre as palmas do porvir !

Os meus prantos recebêram
tuas palavras bemditas,
que logo foram escriptas
co'a penna do coração...
No fulgor do pensamento
que inspirava uma epopéia,
terra da Cruz fôste a idéia
d'esse guerreiro christão!

Era um bravo! E que bravura
foi essa que elle mostrou!
Jámais na sórdida usura
os seus olhos empregou;
jámais precisou d'indultos;
jámais rebaixou seus cultos
da hypocrisia no altar;
não ostentava legendas;
não antolhava commendas
quando ia a Patria vingar.

Sua grande recompensa,
seu mais subido brazão
era a firmeza da crença,
ao ribombar do canhão!
E voava como um louco,
julgando a vida bem pouco,

pois era gloria o morrer
n'esse peito sergipano
de voluntario paisano,
que nunca soube tremer!

Dá de si indicio certo
quem morre assim, como heróe;
tem por tumulto o deserto.
'té que a carne se destróe;
tem por lagrimas — a chuva;
tem a espada — por viuva;
por funereo cânto-chão.
tem dos ventos o açoite;—
por mortalha o véo da noite;
cada estrêlla por brandão.

N'este solo agreste e barbaro,
onde achaste a final cama,
uma lagrima te chama,
um poeta vem gemer!
Ouve os sons d'harpa tão lugubre:
Camerino! Camerino!
tua morte foi um hymno
erguido pelo dever!

Onde estis, valor homérico ?
Onde tu'alma s'estampa ?
Os sete palmos da campa
conter-te não podem, não !
Quando em peito assim titânico
s'escôa o ultimo alento,
na mudez do seu tormento
eternisa-se um padrão.

Qu'importa que a carne ephémera
rôam-te os vermes agora ?
Qu'importa que a ave canorà
não possa mais te acordar ?
No livro augusto dos seculos,
no coração brasileiro,
has de ser sempre um luzeiro,
sempre vivo has de ficar.

Em terra inimiga e sáfara,
longe do berço jucunlo,
despiste andrajos do mundo,
tomaste as roupas dos céus :
Coberto por esse invólucro
sôbre um dos celestes carros,
és irmão de Mariz Barros
na gloria que deu-te Deus !

AO BRAZIL

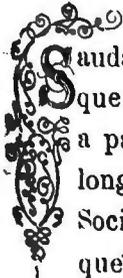
OFFERECIDA

AO MUITO ILLUSTRADO E PATRIOTICO DIPLOMATA O EXM. SR.
CONSELHEIRO FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares!

Lisa estrada que andei, debil infante,
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite d'estrellas rutilante,
meu vergado pomar de um rico outono,
sê meu berço final no ultimo somno.

THOMAZ RIBEIRO.



Saudade. afina as cordas de uma lyra
que, banhada de lagrimas, não tarda
a partir-se entre os ais que ha tanto guarda
longe do sol que amores lhe acendeu!
Socia muda dos tristes exilados,
que entre amargores nutres esperanças.
vem adoçar-me o fel de agras lembranças
transporta-me contigo ao berço meu!

Patria, onde estás que te não vejo agora
co'esse argentino e fascinante rosto,
ou nas languidas horas do sol posto,
ou nas limpidas noutes de luar?
onde param as flóridas madeixas
que recobrem teus seios diamantinos?
onde os risos desprendes peregrinos?
onde alcançam-te os osculos do mar?

Acaso te olvidaste do teu filho
que dos visos de uberrimas montanhas
desceu para arrostar as atras sanhas
do monstro que affrontou-te o pavilhão;
e nas ancias que o peito me atormentam
quanto mais te procuro mais te afastas,
e em vãos anhelos o meu ser arrastas
nos antros de escabrosa solidão?

Não, Patria amada, eu sei, eu sei que és minha,
que um vazio conservas no teu collo,
e qual a agulha que se inclina ao pólo.
minh'alma a ti dirijo, ebria e veloz;
mas, abatido nos frustrados vãos,
quando choro a distancia que me esmaga,
presinto do meu pranto em cada baga
mais um espinho d'insoffríveis nós!

É que eu desejo ver-te bem vingada ,
e tarda essa vingança que eu desejo ;
sem ella não aceitas o meu beijo ,
e eu só p'ra te beijar quero volver !
e, n'esta pungentissima tardança ,
que me ausenta do amor com que me acenas ,
emquanto vives tu nas minhas penas ,
eu morro de saudades, sem te vêr !

Eu morro, sim, eu morro sem as rosas
que trescalam suavissimos aromas ,
sem ver do bosque as verdejantes comas
alfofradas do róscio das manhans ;
sem o ar buliçoso que baloiça
os recurvados leques da palmeira ;
sem o arrulho da alada carpideira
que chama pelo esposo entre as irmans.

As asperas encostas que me cercam
e a fosca luz que me alumia os passos ,
si comparo á alcatifa dos teus braços
e aos esplendidos raios do teu sol .
Maldigo esse contraste desditoso
entre a vida que tive e a que hoje tenho .
gemo , se vejo regressar um lenho .
qual prêso na gaiola o rouxinol .

Quanto mais forte o Paraguay murmura
para ser engolido pelo Prata,
quanto mais sobre as aguas se retrata
o manto vespertino multicolor,
tanto mais se me avultam na memoria
os corpos dos teus liquidos gigantes
e os arrebóes franjados, cambiantes,
d'essas tardes que engendram tanto amor!

Aqui sobre este livro das tristezas
só vivo a solettrar teu doce nome;
a briza que cícia e que se some
— Patria — Patria — só ouve aos labios meus;
— Patria — lê-se em meus olhos, se acordado,
— Patria — diz a minh'alma, si adormeço;
esqueço-me de mim si a Patria esqueço,
só trocarei a Patria pelos Ceus.

— Patria! — expirando, o naufrago profere;
— Patria! — canta no galho a ave canóra;
o tintinar do bronze ás vezes chóra
por quem longe da patria se finou;
fana-se a dhalia em virginal cabello
longe da patria em que deixou raizes;
o Golgotha deu patria aos infelizes
e aos incredulos patria recusou.

Patria foi a verdade promettida
à vara d'esse egregio patriarcha;
a patria-conquistada arca por arca,
fez Judith a Holophernes ser fatal:
para exaltar a idolatr.da patria
o genio de Alexandre audaz, profundo,
quiz pela espada sujeitar o mundo
e n'elle dar á Grecia um pedestal!

Patria, eu vi quanto póde o teu influxo
nos labios do guerreiro denodado.
que, no calor dos prelios inflammado
das balas se interpondo no vaivem,
feito o corpo em pedaços, n'um segundo,
pelo choque de horrisonas metralhas,
sem queixar-se da sorte das batalhas,
dizia:—Patria! eu morro por teu bem!—

Eu que lastimo nas insomnias minhas
a guerra que devora o teu thesouro,
eu que não pude merecer um louro
para ennastrar-te à frente senhoril,
lamento o acaso que te fez gigante,
por dar-te em mim um filho tão pequeno,
que, quando quer sorrir desfere um threno
e annuvia-te as galas, meu Brazil!

Porém tu não precisas de mais graças
para seres o Edén americano!
Do franco, do hollandez, do lusitano
os olhos deslumbrou teu céu de azul!
Quasi senhor de meio continente,
nos Andes solio tens que ao céu se extrema;
tens por vassallo o mar; por diadêma
as estrellas da America do Sul.

Serás um espantalho para os homens,
quando forem do mundo retirados
da tua vida os grandes attestados,
que só de Deus ao sopro hão de morrer:
o Amazonas, a lua e Paulo Affonso,
quando fallam das tuas maravilhas,
dizem sempre á avidez de extraneas quilhas,
que a universal fortuna has de conter!

Não receies, Brazil, que acerbos damnos
exponham-te ao dominio do estrangeiro;
meu cubicado Imperio do Cruzeiro,
ninguem póde matar o teu porvir!
Quando a serpe despotica, silvando,
botes de captiveiro armar-te aos povos,
ha de vibrar a voz de Andradas novos
e o novo despotismo ha de fugir.

Mas do Ypiranga o dia cehôa em sec'los
e ninguém ousa marear-te os brilhos ;
nos braços do trabalho une os teus filhos
e extingue esses ephemeros braços ;
da tua fronte , aureolada e joven ,
d'onde irradia o fogo dos teus brios ,
clara como despejam-se os teus rios ,
ha de a sciencia brotar em borbotões.

Retaliado, ó Patria, o atroz insulto
que forçou-te a levar tão longe a guerra,
rendido o pavilhão da iniqua terra
ante o auri-verde lábaro da Cruz
despreza pelas armas do progresso
os instrumentos de improficuas luctas ;
co'as amigas nações faze permutas,
em paz airosa que, só bens produz!

O carro vaporoso das industrias,
rodando em todos os teus aureos veios,
ha de ensinar-te os mais estranhos meios
da força com que subas, meu paiz ;
então, sentindo os gelos da velhice,
tentada pelo sol com que me abrazas,
a Europa ha de beijar-te as amplas azas
e a gloria has de voar sempre feliz!

Meigos olhos de candidas donzellas,
enlêvos dos meus olhos lacrimosos,
fachos de amor, sacrarios luminosos,
cristaes em que se espelha Deus p'ra mim!
guardei-vos para o fim dos meus gemidos,
porque o principio fostes dos meus versos;
mas viveis na minh'alma tão immersos
que já não sei achar principio ou fim!

Princeza heroica do brazileo Norte,
que em teus seios gentis me déste o leite!
chóro pelo Brazil porque deixei-te,
e não deixar-te fôra-me um desar;
chamou-me á guerra a honra brazileira,
e n'ellá a tua honra está contida:
Bahia!.... tu bem sabes, minha vida
quero a Deus em teus braços entregar!

E tu, Brazil ingente, aceita os carmes
mandados de tão longe em sons tão mestos;
transmitte aos povos teus altos protestos
de amor com que se ufana o plectro meu:
contra a firmeza estoica dos teus bravos,
que dos marcos da gloria não se afasta,
a paraguayá vibora se arrasta
e não tarda a humilhar-se ao imperio teu!

Acampamento de Curuzú, 26 de Novembro de 1866.

O SOLDADO.

AO DENODADO E GLORIOSO EXERCITO BRAZILEIRO.

Un soldat doit vaincre la douleur et la mélancolie des passions. Il y a pour lui autant de vrai courage à souffrir avec constance les peines de l'âme, qu'à rester fixe sous la mitraille d'une batterie

NAPOLÉON I. (*Pensées.*)



ra a sombria luz dos mais tristes crepusculos
que deixam magoa tanto aos martyres do amor;
no braço do guerreiro estenuados musculos
mal podiam suster o gladio vencedor.

Cessára immensa pugna e os hodiernos émulos
das agnias de Austerlitz, dos galgos de Ismael, (9)
ante os mortos irmãos, lacrimosos e tremulos,
maldiziam da gloria a antithese cruel.

Si o grande pensador expandia-se callido
no sangue dos heroes. que enrubescia o chão,
recuava ao depois humilde, frio e pallido,
como se a morte atroz pousára n'elle a mão.

Cadaveres aos cem, formando horrivel cumulo,
pediam sepultura e os braços de uma cruz;
um tumulo de fogo, em vez de terreo tumulo,
á cinzas reduziu corpos que deram luz!

Luz perenne, alma luz de triumphos altisonos,
espantallo dos maus, dos oppressos pharol,
luz que os fracos anima aos encontros horrisonos,
que accende Bonaparte e d'elle faz um sol!

Mas. expirára o dia, e o céu pesado e tumido
de aquaticos balcões, prestes a desabar.
tornava inda mais feio o solo inculto e humido
do sangue dos heroes—transumptos de Bayard.

Quem visitasse agora aquelles plainos bellicos,
só por ver de um combate os indicios finaes,
achára em derredor os abutres famélicos
roendo os restos nús de bravos tão leaes!

Dos destroços que fez cançado o bronzeo esophago
não vomitava mais o projectil vczaz ;
si muito morto estava á espera de um sarcophago.
bem vivos a dormir na guerra tinham paz !

O somno adormentára os animos vandalicos
dos servos do tyrânno avêssô ao meu Brazil ;
e eu vi a minha Patria, em extasis tantalicos,
no espelho da saudade a acenar-me gentil !

Bisquei do pensamento aquelle dia tragico
de improperios, de ais, de sangue e de ovações;
e veio após unir-se ao meu espelho magico
das noutes a rainha, a socia das paixões.

Quão linda estavas, lua, illuminando a America !
quão triste o peito meu por ver-te, ó lua, assim !
Ah ! quem me dera então a iumensa tuba homerica
para exaltar-me a Deus. para fallar por mim !

Mas tudo era em silencio ; e, quando, prêsa e extatica
minha'alma quiz fugir ; deteve-a doce voz :
era um canto de queixa, era a historia sympathica
do brázilo soldado assim cantando a sós :

— « Que vida leva o soldado,
que só vive p'ra soffrer!
dia e noite alvorotado,
prompto sempre a combater!
Emquanto a infima gente
acha no somno o prazer,
nem siquer dorme o vivente
que só vive p'ra soffrer!

O soldado vigilante
é quem vê primeiro o sol,
quando o astro no levante
de nuvens rasga o lençol.
E si das chuvas o açoite
— da tarde apaga o arrebol,
socio infallivel da noite
é quem vê primeiro o sol.

Traja o céu manto que aterra,
zune o rispido tufão,
fendem mil raios a terra,
ronca o horrisono trovão;
mas si o genio da procella
faz tudo tremer no chão,
sem mover a sentinella
zune o rispido tufão!

Sobre uma base de lama,
pobre estatua, escuta e vê
quem não sabe o que é ter cama,
quem vive sempre de pé!
Contra os ardis do inimigo
palladio aos outros quem é?
Quem mais perto do perigo
pobre estatua, escuta e vê.

E os outros passam á larga,
só mirando os seus braços
emquanto o soldado amarga
o rigor das estações!
E quando se ensuberebecem,
dos seus custosos florões
o bravo soldado esquecem,
só mirando os seus braços!

Jamais se queixa o soldado
do mau pago que encontrou;
si da Patria ao novo brado
diz o premiado: — Não vou: —
o esquecido jamais cança
e diz á Patria: — Aqui'stou: —
e tira nobre vingança
do mau pago que encontrou.

Eil-o outra vez envolvido
n'essa faina marcial ;
sempre em trabalhos mettido
sempre exposto a todo mal ;
sempre arriscada vedêta ,
álerta a qualquer signal ,
sempre escravo da corneta ,
n'essa faina marcial !

Instrumento inexcedivel ,
de que serve o teu valor
si encontras sempre o *impossivel*
nos labios do teu senhor ?
Embora os seculos fallem
do teu braço vingador ,
teus bons serviços que valem ?
de que serve o teu valor ?

De nada exime-te a farda ;
a tua morte lá vem
no cano de uma espingarda
que talvez seja o teu bem !
N'essa fronte sempre erguida
mostra ao mundo o teu desdem ,
que p'ra salvar-te da vida
a tua morte lá vem !

Lá chama as aguias p'ra lucta
o altisonante clarim,
e o soldado não perscruta
os mysterios do seu fim ;
marcha, rompe, corre, vôa
no seu bellico festim !...
e a voltal-o embalde echôa
o altisonante clarim.

Emquanto dá-lhe a patrona.
um cartuxo p'ra queimar ,
o soldado esquece a dona
do seu peito e do seu lar ;
e quanto mais descarrega
mais deseja carregar ;
e chora , si alguém lhe nega
um cartuxo p'ra queimar !

Eis que uma bala rasteira
deita o soldado no pó ,
e longe da companheira
agonisa o bravo , e só ,
qual pombo ferido n'aza ,
busca elle erguer-se ; faz dó !
Porém outra bala raza
deita o sodado no pó.

R.

O seu ultimo suspiro
foi da Patria que o perdeu ,
que , apezar de expôl-o ao tiro ,
nem siquer cova lhe deu !
E quem perto á lousa passa
de um bravo que assim morreu ,
diz que si houve uma desgraça ,
foi da Patria que o perdeu. » —

Calou-se a voz e foi tão bem contada
a historia d'esse eterno lidador .
que me ficou p'ra sempre decorada ,
e o mundo inteiro deve a ter de cór.

Foi sonho ou foi mentira ? Foi verdade.
Verdade triste que espesinha e dóe !
E pasma que , após tanta iniquidade ,
n'um corpo de soldado esteja o heroe !

Quem fortalece as leis ? Quem mais sustenta
os brios soberanos de um paiz ?
Quem os fortes — dos fracos afugenta ?
Quem mais louros alcança e menos diz ?

Quem do opprimido a liberdade corre ,
com tanta intrepidez , com tanto afão ,
e , enquanto os outros livra , escravo morre ,
sem maldizer da propria escravidão ?

Quem mais thesouros guarda e menos pode?
Quem, vivendo tão pouco, soffre mais?
— O soldado que aos ais da Patria acode,
e rindo, expira, quando extingue os ais!

Heróes de Salamina e Martinéa
levantae-vos da tumba, si podeis,
e do soldado a hellenica epopéia
contae aos povos d'hôje e aos sabios reis!

Leónidas sem par . a pedra tua
quebra lá das Thermópylas e vem
de Xerxes lembrar a guerra crua,
em que viste lutar um contra cem!

Aguas doces da Italia, que um diluvio
de mortos recebestes sem morrer;
callida bócca do minaz Vesúvio,
que as aguas não pudeste inda beber!

ao mundo ingrato, que hôje applaude a guerra,
e que não pésa o que o soldado val,
dizei o que pôz Annibal por terra
e o que fez Julio Cezar sem equal!

Orgulhos de bretão favorecido,
— memoraveis planicies de Waterloo,
em que o sceptro de um genio foi partido,
em que o sol dos francezes s'eclipsou!

o seio que hõje tendes, limpo e culto,
que sangue generoso que sorveu!
Mas o sangue do bravo lá sepulto
inda requeima o cerebro europeu!

Porque inda queima o sangue? Porque ferve:
porque nunca o soldado perde o ardor;
porque morto o soldado ainda serve
para excitar dos vivos o calor!

O' machina de carne, em que se expande
a luz immensa que buscar eu vim;
si pelo mundo o teu martyrio é grande,
pr'a o mundo a tua gloria não tem fim!

Recebe agora o canto verdadeiro
que te consagra o trovador aqui,
intrepido soldado brasileiro,
heróe de Curuzú, de Tuyuty!

Acampamento de Tuyuty, Março de 1867.

A BATALHA DE TUYUTY

CANTO DE GUERRA OFFERECIDO

AO EX.^{mo} SR. BARÃO DO HERVAL.

On parlera de ce jour
Sous le chaume bien longtemps.

BERANGER.

rego prodigio em cythara divina,
cego que deste luz p'ra sempre ao mundo.
Homero sem rival, si a Deus prazesse:
que lá da eterna gloria
baixasses outra vez p'ra gloria humana,
em não tangeras as cordas que óra tanjo,
porque certo exaltáras
o heroismo das brázilas cohortes.
no prelio que hõje lembrar procuro!
Já que não vens e é justo que não morram
na caligem do tempo excelsos feitos,
ao menos me transmite uma centelha
do teu fogo immortal. celeste bardo.
e eu terei com que possa
na historia assignalar preclaros nomes.

Si em mim não crês, si o brasileiro julgas
incapaz de imitar bellicos rasgos
d'essa tua epopéia sempre nova,
tu que entre os astros moras,
pergunta ao sol que o sol foi testemunha
da imperterrita força
com que os filhos do Imperio do Cruzeiro
columnas de leões despedaçaram.

Faltavam sete auroras
para extinguir-se Maio entre perfumes.

Emquanto as tristes harpas
lá das brazilêas plagas desferiam
cantos de amor á sombra das palmeiras,
um denodado exercito de livres
desaffrontava o Imperio
no solo de fanaticos escravos,
onde a sciencia não medra, onde o azorrague
é do trabalho o estímulo incessante.

De Tuyuty nos campos,
asperrimas saudades transbordavam
dos generosos peitos que, movidos
pela honra da Patria, alli serviam
de possantes reductos
ao ferro e ao fogo de atrevidas hostes!

Mas que póde a saudade
no animo de um bravo, si elle ainda
não vingou plenamente o berço amado?

Si é pungente a lembrança ,
melhor é succumbir entre saudades
do que, sem ellas, só viver de opprobrios.

Não tarda o rei dos astros
a attingir seu zenith ; a esta hora
travou-se a lucta inesperada e feia.
Ao troar de um canhão, surgiram logo
formidaveis, compactas successivas,
as rípidas phalanges paraguayas,
que sedentas de sangue
foram-se arremessando ao centro e aos flancos
do exercito alliado !

D'onde vinha o inimigo?... Lá do inferno !
O clarim sempre alerta a postos chama
a tropa distrahida.—A postos!— bradam
os pressurosos chefes. N'um momento,
ebrio de enthusiasmo,
o exercito aggedido se prepara
a repellir os botes do assaltante.
Empenhou-se o combate!... os dois colossos
entrechocam-se irosos, cegos horridos!...
se collam, se innovelam, se retrahem.
para ao depois unirem-se mais féros,
ao tremendo rugir de cem bombardas
e ao detonar das armas que despedem
saraiva de pelouros sibilantes!
Que **variadas** scenas se divisam !

Aqui a paraguaya infantaria
tenta seguir avante,
mas encontra barreira insuperavel
nos fuzís brazileiros.
Alli já não se guardam mais distancias;
lucta-se braço a braço, peito a peito!
Em cada grupo d'esses que bracejam
ha quem na força eguale-se a Bertêche. (10)
Acolá (caso estranho e horripilante!)
como á voz da procella as ondas bravas
se levantam, se avançam, se entumescem,
e logo vão quebrar-se
d'encontro a magestade dos rochedos,
assim, no ardor da pugna,
a audaz cavallaria de Solano
em disparada investe
aos brázilos canhões, que descarregam
metralha com que varrem n'um segundo
dezenas de corceis e cavalleiros!
Mas inda assim não cessa o arrojo incrível
do insensato inimigo! As igneas bóccas,
n'um concerto inaudito,
balas tantas despejam, que arremedam
horrisono trovão que as nuvens rompe! (11)
E quantas horas longas decorreram
sem cantar-se o triumpho!
Nevoeiro de polvora offuscava
as vistas dos guerreiros; a desordem

reinava em toda a parte: a austral America
jamais viu tanto sangue derramado.
jamais viu tantos homens pelejando!

No meio da batalha
o veloz Paraná deteve o curso
por instantes pasmado
ante o genio da guerra furibundo!
Alfim Deus interpoz- e na contenda
e disse: — Basta! — E logo os paraguayos,
mais céleres que as lebres,
costas voltando ao brázilo ardimento,
deixaram para as armas alliadas
a esplendida e grandiloqua victoria!
— Victoria! — proferiram mil guerreiros,
e a palavra bemditu
repercutiu no céu, no mar, nas brenhas!

Mas, quem ouvisse perto as vozes roacas
dos ledos vencedores,
que de epí-odios tristes devassára
da batalha já finda nos destroços?!
Partidos craneos; fracturados membros;
braços sem corpo, gélidos, sangrentos,
inda empunhando o gladio flamejante;
cabêças dos seus troncos separadas
por uma bala raza: — o desespero
estampado nos olhos de um cadaver
de arreganhados dentes; — a bondade

com que vividas tintas eu pintára
os gestos e os sorrisos
do temerario Flores, sempre exposto
a um chuva de balas. sempre o mesmo
a sustentar os brios alliados!
Como eu pintára á esquerda do meu quadro
o intrepido bahiano, o calmo Argollo
copia feliz da paternal coragem;
o vétusto Correia (13) em riscos sempre
guerreiro d'Angoulême, inda guerreiro,
Nestor da guerra, mas Nestor mais rijo
do que muitos dos jovens combatentes;
— o forte Bittencourt (14), que das feridas
da prole se olvidava, a bem da Patria:
— o destemido Bello (15);—o acêso Pedra;
— o heróe de Paysandú, o audaz Peixoto,
laureado do povo em cuja bôcca,
entrando, a bala respeitou-lhe a lingua; (16)
— o Guimarães, o illustre voluntario (17):
— o bizarro Valente (18), o Deodoro, (19)
sublime na afonzeza;— o Rocha (20), o Moura, (21)
noveis no prelio, mas no brio immensos.
Só com taes capitães se ver podéra
a estoica resistencia
de um quadrado de infantes repulsando
as patas dos ginetes inimigos,
montados por satanicos lanceiros. (22)
Por mais realce ao quadro eu retratára

no centro os incânçaveis artilheiros
em' descargas cerradas produzindo
de um só jacto mil mortes no inimigo.
Não havia morrões, nem eu pintara-os;
as gargantas de bronze se inflammavam

nos callidos lampejos

dos grandes olhos do famoso Emilio (23)
capaz de se tornar outro Cambrone.
Si o grande Bonaparte inda vivesse
e visse esse artilheiro trabalhando,

orgulhoso e sorpreso,

da França em nome lhe estendera a dextra.
Aqui tambem eu pintaria Steuben
precipitando ao fosso a bomba acêsa
prestes a estilhar-se e a dar-lhe a morte.
E o impassivel Prego? Oh! que prodigio!

parece-me que o vejo

na culatra do obuz co'a mão pousada,
envolver-se no fumo de um projectil,
e, depois que perdido o consideram

co'as migalhas da bomba,

de novo apparecer, marmorea estatua,
naquelle mesmo posto em que sumiu-se!

Esse Prego estupendo

mostrou-se na attitude o que é no nome.
E quantos outros lances forão vistos
sem que muitos soubessem? A jactancia
jamais se encontra n'um completo bravo.

Pharsalia. Marathona, Leuctres, Actium
Wagram, Marengo, Arcola. Friedland, Leipsick
derramaram mais sangue, mas não foram
mais ferteis de epizodios transcendentos.

Deixei-te para o ultimo do quadro
e reconheço agora
que eu não te pintaria, inclyto Osorio,
porque não davas tempo ao mais ligeiro
e inspirado pincel: — Eras um raio!
Bem como o cedro secular do Libano,
que aos açóites do vento não baqueia,
assim era o teu vulto magestoso,
quando, encoberto em nuvens de bombardas,
sobresalia após mais bello e altivo!
Como estava o teu peito entregue ás balas,
quando ellas se cruzando, sem tocar-te,
ou beijando-te a farda sem ferir-te,
da morte os preitos n'um mortal provavam!
Eras um semideus, quando exhortavas
aqui, alli, além, no centro, ao fundo,
abatidos espiritos! Quem sabe
qual seria o final dessa peleja,
si n'um surto de aguia não bradasses:
— Quem brasileiro fôr que me siga! — e logo
não voassem contigo delirantes
cohortes já descrentes de um triumpho?
E tu foste o archanjo da victoria.

dos andrajos do mundo em terra estranha.
Nas azas de um archanjo então se libra
quem teve de condor no prelio as azas.

Quanto agora me ufano
por contemplar ainda as personagens
sublimes d'esse drama egregio e horrivel,
que fez trêmer o despota sanhudo,
ante a esplendida luz de um sol de Maio!
Illa um anno que esperaes no mesmo palco
reproduzir as scenas d'esse dia,
e ainda não pudéstes! Paciencia!
Vós bem sabeis que um anno de fadigas
é menos que um minuto
p'ra quem deseja os credits da Patria
para sempre firmados
no universal respeito! A Patria aguarda
o seu porvir gigante em vossos louros
e na feliz estrella
que os passos illumina ao chefe vosso! (24)
Brazileiros titães, avante! avante!
Não deixeis esta arena de triumphos,
não desistaes da ultima victoria,
não volteis sem a queda do Solano,
si anhelaes refruir a paz na volta!

Acampamento de Tuyuty. 24 de Maio de 1865.

JOSE MARTINI

BRAVO TENENTE-CORONEL, MORTO HEROICAMENTE NO COMBATE
DE 18 DE JULHO DE 1866. (25)



alve heroe que dormiste para o mundo ,
acordando p'ra o céu eternamente !
Turbar-te o somno perennal jucundo ,
minha lyra com lagrimas não tente.

Porque chorar-te a morte si inda moras
no coração da Patria ; si o teu nome
bem alto exprime aos posteros quem fôras ,
entre os brazões que o tempo não consome ?

Porque suppor-te um nada , si voaste
aos pés de Deus, ennobrecido e altivo
da esplendida victoria que alcançaste
da morte que ha de ver-te sempre vivo ?

Guerreiro que não tornas mais á guerra
do pó sujeito ao sopro da desgraça,
ao despir-se do involucro de terra
tu'alma se cöbriu da eterna graça!

O resto do teu corpo ora aqui vejo
exposto aos vermes d'empestado solo!
E a Patria lá se carpe n'um desejo,
por não guardar-te os ossos no seu collo!

A gemma, onde encontraste um berço á vida,
devera te servir de campa á morte;
mas a sorte não quiz, e foi cumprida
a lei contraria que dictou-te a sorte!

Mas qu'importa do acaso o genio adverso
para a carne que em cinza alfim se some,
si o teu berço, em saudades sempre immerso,
mostra escripto com lagrimas teu nome?

Á sombra d'esta palmeira
sentinella inseparavel,
tão muda. tão só, tão boa.
que defende a cabeceira
da tua lousa deserta,
quando o sol s'esconde ou luz:
vejo uma cruz e uma c'roa:

R.

na c'roa ha flôres e espinhos ;
— os espinhos lembram dôres
consoladas pelas flôres
que rebentaram da cruz.

Si os espinhos já não ferem
comprovam bem as feridas
entre jubilos soffridas
por ti, Martini, por ti !
Dando ás balas o teu peito
ledo e placido morreste,
porque, meu inclyto bravo,
o desgosto não tiveste
de ver teu pendão escravo
nos plainos de Tuyuty.

As flôres d'esta grinalda,
que cinge da cruz os braços,
dizem que, rotos os laços
que te prendiam na terra
e te fizeram heróe,
a mulher que sempre foi
teu incentivo de louros
e o maior dos teus thesouros,
— de agros prantos orvalhada
desde o sol posto á alvorada,
desde a alvorada ao sol posto—
entre saudosos suspiros

perdeu as rosas do rosto,
porém o amor não perdeu
porque estas flôres mimosas,
são por certo as mesmas rosas
que, n'uma face murchando,
houveram seiva do céu,
para virem de tão longe
ornar o sepulchro teu!

Alta noute, quando a lua
calma e limpida fluctua
sobre estes lugubres campos,
si ave canora não pousa
para cantar-te uma nenia,
meu guerreiro, em tua lousa,
eu que habitava tão perto
do teu corpo aqui sepulto,
sei que inspiras sempre um culto
aos teus saudosos amigos.
que estendem supplices mãos
por ti ao Deus dos christãos.

Caminheiro da gloria, reverente
prosterna-te na tumba de um valente
que deixou de pugnar!
Como a briza que passa aqui ligeira
por entre os leques da fiel palmeira
não seja o teu saudar!

Curva-te humilde aos manes de um guerreiro
que vindicava o Imperio do Cruzeiro

com braço de titan!

Sobre este mundo enganador, mesquinho,
pede a Deus que te dê no teu caminho

egual morte amanhã!

Pede, que pedes bem; mais val, n'um dia,
morrer no ardor de bellica porfia,

cumprindo alto dever.

que, em sordidas cubiças embebido,
longos annos contar sempre no olvido,

e entre opprobrios morrer.

Martini, adeus! Prosigo na jornada,

acômpañando a brázila cruzada,

em busca de Humaytá!

Honra a ti que tombaste em queda airosa;

conforto á Patria que é por ti saudosa

gloria, gloria a Jehová!

Tuyuty, 28 de Junho de 1867.



NOTAS DA SETIMA PARTE

(1) A preciosa bandeira, que as patriotas Senhoras bahianas, residentes na córte pretendiam offerecer ao 1º Batalhão de Voluntarios da Bahia.

(2) Um dos taes *blancos* a quem se attribuiu a profanação da nossa bandeira pelas ruas de Montevidéo.

(3) O Ill^{mo} Sr. Major José da Rocha Galvão; assim appellidado nas luctas da Independencia pelo general francez.

(4) O almirante francez, vencido por Nelson, na bahia de Aboukir, que atirou-se ás ondas para não ser prisioneiro da Inglaterra.

(5) O vapor *Marquez de Olinda*, que fôra, á falsa fé, aprisionado pelo *Paraguay*, e agora fazia parte da esquadrilla inimiga.

(6) O capitão Marcelino José Dias.

(7) Morto gloriosamente no ataque de Curupaity.

(8) Foram estes os versos que recitou, expirando, o bravo sergipano.

(9) Cidadella situada á margem esquerda do braço esquerdo do Danubio. Os christãos ganharam ahi uma grande victoria aos musulmanos.

(10) Soldado francez, que matou com a propria mão sete dragões austriacos na batalha de Iena.

(11) Está subentendido que me refiro ao 1º regimento de artilharia a cavallo, que conquistou o titulo de artilharia a *revolver*.

- (12) O Exm. Sr. general D. Bartholomeu Mitre.
- (13) O Exm. Sr. brigadeiro Jacintho Pinto de Araujo Correia.
- (14) O Exm. Sr. brigadeiro Jacintho Machado Bittencourt.
- (15) O Illm. Sr. coronel A. A. Leite de Oliveira Bello.
- (16) O Illm. Sr. tenente-coronel F. A. dos Guimarães Peixoto, a quem o Imperador disse: « Então o senhor cospe balas?! »
- (17) O Illm. Sr. Dr. Francisco Pinheiro Guimarães.
- (18) O Illm. Sr. tenente-coronel Francisco Agnello de Souza Valente.
- (19) O Illm. Sr. major M. Deodoro da Fonseca.
- (20) O Illm. Sr. tenente-coronel Francisco Vieira de Faria Rocha.
- (21) O Illm. Sr. tenente-coronel Marcolino de Moura e Albuquerque.
- (22) O 24º corpo de Voluntários da Patria.
- (23) O Illm. Sr. coronel Luiz Emilio Mallet.
- (24) O Exm. Sr. marechal de exercito Marquez de Caxias.
- (25) Estes versos foram inspirados ante a sepultura do denodado fluminense, a qual se acha no acampamento actual da 2ª divisão de infantaria.



LYRA DAS ARTES

À EXIMIA ACTRIZ

ABELLAIDE AMARAL.

POESIA

DEDICADA E OFFERECIDA

EM A NOITE DO SEU BENEFICIO NO THEATRO DE S. JOÃO.



uem és, que assomas, governando as vistas

Da turba em ancias por te ver? quem és?

És fada ou mytho? Por que dons conquistas

laurea corôa, que te beija os pés?

Como tornaste o coração Vesuvio,
bramindo em lavas de fervente dôr?

Como aprendeste do celeste effluvio
palavras de anjo a proferir amor?

Astro da scena! ao sempiterno bafo
o rosto animas, quando a tudo impões,
para em teus labios reviver a Sapho,
para em teus gestos traduzir paixões.

Quando desatas da ventura o laço,
quem não suspira de pezar por ti?
És qual a musa, que enlevára o Tasso,
actriz hebréa, divinal Judith!

Si em *Julia* pintas da deshonra o espectro
forçando á virgem, que poder não tem, (1)
Rachel segunda, quem te nega o sceptro?
Quem te supéra nesse olhar? Ninguem!

Pódes na senda, que trilhára um Talma,
aguiá do palco, sem temor pairar;
hoje de um povo recolhendo a palma,
desprende as azas para o céu fitar!

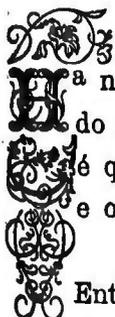
Pode n'um vôo a inspiração mostrar-te
de Deus a esphera, que teu genio quer!...
Tens o sacrario dos mysterios d'arte,
da gloria a chave tens na voz, mulher!...

Enche de flôres o tonel, Danayde;
de tantos bravos não se perde um só;
sobre o futuro ergue-te, Adelaide;
ri-te da inveja a rastejar no pó!

Bahia, Maio de 1865.

ABELAIDE AMARAL.

POESIA RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO, POR OCCASIÃO
DO SEGUNDO BENEFICIO DA MESMA ACTRIZ.



E^a no correr do tempo instantes que sublimam
do Arbitro do mundo o magico poder;
é quando lá do Empyreo entes de luz se animam,
e o genio infiltra um raio em craneo de mulher.

Então baixa dos céus sobre a terrestre esphera
da creatura a mãe, filha da inspiração,
que o duplo talisman das mãos do Eterno houvéra
para um prodigio ser na 'dupla criação.

Eil-a que o sceptro empunha e festejada assoma
dos penetraes da gloria ao popular furor;
Veturia, pelo amor - salvando a vida á Roma,
Corina, erguendo um throno ás lêttas, pelo amor.

Como scintilla , á noute , a luz dos perilampos ,
d'entre a folhagem densa em negros matagaes ;
como o clarão da estrella em solitarios campos ;
como o fulgir da lua em liquidos crystaes :

assim , formosa e altiva , a soberana augusta
das turbas se destaca e no inspirado olhar
attrahe , commove e rende entes , que o gêlo incrusta ,
que vivem só da inercia e morrem sem amar .

Chorando ella seduz ; dos coraçoes é mestra !
Si exprime uma só magua , excita angustias mil !
Quando emmudece , rompe a estrepitosa orchestra
de applausos á rainha , á musa senhoril .

Pelos seus labios falla o numen da poesia ,
que arrasta o phrenesi d'essa eloquencia após ;
de Sand o vôo audaz , de Staël a magia ,
a prophetiza tem , que tudo prende á voz .

Depois que assim conquistá hymnos ao dia e á noute ,
busca ascender o id'lo á habitação de Deus ;
paga n'um riso o mal ; dos zoilos ao açoute ,
despe a mundana argilla e foge para os Ceus .

Oh ! foi visão etherea a lucida existencia ,
que vinculára á terra egregio talisman !
Desfeito o meteóro á luz da Omnipotencia ,
a fama eternizou Rachel ou Malibran .

Governas, Adelaide ; a dupla magestade
da criação sublime encerras , grande atriz !
Tocas o peito e a mente em scena és a verdade
do magico poder, que um povo hoje bem diz.

Imagem de Corina és no sentir da *hebréa*; (2)
milagre foi *Amelia* (3) em maternal amor ;
teu nome é já da gloria , em ti s'encarna a idéa ,
que exalta a humanidade á luz do Creador !

Sim, que o teu ser provém da luminosa esphera ,
que um raio fez cahir . para um theatro erguer ;
foi, mensageira d'arte, o instante que nos dera
a infiltração do genio em craneo de mulher.

Bahia, Junho de 1865.

SONETO.

À PRIMEIRA ACTRIZ DA LINGUA PORTUGUEZA

EMILIA DAS NEVES.

Teu sceptro o drama, teu diadema a gloria,

F. MONIZ BARRETTO.



á por Lísia teu nome sublimado
não precisa do plectro, que hõje sãa;
mas a lyra bahiana aos céus revõa
para sagrar-te um canto enthusiasmado.

Paraguassú maldiz o injusto fado
por não beijar-te em scena a egregia c'rõa;
da briza ao susurrar na varzea echõa
plangente voz de trovador alado.

Deusa do palco, genio sem segundo,
para zombar da vida transitoria
te encarnaste ao fulgor de um sol jucundo!

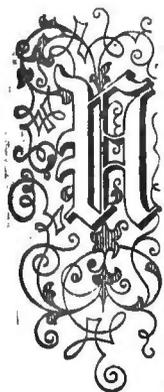
Escripta em livro eterno a tua historia,
é teu solio um poder, que rege o mundo,
teu sceptro o drama, teu diadema a gloria!

Bahia, Dezembro de 1865.

SONETO

AO ESTIMAVEL ARTISTA E POETA

EDUARDO BONETTI.



o berço eterno de poesia tanta
quando a luz de Jehová, pasmado vias
— Italia! — nos vagidos teus dizias
e o genio bafejava-te a garganta.

Qual aguia altiva, que os bulcões supplanta,
te alçando à região das harmonias,
buseaste um anjo a sublimar teus dias
por mysterios de amor que a tudo encanta.

Depois, batendo a candida plumagem,
correste a devassar ave do pólo,
da Princeza dos montes a paizagem.

Hôje te vaes, e de Moêma o solo,
rogando ao teu baixel propicia aragem,
chora o condão mavioso do teu collo!

Bahia, 13 de Fevereiro de 1866.

A MUSICA.

AO DISTINCTO PIANISTA JOÃO AMADO COUTINHO BARATA.



o—ce harmonia, que das cordas d'alma
re—vôas calma ao limiar dos ceus ;
mi—tho que, ao peito retrahindo as dores,
fa—llas de amores, procurando Deus!

Re—vendo a brisa, que te segue os rastros ,
mi—ras os astros e, baixando a nós ,
fa—gueiro sopro , aos seraphins te abraças,
sol—tando as graças do teu canto após.

Mi—tiga penas teu divino effluvio ,
fa—zes Vesuvio em corações arder ;
sol—das cadeias das paixões que inflammas ;
la—grimas chamas sem martyrio haver.

Fa—da sem vestes entoando ao mundo
sol—fejo oriundo dos celestes sons,
la—bios sublimas, que p'ra gloria incitas,
si—mas aditas com teus magos dons.

Sol—uças, gemes, si aos sepulchros oras ;
la—mentas, choras o punido réu ;
si—queres força, ná arrogancia imperas,
do—mas as feras a um suspiro teu.

La—tens gravados nos ouvidos santos
si—dereos cantos que David cantou ;
do—cil inspiras contrição, que exalta.
re—mindo a falta do que á Cruz faltou

Si—Orpheu na frauta convenceu o inferno ,
do—minio eterno teu poder será :
re—suscitando bons e maus sepultos,
mi—lhões de cultos teu condão terá.

Do—agreste calamo ao veloz teclado
re—gendo o fado, d'esses genios teus,
mi—tho sonoro, retrahindo as dores,
fa—lla aos amores, depois sóbe a Deus !

Bahia, 1866.

O ARTISTA

OFFERECIDA

A MEU IRMÃO O SR. FRANCISCO MONIZ BARRETTO JUNIOR.

overna sem vexar! E porque assim governa
o artista?! Perguntae á sapiencia eterna
que infunde-lhe na voz, no olhar, nas mãos, no gesto,
a luz da inspiração, que os céus copia!... O resto
sabemos todos nós, porque sentimos todos
quem por seus dons nos deixa extaticos e doudós.

Silencio! Ei-lo que surge o procurado artista
que vem se apoderar do coração, da vista
da turba que o buscou, tão sôfrega de vê-lo!
Chama-se Raphael, porém não quér dizê-lo,
porque obrigar não sóe co'as sillabas de um nome
a quem adora o genio. Inda que morra á fome,

sempre ha de ser qual foi, modesto humilde e quêdo
Pedem-lhe um quadro novo.... Agora elle, sem mêdo
molha o pincel na tinta e rapido, inicia
d'arte o primor não visto.... É Deus que a mão lhe guia!...
Já vê-se o oval d'um rosto!... Após a larga fronte
as orbitas limita em que se occulta a fonte
das lagrimas.... Olhae o artistico portento!....
Lindo nariz formou-se!.... Oh que feliz momento!...
A bôcca já se expande em purpurinos labios
que sem fallar dirão o que não dizem sabios....
Sóbe o pincel.... rodeia a fronte e põe-lhe em cumã
ebaneos fios.... desce e pára.... não se anima
a proseguir no curso!.... O que é que falta ou sobra?!
Falta o que é mais ao rosto,— o olhar... Forças recobra
a mão que já tremia!... Uns olhos rasga, déstra!...
Para lhes dar mais luz, cerca-os de sombra! É mestra!
Sem 'star prompto o painel mas, vendo o que elle indica,
— É a madona!— Exclama a turba e prêsa fica
a ver a execução d'esse prodigio mudo,
que falla aos que têm fim do infindo auctor de tudo.
Gloria à pintura! Gloria á mão que só por ella
se move e reproduz os céus na fina téla!

Foi-se o pintor. Agora um novo genio assoma!
Chama-se Bevenuto e o raio de Deus toma
para tirar da pedra, ao toque só do escopro,
a estatua que parece erguida pelo sôpro

de Deus! Oh maravilha! Oh fonte inexaurível
de graças, d'esplendor, que afflue para o *impossivel*,
e devassar-lhe vae o arcano mais profundo,
para lhe dar um corpo e deslumbrar o mundo!
Ao idolo mármoreo a multidão se prostra
e diz: — Gloria ao esculptor que assim descobre e mostra
na fria e immovel pedra um symbolo divino!
Gloria á esculptura! Gloria a quem lhe sagra um hymno! —

Sumiu-se o estatuario, esse pintor que imprime
no marmor' e no bronze a imagem do sublime.
Chega outro artista immenso e a turba logo o acclama!..
Tem um pincel no som, transporta ao pentagrama
reconditas paixões: É Weber ou Spontini?
É o rei da melodia, é o magico Bellini.
Comsigo traz a orchestra. Escreve e dá-lhe o escripto...
Logo ao primeiro harpejo o theatro diz: — Bonito!...
Segue ao preludio o canto... agita-se a platéa,
pensando que lhe foge a maviosa idéa!...
Engano do sentido!.... Lá vibra e sóbe e cresce
o harmonico primor!.... depois ligeiro desce
na escala da cadencia, e, quando attinge o termo
da vibração, a orchestra o ampára!.... É qual o enfermo,
que, prestes a expirar, recebe um forte impulso
de vida no elixir que lhe vigóra o pulso.
A flauta co'a rabeça uniu-se, mas a pompa
da musica se augmenta, aos graves tons da trompa....

Começa um solo.... a voz humana já se prende
co'a voz da clarinêta.... Esta o cantar suspende
para que seja aquella ouvida a sós.... Mil *bravos*
a clave de Rubini alcança mil escravos
deixa o tenor.... Mais tarde ostenta-se a soprano
cantando, e enleva e dobra o peito mais tyranno!
Rompe o côro final!.... Que vozes! que harmonia!
Quem ha que de prazer não chora ou s'extasia?
A nota que ultimou o imperio tão suave
p'ra o mundo foi do céu a fechadôra chave!
E a turba, recordando as notas que se foram,
diz: —Gloria a ti, Bellini, e aos genios que decoram
nos lances do teu genio a musica celeste,
com que do crime a furia á contrição moveste! —

Vazio o palco está! Que mais a turba espera?!
Da gloria outro penhor, do genio outra cratera,
acêsa em craneo vivo, ao sôpro do Immutavel,
para que seja um fogo intenso e inapagavel.
sem nunca maltratar o rosto que o contempla
È o comico esse artista; attrahe, seduz e exempla
no drama ás multidões, para que fujam de erros.
Si falla por Corneille, amaldiçôa os ferros
com que o tyranno frustra os passos do heroismo;
si falla por Molière, ao vil machiavellismo,
das ambições atira o escarneo mais pungente.
Quem é que o vendo a rir, não ri, por mais que tente

render um culto aos maus, dissimulando o riso?
Porêm . silencio ! Agora um novo paraíso
vae dar-nos o tablado... Emfim chegaste, ó Talma
p'ra merecer da turba a mais brilhante palma!
Acaso vens lembrar Shakspear nos ciumes
do apaixonado Othelo? ou, mais do que presumes,
vens obrigar ao pranto, em nome de Racine,
as almas que, inda ha pouco, edenisou Bellini?
O que entendêres faze; os olhos e os ouvidos
dos que te applaudem, rei, concentra em teus sentidos!
Imobilisa o corpo e impera sobre a alma
do expectador, mas, deixa ao menos, grande Talma,
que a bôcca denunciê os extases; bem sabes
quanto a mudez tortura.... Espera! não acabes
teu doce influxo !... Mais!.. mais !.. mais! quão breve corre
o tempo em que dás vida ao coração que morre!....
Foi-se tambem !... Caiu o panno ingrato e mudo!
E a turba diz assim: — Com Talma foi-se tudo!
O musico, o cantor, o vate, o estatuario
sumiram-se com elle, e d'arte o sanctuario
fechou-se de repente á enamorada vista,
que viu do sentimento o eximio retratista!
Gloria ao poder do drama e ao resplendor da penna
perpetuada á voz do idolo da scena! —

De chofre retirou-se a multidão saudosa!....

E, si não foi mais triste, é que ia esperançosa

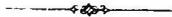
de ouvir inda outra vez os soberanos d'arte,
interpretes e irmãos do bello em toda parte.
E os nobres sem nobreza e os fatuos da opulencia
querem fazer do artista o homem derradeiro
do social festim, pensando que o primeiro
logar lhes cabe! E a gloria?! A gloria que dimana
da luz do olhar de Deus, mudada em fórma humana,
ha de aviltar-se assim, perante a luz dos ervos?!
Não, não se attenda ao zoilo e paguem-se os enlevos,
que o genio promover, com o mais subido premio.
Si ha honra no trabalho, o artista entre no gremio
dos que trabalham tanto em honra aos pergaminhos;
si arminhos forem gloria, o artista obtenha arminhos,
e diga a quem notar-lhe o desmedido brilho:
—Sou homem qual os mais, sou mais que alguns, sou filho
da inspiração eterna; o bem se inspira em mim:
p'r'a gloria hei de morrer, quando ella tiver fim.—

Rio do Janeiro, 11 de Fevereiro de 1868.



NOTAS DA OITAVA PARTE

- (1) No drama *Punição*, do Dr. P. Guimarães.
- (2) No drama a *Actriz Hebréa*, de Fonte Basso.
3. Na *Historia de uma moça rica*, do Dr. P. Guimarães.



MEDITAÇÕES

O SUICIDA.

Quando ás tormentas da vida,
em que alma e corpo abysmára,
refóge o gasto suicidio,
o tiro, que elle dispara
com fria, gelada calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirradas flores d'alma.

THOMAZ RIBEIRO.



il-o que sobe á rocha , desvairado ;
torvo olhar , sobreceño carregado ,
disposto a se atirar
d'essa escarpa dos ingremes rochedos
no barathro fiel de mil segredos ,
nos abysmos do mar.

Olha em roda de si ; odia tudo ;
ergue a fronte p'ra o céu . remorso agudo
lhe punge o coração ;
idéa de fraqueza á mente acóde :
fitar a luz de Deus elle não póde :
crava os olhos no chão .

Vergonha da razão, porque ella sente
que vae se aniquilar o mór presente,
 que deu-lhe o Creador ;
a crença, o sustentaculo da vida ,
o que primeiro morre ao suicida',
 nos seus planos de horror.

Sim ; porque elle despreza a voz austera
da Providencia augusta, que supéra
 as tentações do mal,
e, surdo á consciencia, corre ovante
para ser o ludibrio de um instante !
 Desgraçado mortal !

Do teu crime não pésas o quilate !
Quem te diz que cruel, ponhas remate,
 na terra ao teu viver ?
Quem te deu permissão para acabares
aquillo, que não deram-te os pezares,
 que deu-te o eterno ser ?

Si Chatterton na lyra não, vivesse
o qu'importara ao mundo que morresse
 o filho de Albion ?
Matando-se Catão por lealdade,
nem de Roma salvou a liberdade,
 nem o exemplo foi bom.

São d'esse pégo horrível d'incerteza ;
vem recordar aos pés da natureza
teus sonhos juvenis ;
quebra o élo , que já te prende á morte
por Deus reconcilia-te co'a sorte ,
ajoelha-te infeliz !

Mas elle não se esquivava aos seus intentos ;
mais se agglomeram negros pensamentos
n'esse craneo sem luz ;
do exterminio fatal ebrio phantasma ,
ante as furias do barathro não pasma ;
foge aos braços da Cruz !

Mais e mais se approxima do supplicio ;
contempla , fascinado o precipicio ;
que á vida o roubará :
mas quando á despenhar-se era já présto,
ouviu um modular saudoso e mésto...
cantava o sabiá.

As notas d'esse passaro . á lembrança
do triste encadeando uma esperança .
fizeram-no chorar !

Á beira do seu tumulo de bruços .
dizia para a tarde , entre soluços :
« Posso ainda gozar .

Rapido desce as espiraes da escarpa !...
Busca o lar solitario... empunha um'harpa,
começa a desferir
uma saudade aos gozos do passado.
uma queixa ao presente amargurado
um hymno ao seu porvir.

Mas, de repente, as cordas despedaça
d'esse instrumento socio da desgraça,
no amor de uma mulher...
Depois destôa assim n'um grito doudo :
« Não posso respirar em tanto lôdo...
não quéro mais viver. »

Encontra sobre o leito uma pistola ;
aponta ao coração ; dispara a mola...
que horrorosa explosão !...
Instante que , olvidando a eterna gloria ,
fez Lusbel conquistar uma victoria
ao braço do christão !.

**Perdão elle supplica , mas é tarde ;
chorá a sua alma , p'ra quê Deus a guarde
nas esphas de luz.
A obra perdoae do desvario ,
que da crença partira mais um fio ,
Senhor Deus d'Emaüz !**

Bahia, 7 de Outubro de 1865.

S O'.

Amor! delirio... engano!... Sobre a terra
Amor tambem frui; a vida inteira
Concentrei n'um só ponto — amal-a sempre!

GONÇALVES DIAS.



s nuvens do oriente
lá vem rompendo a lua,
risonha a face nua,
fulgente á deslumbrar!
Quem sabe que de magoas
esse astro me annuncia!
Que amor que poesia
me lembra este luar!

Da minha vida, ó noute
recordas a mudança;
foi quando uma esperança
em prantos se apagou!
Para inspirar só risos,
ó lua, tu surgiste;
minh'alma inda mais triste
nas trevas se afundou!

O céu no mar luzindo
em manto d'esmeralda,
d'estrellas a grinalda
ostenta na amplidão ;
mas eu que aos pés de um anjo
guardara c'rôa immensa,
do luto da descrença
vesti meu coração !

Por bussola dos males,
que o peito em dor consomem
Senhor, tu déste ao homem
da crença eterna luz ;
nos ermos do presente
nem vejo a luz de um cirio
é morte este martyrio,
é grande a minha cruz !

Amor ! foi meu destino
que em sonhos me tentasse
mulher . anjo na face,
e o peito enganador ;
mostrando o meu futuro,
mostrei-lhe um paraiso ;
págou-me n'um sorriso
d'escarneo o meu amor !

D'esta voraz descrença ,
que no meu peito lavra ,
bastou uma palavra
p'r'a chamma se atear !
D'essa paixão nas cinzas
si o corpo fugir teima ,
minh'alma inda se queima
no raio de um olhar !

Eu fui ave sem rumo ,
que hardida o espaço mede
e cahe , morrendo á sêde ,
n'um lago de crystal ;
mas eu na queda horrivel
libei , sem ver o lago ,
do desengano o trago
na taça de um rival !

Troquei pela cratéra
o frio chão da gand'ra ,
e como a Salamandra
ao fogo me atirei...
A copiosas chuvas
de rigoroso inverno ,
salvei-me d'esse inferno
e os gêlos procurei !

Limpei da minha fronte
co'a penna de alvo cysne
do teu desprezo o tisne,
mulher, não sei quem és!
As dôres, que eu suffóco,
meus olhos não te mostram
meus labios não se prostram,
não vou beijar teus pés.

Leio a traição de hontem
na tentação de hoje;
e alguns me dizem: « Foge
do mal, que te perdeu!
poéta, não te afógues
no lodaçal profundo;
caminha, deixa o mundo,
caminha, Prometheu!! »

E eu fujo e eu corro e eu busco
a solidão de um êrmo;
da lucta espero o termo
como esperou Jacob;
e quando n'este Sahára
d'espinhos eu tropéço,
a crença eu só vos peço,
meu Deus, porque estou só!

O LIVRO E O SÉCULO

POESIA

RECITADA NO GYMNASIO BAHIANO, DEPOIS DA DISTRIBUIÇÃO
DOS PREMIOS AOS ALUMNOS DO MESMO COLLEGIO

E OFFERECIDA A SEU BENEMERITO DIRECTOR

O ILL.^{mo} SR. DR. ABILIO CEZAR BORGES.



o mundo era um theatro de conquistas,
feitas contra a razão por impias vistas,
escravas só da purpura dos reis;
a lança era o poder; o roubo — gloria;
a liberdade um sonho; um crime a historia;
em montes de ouro se assentavam leis!

Desvairados, oppressos, carcomidos
pelas armas crueis d'esses bandidos,
abrigaram-se os seculos á Cruz;
aos ultimos suspiros do Calvario
tombaram sceptros de um reinar precario;
da redempção dos homens fez-se a luz.

Eptão, luctando a terra arca por arca,
nos altares beijava por monarcha
o Martyr que lhe dera a salvação;
mas o jugo da crença mahometana,
desmoronando a Egrejá soberana,
as aguas profanava do Jordão.

Amparados por magicos escudos,
os gigantes da fé guardavam mudos,
o melhor sustentaculo da fé;
por um raio de Deus, que a Egreja toma,
cahe o imperio dos barbaros em Roma,
e a Cruz sobre o Alcorão põe-se de pé.

Succederam depois luctas heroicas
em que razões esplendidas, estoicas
relembavam socratiço poder;
era o seculo ardente das Cruzadas,
em que o punho de indomitas espadas
moviam-se por *Deus, Patria e mulher.*

Mas não bastava o homérico transporte
do cavalleiro audaz, que tinha a sorte
prêsa ás lêttas do triplice penhor;
para os heroes crear d'eternos dramas
o livro se tornou rival das damas.
n'esse viver das lêttas pelo amor.

Quatro seculos ha que de Mayença
milagres augurara á luz da imprensa
de Guttenberg o craneo varonil ;
quatro seculos ha que o livro impresso
é a força motriz d'esse progresso ,
que enriquece as nações de inventos mil !

O livro é o poder mais forte ,
que este seculo conhece ;
no livro o sec'lo não desce
quando a razão quer subir ;
por livros troca este sec'lo
as armas de outras edades ;
o livro é sol de verdades ,
que faz o sec'lo fulgir !

O livro é guarda dos sec'los ;
eis porque o homem respeita
a criação mais perfeita ,
de que tanta luz provém ;
distincções não sabe o livro ;
rico ou pobre, humilde ou forte ,
si não tem glorias ãa morte ,
do livro as glorias não tem.

Val mais do que uma existencia .
olvidada sobre um solio ,

o genio que ao Capitolio
sôbe de livro na mão;
de Goëthe o *Fausto* sublime,
livro que a traça não come,
val mais que braços sem nome,
val o sceptro da razão.

Sem livro que fôra o bravo,
que de Deus figura um instante ?
Sem livro que fôra o Dante ?
Que fôra sem livro a Cruz ?
Sem livro que fôra a historia,
esse estimulo bemdito ?
Sem livro que fôra o escripto
de pennas, que espargem luz ?

Para as memorias dos sec'los
o livro é segura pedra ;
e o pensamento não medra ,
si crença ao livro não dá ;
nas ténues folhas de um livro
este seculo se expande ;
a historia de um povo grande
n'um livro pequeno está.

Mocidade esperançosa,
nos premios, que recebestes,
que de incentivos colhestes
dos livros só pelo amor!
Avante! o livro e o seculo
estão á gloria abraçados,
como vós hoje aos cuidados
d'este bahiano Mentor. (1)

Bahia. Dezembro de 1865.

SEMPRE.

 Sempre a buscar-te desvairado . ó nune ,
Sempre o ciume a perseguir-me atróz !
Sempre cahindo em tentadores laços ,
sempre os teus braços me afastando após !

Sempre queimando no infortunio as azas .
sempre nas brazas d'este amor sem dó :
sempre atirando-me aos teus labios castos ,
sempre de rastos a beijar o pó !

Sempre attrahido por teu canto amado .
sempre enganado por condão traidor :
sempre a volver-me das paixões no giro ,
sempre um suspiro do que é sempra amor !

Sempre na cauda do teu manto preso ,
sempre o desprezo a me chamar *ninguém!*
Sempre a seguir-te por caminho erroneo ,
sempre um demonio a responder-me : — Vem !

Sempre na crença me esquivando à morte ,
e sempre a sorte a perguntar — Quem és ? —
Sempre enlevado n'um desejo incrível ,
sempre o *impossivel* me grudando os pés !

Sempre uma queixa a desferir na lyra ,
sempre a mentira me afagando então ; •
sempre á desdita supplicando um termo ,
e sempre o êrno a deparar-me um *não!*

Sempre n'um mundo d'illusões perdido ,
sempre incendiado na paixão fatal ,
sempre chorando por um bem que foge ,
sempre o que é hoje , porque é sempre um mal !

Sempre o abraçar-te n'um cruel delirio ,
sempre um martyrio a escarnecer de mim ,
sempre vagando n'esta vida a êsmo
mas sempre o mesmo , porque és sempre assim !

Bahia, Janeiro de 1868.

DEPOIS.

epois... a esp'rança que legara o Eterno
ao mal superno, que se esvae no pó!
Depois... o premio á paciencia augusta
na sorte injusta do inspirado Job.

Depois... os credos, que assignala a historia,
do genio a gloria, de um Camões a dor:
Depois... o nectar que o descrente prova,
quando se innova o resequido amor.

Depois... as bençãos a chorar na campa,
que o brilho estampa de esquecida luz.
Depois... os nomes que o sol posto marca,
Tasso ou Petrarcha relembrando a Cruz.

Depois... o gozo que um prazer não mede
de amor que cede á pertinaz paixão.

Depois..., o dia, que succede á noite
d'estranho açoitete a castigar sem mão.

Depois... o cysne a se banhar no lago,
ao puro afago de gentil manhan
depois, garboso a se aquecer no collo
d'ave do pólo que encontrara, irman.

Depois... o sonho, que infortunios prostra
e o céu nos mostra de um viver sem fim!
Depois... a virgem que promette encantos
aos ternos prantos de quem pede um *sim*.

Depois... o nó de segurança immensa
que prende a crença ao virginal pudor;
depois o thóro, que desfaz martyrios,
depois os lírios rebentando em flôr.

Depois... ás vezes n'um penar incrível,
ciume horrível, que separa os dois!

Depois... a morte, que é melhor que em laços
vê-la, e nos braços de um rival depois.

Bahia, Fevereiro de 1866.

LAMENTO.



ue torvo acaso ennegreceu-me o hóroscopo
que só na gloria me apontava o amor? !
Trêdo phantasma o meu passado lugubre
rouba-me a crença e m'escravisa á dôr!

Vivo no mundo como a planta exotica
exposta ás iras do voraz tufão!

Si os olhos êrgo para os céus, attorito
vejo um abysmó se me abrir no chão.

Os ledos astros percorrendo as orbitas,
a luz concentram, d'attracção por lei;
mas, si as estrellas no infinito amam-se,
— verme da terra — porque só me achei?

As aureas nuvens d'alvorada esplendida
umas p'r'as outras s'impellindo v'ão ;
da tarde as sombras ante o sol conchegam-se ,
só minha sombra não se abraça , não !

Do Orpheu dos bosques o gorgueio harmonico
prénde-me , ás vezes , a escutal-o alem ;
vejo que as aves n'um gorgueio entendem-se ,
mas aos meus threnos não responde alguém !

Oscúla á rosa o matutino zéphiro ;
dá seiva o outono ao laranjal em flôr ,
o vento assopra as coruscantes áscuas ;
só eu não tenho quem me acenda o amôr !

Espera a rocha do oceano os impetos ;
buscam as chuvas o esquecido pó ;
mas , si de um anjo me beijasse a lágrima ,
salvara est'alma n'esse beijo só.

Bastardo errante , n'este humano barathro ,
refugio ás magoas quem por dó me deu ?
Da minha esp'rança no precoce tumulo
si é vivo o corpo , o coração morreu.

Conto martyrios nos alheios jubilos ;
tisonou-me o peito das paixões a luz !...
Anjo dos tristes , á blasphemia salva-me ,
livra-me ao péso da insoffrivel cruz !

Amor . sonhei-te n'um sorrir de sylphide ,
tu me acordaste o coração na dôr ;
maldigo agora o teu poder malefico ,
mas quem me déra succumbir de amôr !

Bahia, Fevereiro de 1866.

O CADAFALSO.

OFFERECIDA A

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

O cadafalso é a concreção da lei. Chama-se vindicta; não é neutro, nem deixa logar á neutralidade.

Todas as questões sociaes erguem em roda d'esse cutélo os seus pontos de interrogação. O cadafalso é o complice do carrasco; come carne, bebe sangue!

VICTOR, HUGO. (*Os Miseraveis.*)

ue negro vulto é este, erguido por tres braços,
que ostenta-se medonho em frente ás multidões?!
Que sombra de terror. que sem mover os passos,
faz recuar de espanto as novás gerações!...

Nos labios que mudez! Que assombro nos olhares!...
No entanto que murmurio escuta-se d'alem!
O ruido se approxima.... augmentam-se os pezares...
um prestito de morte é perto, eil-o aqui vem!

A multidão se afasta , encolhe-se gemendo...
transforma-se de um lance em nuvem colossal!...
Dous homens,vão em guarda, e um d'elles só tremendo,
hírto, pesado, involto em manto sepulchral.

O prestito se avança , e o monstro não se assusta ,
seguro já da prêsa, em que se vae fartar...
Mandam subir os dous, o amortalhado custa...
o homem cõr de sangue obriga o outro a andar!

Que vozear na praça, attribulado, immenso ,
quando o carrasco, ovante, ás turbas mostra o nó !
Depois tudo é silencio.... o respirar suspenso....
o condemnado á corda é atirado só !

Então n'um grito surdo a victima oscillando ,
pendulo da desgraça, ia parar de dôr...
mas parte-se o barão, e para o chão tombando,
invoca o seu perdão no popular clamor.

A lei não cede assim ! Nem Cruz, nem dôr, nem povo,
consegue demovêl-a em seu punir atroz !
Desce o carrasco a forca ; aprompta um laço novo ;
carrega o semi-morto e torna a ser algoz !

Ao duplice castigo em odio manifesto,
fogem as multidões clamando assim ás leis:
— « Que abuso de poder, que chama-se protesto
que, por vergonha ao século approvam sabios reis!

E o monstro da justiça, erguido por tres braços,
ostenta-se medonho em frente ás multidões!
É sombra de terror, que sem mover os passos,
faz recuar de espanto as novas gerações!

Já não bastavam supplicios
dos tempos da barbarez;
p'ra os modernos sacrificios
o patibulo se fez!
Era pequeno o flagello
d'esse *baraço e cutêlo*
do Caracalla judeu;
erão fracas as torturas,
que não calavam as juras
de um teimoso Galileu.

No cêpo morria o bravo
á par de villão ruim!
As damas de Henrique Oitavo
morriam todas assim!

Cromwell , erguendo a cabeça ,
quer que um rei do throno desça ,
e o rei d'Albion cahiu !
N'essas eras tão revoltas
quantas hydras foram soltas,
quanto sangue se pediu !

Succedêram novas raças
depois que o Christo expirou ,
e o cadafalso nas praças
horriavel se levantou.
Reprovando atrocidades
de tão iniquas edades ,
só buscava o mundo a luz ;
mas os reis se desgostaram,
e pela forza trocaram
esses dous braços da Cruz !

O povo , juntando as furias
contra os desmandos reaes .
quiz vingar-se das injurias
legadas por tantos ais.
A França move-se afflicta ,
por mil bôccas de vindicta
um brado o throno abalou ;
e o povo , em feia guerrilha
desmoronando a Bastilha .
a guilhotina elevou.

Servo do povo em discordia
aquelle instrumento vil
na praça, que hoje é *Concordia*,
decepou cabeças mil.
E Paris, alvoroçada
pela nova barricada
do povo contra o seu rei,
n'um mar de sangue não via
os sellos da tyrannia
e a tyrannia da lei!

E tudo era castigado
pela sentença fatal,
sem defeza ao condemnado,
sem provas ao tribunal!
E o cadafalso orgulhoso,
filho de um erro acintoso,
matando-te, Chénier,
não reflectia em seus crimes
que as tuas cordas sublimes
vingaria Beranger!

Emquanto a França chorava
o genio de Mirabeau,
o cadafalso cortava
a lingua de Vergniaud!

Tira Carlota a vingança ;
mas o *Terror* não descança
emquanto não pune a ré ;
e . quando a plebe é risonha ,
córa um paiz de vergonha
no enrubescer de Corday .

Quanto a historia nos ensina
d'injusto, estranho e revel,
á vista da guilhotina
é muito menos cruel.
Onde se viu mais fereza?
Quando foi a realeza
do povo offuscada assim?
Não se responde, Beccária,
á tua penna contraria
a castigo tão ruim.

De que serve o cadafalso
nos arestos criminaes?
É negativo precalço
dos regimens sociaes.
Que vale matar um homem,
si os remorsos mais consomem
o torvo pensar do réu?
Si Deus de matar nos priva
lei de morte não deriva
das leis eternas do Céu.

Mas não pensam assim os que **pretendem**
que o melhor correctivo ao criminoso
é no meio da praça expô-lo ás turbas
decêpado ou suspenso pela forca !
Opprobrio das nações que inda conservam
essa penna fatal , que não corrige !

Passado esse momento do verdugo,
quando gotteja o sangue do patib'lo
p'ra sustentar o codigo maldito ,
quem . lacrimando ao pé do justicado ,
se lembrará da falta , que o perdêra ,
sem reprovar a punição , que'o mata ?

Os livres pensamentos do progresso ,
concatenados todos n'esse instante
pela clemencia augusta , que os evóca ,
ao cadafalso correm , pressurosos ,
para impedir a lei do anachronismo ,
que a justiça idolatra como exemplo ,
que a humanidade odia por iniqua .
Mas quando esse pensar sizudo e nobre
das gerações modernas reconhece
que infructiferos foram seus cuidados
para obstár á macula indelevel ,
n'um seculo , que nutre-se de luzes ,

espavorido e oppresso de vergonha,
estáca, ao ver o tabido madeiro,
e assim prorompe em lacrimosas queixas:

— Não se castiga um homem, que assassina,
roubando-se-lhe a vida, que trouxera
o destino dos seres bemnascidos.
Vícios d'alma são proprios d'este mundo.
Si o espirito é livre e si não morre
quando, salvo do involucro de carne,
vôe ás ethereas regiões dos justos,
que juizo farão da terra - os anjos,
quando virem a sombra d'esse martyr
tinta de sangue e de punhal erguido?
Então aquelle esp'rito desgarrado,
evitando o fulgor da eterna vida
pela impureza duplice da morte,
há de anhelar espheras mais escuras,
onde encontre um poder - que assim lhe brade:
— « Baixa aos homens, castiga o teu castigo!
Zomba do Creador, ri-se do Christo
o tribunal, que abraça a lei de morte! »

Eis o que soffre a victima
do crime e dos juizes:

eis o funesto abuso,
que chamam punição!
Isentos do patíbulo
serão todos felizes;
por tão selvagem uso
se avilta uma nação.

Athletas d'este seculo,
perseverae n'arena,
emquanto não se apague
essa cruenta lei!
Povo, por mais que um despota
te exponha á horrivel pena,
não mais teu sceptro esmague
no cadafalso um rei.

Guardas fieis e intrepididos
do povo e do progresso,
na imprensa e na tribuna
acompanhae Hugo!
Por vós um novo codigo
ao mundo seja impresso;
co'a morte não se puna
um braço, que matou.

Por vós, crentes do Golgotha,
em testemunho falso
não seja desmentida
harpa, que assim cantar:
— « Reis, que illustraes a purpura,
abaixo o cadafalso!
Quem dar não poude a vida
não póde a morte dar. » —

Bahia. Março de 1866.

A REDEMPÇÃO DO GOLGOTHA.

AO EX.^{mo} E RV.^{mo} SR. CONDE DE S. SALVADOR,

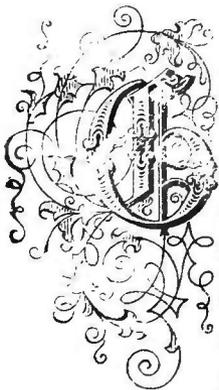
ARCEBISPO METROPOLITANO E PRÍMAZ DO BRAZIL.

O passado não se inventa, e o passado é o pedestal de Christo nos braços de Abrahão, de Jacob, de David, de Isaias e Daniel.

REBELLO DA SILVA.

Mais le jour de cette tragedie, pendant qu'une sueur de sang coulait du front de Jésus, un soupir sortit des profondeurs de l'espace, qui secoua la montagne de Sion et déchira le voile du sanctuaire.

E. PELLETAN.



gloria a Deus, que do cimo do Calvario remiu piedoso, a humãndade escrava dos erros de Satan! Gloria ás promessas que das tubas ingentes prorompiam nas bôccas inspiradas dos prophetas derrocando os sacrilegos moimentos dos idolos pagãos! Tres vezes gloria ao sacrosanto espirito do Christo,

que encarnou-se no ventre de Maria
para acender a crença em peitos impios
que, surdos aos prodigios do Cordeiro
corridos ao toque das blasphemias,
iam tombar - esphacelados, podres
na eterna perdição ! Gloria ao martyrio
que em suspiros divinos s'escoando
das garras torvas e cervaes da morte
plantára a Cruz na gleba sublimada
pelo sangue dos justos ; extirpára
das visceras maleficas do mundo
esse cancro voraz, — o sacrilegio,
que solapava os intimos arcanos
em que habitava a fé ; quebrára os élos
do captiveiro atroz em que gemia
de remorsos eivado, o povo ingrato.
que nas aras de Baál queimara incenso
ante o pharol da terra promettida !

Fatidica vertigem, porque foste
atear a descrença em craneos servos
de indomitas paixões ? Porque arrastaste
ao sopro das cubiças o edificio
que imperios gigantescos sustentava
co'as tubas do Sinai ? Porque atiraste
o anathema cruel de — fratrecidas
às nações que, imperterritas, deviam

unificar-se ao influxo de uma idéa ,
que mais tarde seria para os homens
o premio irrevogavel da virtude,
que não o exprobrador de tredos vicios ?

O mundo era uma hyena esfomeada ,
que, rompendo de um antro de peccados ,
arreganhando os dentes, ulullando ,
botes armava á placida innocencia ;
esposos desunia ; as criancinhas
dos maternaes regaçõs arrancava ;
convidando ao exterminio pelo orgulho
dessa força brutal, calcava affectos ;
fomentando as discordias no convivio
das almas impollutas , conculcava
as primeiras reliquias dos amores,
para engolir veneno nos thesouros
que aos soluços dos pobres extorquia ;
escancarava as fauces sanguinarias
p'ra devorar os ultimos recursos
de apostolos do bem ; inoculando
o germen de incuraveis dessidencias
entre raças irmans, sceptros vendia,
punha por terra thronos ; imitando
as torpezaç abjectas de Sodoma ,
fazia escravos , desmontava altares !
Era o corpo do monstro um continente.

No Caucaso a cabeça erguida tinha;
o coração em Roma; os pés nas Gallias,
e no Egypto e na Grecia eram seus braços!

Quem lograria resistir ás sanhas
do abutre que roía um globo inteiro?
A tunica dos Cezares altivos
vendára os olhos d'esse monstro irado:
mas, cegueira fatal! tornou-se a terra
a pupilla submissa dos tyrannos,
seio descommunal dos desvarios!
E assim foram egypcios, babilonios,
assyrios, persas, gregos e romanos,
Cains que profligavam-se, tremendos,
para reinar um só sobre a conquista
do mando universal!

Venceste Roma!

As iras refreaste dos tetrarchas;
mas, não calaste abusos intestinos,
que ante os olhos de Augusto se exaltavam.
A perfidia ficou; Tiberio surge:
e tu, paiz immenso dos triumphos,
vendo em Judá o Antipater cruento
consentiste que o ferreo despotismo
perseguisse a Decápole trahida

pelo poder de Herodes; conspurcaste
as memorias das campas que lembravam
o castigo por vir; brandiste a espada
para opprimir os povos: derrubaste
esse templo suberbo que avultava
na idólatra Sion; escarneceste
dos arautos convictos do Messias
que muito n'õ tardava; invicta Romia,
a tua maldição, 'stava gravada
nos alphanes dos barbaros ! Um dia
foste cahir como Sidon e Tyro,
em ruinas chorando os teus colossos !

Cum ergo natus esset Jesus Bethlem, Judá in diebus Herodis regis, ecce Magi ab oriente venerunt Jerosoliman.

EVANG. SEC. MATH.

II

Cumpriu-se a promessa e o mundo descrente
o Christo desmente
e a fulgida estrella que aclara Bethlem;
percorre a noticia nas terras distantes,
e os Magos, ovantes
de lá do oriente saudal-O já vêm.

Na hora em que um berço, coberto de flôres,
circumdám pastores.
mirando os encantos do irmão de David,
dos reinos celestes os numes baixaram
e a gloria cantaram
dizendo aos humanos: — A gloria eil-a aqui!

Em poucós momentos o culto se alteia
e Herodes receia
que venha o Menino turbar-lhe o poder:
apresta os soldados; ordena matanças
das pobres crianças
que devem innocuas por Christo morrer.

E tímida, a Virgem, fugindo ao perigo,
pedindo um abrigo
ao Filho querido que Deus lhe entranhou,
por invios desertos seus passos perdidos,
encontra os bandidos
e a gruta medonha que o Christo acoitou.

De volta do Egypto Jesus corre ao templo
e em magico exemplo
confunde os doutores de idólatras leis;
mas volta ao regaço materno adorado
e vive ignorado
o infante que zomba de ephemeros reis!

Decorrem trinta annos, depois que o Messias
do sol de seus dias
sentira os primeiros lampejos de luz;
e o terno Cordeiro, buscando os abrolhos,
no Céu pondo os olhos,
dos Paes se ausentando, caminha p'ra Cruz.

Humilde ante os homens, n'um lance imprevisto
baptisa-se o Christo
nas lucidas aguas do eterno Jordão;
subjuga o demonio que o tenta de perto,
procura o deserto
e chama os discip'los á voz de João.

Já se abre o theatro dos sacros prodigios!
Que ingentes vestigios
na historia dos sec'los contempias, ó fé!
Agora no throno vacilla a mentira,
que os erros admira
e a voz dos prophetas não sabe o que é.

In mundo erat, et mundus per ipsum
factus est, et mundus eum non cognovit.

EVANG. SEC. JOHAN.

III

Oh que paizagens magnificas
descortina o viandante
que segue o rastro brilhante
dos milagres do Senhor !
Que viço ! que sol esplendido !
que montanhas de esmeralda
formam a linda grinalda
da redempção pelo amor !

Aqui o Carmello e o Libano ;
alli o Thabôr torrêa
e o Jordão veloz mosqueia
amplas encostas do Hermon ;
alem avulta a Decápole
e o mar gallileu serpeja ;
muito ao longe a Arabia alveja
das planicies de Esdrelon.

N'este contorno poetico,
por onde o Christo divaga,
Bethesaida se embriaga
da luz sublime que vê;
Naim, Bethania, Caphárnaum,
ouvindo o celeste Filho,
das crenças perdem o trilho,
porque a Judéa não crê!

E o Mestre espalha os discipulos
pelos mundos da impiedade,
e prega sempre a humildade
aos filhos dilectos seus;
quando o furor dos idólatras
combate a divina graça,
n'uma phrase Elle amordaça
Escribas e Phariseus.

Que inimitaveis parabolás
com pasmo foram ouvidas
por essas raças descritas
que amortalhavam a fé!
Em paga da luz benefica,
com que Elle ao povo guiava,
quando aos lares se abrigava
repellia-O Nazareth!

E o Cordeiro entre malevolos
apascentando o rebanho
do jugo do mal tamanho
a desgarrar um por um
quando, arrastado ao patibulo
foram cuspir-lhe na face
só achou quem o negasse,
não teve em defeza algum !

E Elle disse ao paralytico:
« Ergue-te e leva o teu leito! »
Poz o leproso perfeito;
n'um tanque ao cego deu luz;
do pó levantou a adultera;
chamou o Lazaro á vida:
com cinco pães deu comida
a mil sectarios da Cruz !

Mas essa judaica vibora .
contra tudo se arremessa ;
não quer cumprida a promessa ,
mas, quer seus crimes cumprir !
Sedenta já pela victima ,
silvando aos pés de Pilatos
leva em seu rastro os ingratos
e a maldição do porvir.

Traição, imprimiste maculas
que nem um diluvio extingue!
Sim, por mais que um sec'lo vingue
teus inimigos, traição,
si não calou-se esse anathema,
do Gethsemani oriundo,
é que, escondida no mundo,
não ganhaste inda o perdão!

Perdoa-lhes, Pae, porque elles não sabem
o que fazem !

CHRISTO NO GOLGOTHA.

E a palavra perdão cahiu no mundo !

MENDES LEAL.

IV

Lá prendem no Cenac'lo o Redemptor vendido
pelo traidor discip'lo aos guardas de Caiphaz !
Lá gritam Phariseus:—O réu seja punido !
e arrastam-O algemado á habitação de Annaz.

Por Poncio libertado, eil-O a esperar d'Herodes
essa mendaz justiça, escarneo da razão ;
mas, tu, servo de Roma, o voto dar não podes....
e o Christo volta a Poncio e ganha o seu perdão.

Mas a gentalha em raiva obriga aos pugilatos
o impavido juiz que o Christo defendeu ;
e á hydra popular responde o vil Pilatos :
—Si assim quereis, matae, culpado não sou eu.—

E a plebe festejando o voto seu tremendo ,
corre ao Calvario , alegre , e crucifica o Deus!...
E o Martyr, n'um gemido os astros commovendo ,
co'a morte salva a terra e vòa para os Ceus!

Ao throno de Jehovah sóbe o lethal suspiro!...
Sacode os céus e a terra horrisono trovão!...
O sol esconde o rosto, o mar suspende o giro,
rue o profano templo ao brado — maldição!

Mas resuscita a carne e da fatal vingança
o Christo abafa o grito aos pés do Eterno Pae:
cala-se a natureza e innova-se a alliança
dictada por Moysés nos visos do Sinai.

Eis o que nos ensina a historia sacra e velha,
que o Golgotha relembra eternizando a Cruz:
do olhar do Redemptor a ultima centelha
para o perdão do mundo irradiára a luz.

Terra que recebeste o germen sacrosanto
da crença baptisada em sangue divinal
tal como sobrevive ás chammas o amianto,
adora o Christo e vence as tentações do mal!

E Tu, Deus de Jacob, baixa de novo ao homem
e n'elle encontrarás, em vez da morte, o amor!
Teu povo amarga, errante, as magoas que o consomem;
vem, as nações irmana a um riso Teu. Senhor!

Bahia. Março de 1866.

O GENIO.

A MEU PAE.

Gloria a Deus que n'um atomo resume
O pensamento que transcendo o espaço.

SOARES DE PASSOS.



uem és tu, maravilha omnipotente
de creações divinas,
que tens de luz no craneo uma vertente,
com que o mundo fascinas?!
D'onde vens, mensageiro do infinito,
que os seculos vinculas a teus pés;
que a rigidez convences do granito,
que abres o mar co'a vara de Moysés?

Desmentidor eterno do impossivel
que as crenças retempéras
das idéas na fonte inexhaurivel,
da gloria nas esphéras!
D'onde o teu ser dimana, antagonista
da sorte n'este humano tremedal?
D'onde tiraste o sol que tens na vista?
Porque o destino bom te quer tão mal?

Teu sol provém do resplendor do Empyreo
qu'ém tua alma infiltrou-se;
nasceu de Satanaz o teu martyrio,
quando a inveja creou-se:
Eis porque o fado teu, quando roçaste
as fulgurantes azas por aqui,
estribou-se na força de um contraste,
que impellindo-te ao céus, zomba de ti!

Baixaste a nós e, quando os teus portentos
eram tão procurados,
bruxoleava a luz dos pensamentos
no abysmo dos peccados,
tomaste a penna e retraçaste as raias
dos dominios congénitos da fé;
disseste ao throno da razão:— Não caias!—
e o throno da razão ficou de pé.

Ao tempo, que, apagar quiz as idéias
heroicas, torvo e fero,
oppuzeste o valor das epopéias
na trombeta de Homéro.

Vendo um paiz agonisante, á mingua
dos beus que a tyranna lhe usurpou,
na eloquencia de Deus ungiste a lingua
e com ella Demosthenes fallou.

De todos estes cerebros de fogo,
fundidos n'um instante,
vasaste a essencia que inflammou-se logo
na cabeça do Dante!

D'aquelle craneo, cheio de prodigios,
que abrangia dos orbes a amplidão,
miraste o inferno que plantou vestigios
na indelevel cratera de um volcão !

Depois que assim cantaste uma victoria
perfumada de incenso,
subiste, honrando as paginas da historia
co'este mosaico immenso,
ao theatro Alfieri; á melodia
Rubini, Miguel Angelo ao cinzel;
ao mar Colombo; o Tasso á poesia;
aos astros Galileu; Sanzio ao pincel.

Aos sons do teu clarim, que hõje na terra
conta bem largo estádio,
creando em Bonaparte o ardor da guerra,
tomaste o invicto gladio.

Aguia corsa, a voar sobre metralhas,
foste as azas queimar em Waterloo;
mas os grandes troféos de cem batalhas
de Guttenberg a filha registrou.

N'essa invenção pasmosa, que te entrega
 às bençãos do futuro,
descança, que jámais ella te nega
 pódes morrer seguro.
C'roadado pelas fôlhas do loureiro,
que offusca os Europeis de mil brazões,
has de zombar d'escravos do dinheiro
que à miseria atiravam-te baldões.

Genio, genio, porque mais glorias pedes,
 n'este barathro immerso?
Queres ser a alavanca de Archimedes,
 que suspenda o universo?
Has de tombar, quando te falte o apoio
d'essa mão que sostêm os globos no ar;
has de ser absorvido como o arroio
pelas enchentes rispidas do mar.

E então, quando o imperio teu desabe,
 com que tanto fulgiste,
dirás ao mundo, a quem teu fim não cabe,
 que só por Deus cahiste;
e, transformado em astro para ao manto
do firmamento addir mais esplendor,
has de ser sempre o élo sacrosanto
que prenda a creatura ao Creador.

SYLPHIDE.

A * * *



ella! a rainha
dos bailes, das salas,
que, sem a varinha
das fadas do Islam,
suspende mil fallas,
governa os olhares,
e assoma entre galas,
qual sobre os luares
a luz da manhan!

Deidade, não lances
teus olhos p'ra mim!
Minh'alma não cances,
não vões assim!
Tocar não procures
o corpo de um mytho,
que é pouco o finito
p'ra quem não tem fim.

É ella!... Eu tistingo
nas rendas do manto
captivos do encanto
encantos dos ceus!
É ella! nos olhos,
nos olhos tão sabios
extingue os abrolhos
de asperrimas dôres;
os gélidos labios
inflammada de amôres,
traz seiva p'ras flôres;
converte os atheus!

Prodigio de graças,
não olhes p'ra mim!
Minh'alma, esvoaças
sem rumo, sem fim,
e, qual mariposa
p'ra o fogo attrahida,
as azas da vida
não queimes assim!

É sonho!.... é chiméra!....
é sombra!.... é mentira!....
é tudo que géra
na mente a illusão!...

miragem da lyra ,
capricho das almas
que atiram-lhe palmas
e beijam-lhe o chão !

Visão que me tentas ,
olhando-me assim ,
porque me atormentas
no ardor do festim ?
Si póde a existencia
nutrir-se em teus laços ,
estende-me os braços ,
responde-me — sim !

E ella , correndó
subtil como a corça ,
redobra de força
co'as azas de luz !
Desdenha de todos
e todos arrasta ,
as pennas afasta
e as brisas seduz !

Eu sou como a agualha ,
tu és o meu pólo ;
repousa no sólo ,
não fujas de mim !

Eu quero de perto
matar meus desejos ,
embora entre beijos
encontre o meu fim.

Das auras divinas
nascêste no effluvio?
Não; dizem teus lumes
que és mobil vesuvio,
que és fogo , mulher!
São duas cratéras
teus olhos que tentam;
as lavas rebentam ,
si buscas mais vidas
nos olhos prender.

Não fallas, prodigio
que as vistas assombras?!
Da gloria o fastigio
verei no teu — sim!
Porém não respondes
e corres , sorrindo!
não mates, fugindo,
não fujas-me assim!

A orchestra resôa;
e a virgem, pousando,
e a face inclinando

n'um peito feliz,
volteia na sala
qual pomba nos ares,
e prende os olhōres
da turba que escrava
d'esse anjo se diz.

Cançaste, donzella,
na *walsa* ruidosa
e abaixas, donosa,
teu rosto p'ra mim?
Não crêias nos votos
da turba tão falsa,
não cōrras na *walsa*,
não fujas assim!

Sorri-se e nos brilhos
do riso jucundo
faz crêr-me que aos filhos
da culpa do mundo
o Éden não fôra
tirado por Deus!
De subito o riso
nos labios lhe expira....
o Éden se fêcha
e a terra suspira!
Tão justa é a queixa,
que logo em seus olhos
reabrem-se os Céus!

Si queres que eu veja,
não olhes-me assim!
Já céga doudeja
minh'alma em teu seio
de niveo setim!
Não percas minh'alma
no férvido enleio
de amores sem fim!

Eis falla; e da bôcca
taes graças descerra,
que os astros se abalam
e espargem na terra
mais vîvidos lumes!
Os ventos se calam
e as cordas estalam
de enlêvo e ciumes
nas harpas do amor!
Que voz! que fragrancia!
Não ha mais candura
nas vozes da infancia!
E é tal a doçura
da lingua que encanta,
que as notas supplanta
do plumeo cantor!

Não falles, Vesuvio,
não falles assim!

não lances mais fôgo
no ardente festim !
não nutras o jôgo
de anhélos sem fim !
não mates de amores
o teu Bernardim !

Mulher, nune ou sylpho,
archanjo ou demonio,
d'aonde baixaste,
d'aonde tiraste
o fino alabastro
dos seios tão raros,
que o marmor de Paros
superam aos olhos
da minha paixão?!
Do inferno surgiste
n'um corpo de fada,
ou tua morada
faz parte do Empyreo?
Responde ás perguntas
de tanto delirio,
do sôfrego bardo
responde á afflicção!

Dos seios do barro .
tão lóbrego e immundo,
milagre do mundo ,

brotaste p'ra mim?!
Não olhas, Walchyria?
Não fallas, Çorina?
Me ensina, me ensina
teus mundos sem fim!

Si és filha da terra,
esconde os teus lumes,
que podem os numes
roubar-t'os n'um dia!
Si queres a palma
do vate, a poesia
tu mesma não és?
Si queres, eu guardo
no céu da minh'alma
dois olhos que ao bardo
só trazem desejos.
Si queres as rosas
da face encobertas,
eu cubro-as de beijos:
Si queres um throno,
já tens-me a teus pés!

Desdenhas, ingrata,
das juras que eu faço,
e foges de mim?
Não sabes que as juras
de hypocritas fallas

só pagam ternuras
no meio das galas
do ardente festim !

E ella , embebida
na *walsa* ligeira ,
entrega-se inteira
aos braços voluveis
de um homem fallaz !
E corre e volteja
no fogo da dança ;
mas , subito arqueja
e pára e descança ;
depois , bate as azas
e foge aos anhélos ,
deixando-me os zelos ,
roubando-me a paz !

Não mais me appareças ,
cratéra volátil !
Teu genio versátil
não serve p'ra mim....
Requebra os teus olhos
aos olhos mendaces ,
nas luzes fugaces
do ardente festim !

CAMÕES E PORTUGAL

A ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Calcando as sombras do feral jazigo
Portugal resurgiu, vingando a affronta,
E inda hõje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado.

SOARES DE PASSOS.

Li-lo no bronze a honrar os brios de tres seculos!
Ei-lo, da lusa gloria o immenso e eterno bardo!
Foi nobre, Portugal, o premio, embora tardo,
com elle só te ergueste, erguendo os teus brazões!
A estatua señhoril d'esse cantor altiloquo
do Gama e Dom Manuel, d'Egas Moniz, dos Castros,
do Tejo sobre a lympha espêlha-se p'ra os astros,
dizendo á terra e aos céus:— Camões! Camões! Camões!

Si o sol desponta, a estatua amostra-lhe os Lusíadas,
n'elles guardando a luz dos feitos transtaganos:

— É elle!— diz a Europa:—o sol dos lusitanos!—

E o echo repercute até sumir-se o sol:

Cobre o pallor da noute a terra e as aguas limpidas,
mas, desce a lua argentea.... a terra esquivava ás maguas,
beijos na estatua imprime e esconde-se nas aguas.
quando a cantar na estatua acorda o rouxinol.

A todo ouvido sôa a voz da fama indomita
e n'ella de Camões o nome egregio-avulta;
ao grande que se ostenta, ao pobre que se occulta
lembra a serena estatua o lembrador d'Ignez;
levanta-se o pequeno, o grande altivo prostra-se,
e dizem, como irmãos, aos pés da muda estatua:
— Camões vingado estás da gente iniqua e fatua!
Camões, teu nome abrange o nome portuguez!

Qu'importa que do vate as cinzas n'um sarcophago
não resguardasse a patria, ao furacão do olvido?
Qu'importa, si do tempo o morto foi remido,
e resuscita agora em bronzeo pedestal?
Aquella estatua humilha os thronos vãos e ephemos;
aquella estatua é o throno em que se assenta a gloria,
aquella estatua val tres seculos na historia,
naquella estatua estão Camões e Portugal!

Bronze que se fundiu d'uma nação no cerebro,
do enthusiasmo ao fôgo acêso em puras almas,
bronze que offusca o ouro e ao mundo arrancou palmas,
bronze que pela fórma aquilatar não sei,
teve esse bronze augusto inimitaveis canticos.
quando erigido ao som das lyras populares,
que iam dizendo, ao vel-o incolume nos ares,
— Benções ao rei Luiz que applaude o Luiz rei! —

Rei na epopéia , rei nos sacrificios bellicos ,
rei na constancia d'alma escrava de Nathercia ,
por quem jámais teu plectro emmudeceu na inercia ,
por quem de pranto enchêste a gruta de Macáo ,
Camões , que só provaste as furias d'Ásia e d'Africa ,
hôje na gratidão , que te recorda , incendes
Castilhos, Palmeirim, Thomaz Ribeiro e Mendes .
como incendêste outr'ora em compaixão o Jáó!

Bôcca que embevecêste o povo em lingua magica ,
cysne que no teu canto enamoraste o Sena ,
que tens do theatro luso o sceptro em tua penna
que aos evos destampaste a lousa de Camões
volve, immortal Garrett! e em vez do justo anathema
que sobre os teus irmãos lançaste d'aurea tuba ,
louvores mil teu estro agradecido suba ,
pelos degraus da estatua , ás novas gerações!

Morrer não pôdes mais, Camões ; inda que as paginas
logrem rasgar do livro em que teu genio brilha,
inda que a inveja atroz, da ingratição só filha,
procure derrubar teu bronzeo pedestal,
sobrevivendo a estatua aos zoilos impertérrita,
ha de firmar-se em Deus! Está nos Céus escripto
— que , quando a estatua caia, ao sôpro do Infinito,
com ella hão de tombar Camões e Portugal.

Bahia, 28 de Novembro de 1867.

ANJO E DEMONIO.

Oh si te amei ! Toda a manhan da vida
Gastei em sonhos que de ti fallavam ;
Nas estrellas do céu lia o teu nome,
Ouvia-te nas brizas que passavam !

OCTAVIANO.

oi-se . foi-se o martyrio ! Oppresso já no gemo
debaixo dos teus pés a mendigar o amor !
Do jugo libertei-me ; agora já não temo
dos olhos teus a luz que escravizou-me á dor.

Longe que podes tu ? De longe que m'importa
que empregues os teus dons em peitos vis, mulher ?
Vives no peito meu como si fôras morta,
e quanto mais te esqueço, anhêlo mais viver.

Mixto em que eu sempre achava enlêvos e amarguras .
teu ser matou-me n'alma a placidez do amor !
E as flôres que eu te dei, tão novas e tão puras .
mirraram-se em teu seio, á mingua de cultor !

È tarde p'ra remir as maltratadas flôres
a quem poude inda a tempo os élos teus partir ;
ao menos saiba o mundo o que és, quando tu fôres
com teu veneno doce as almas seduzir.

Anjo, no teu sorriso escandeceste, um dia,
d'um pensamento livre o infante sonhador
que, em tuas azas vendo as azas da poesia,
tentou voar, voou ao céu d'um casto amor.

Demonio achei-te, quando impulso déste ás azas
do incauto seduzido a te buscar em vão ;
e então, vendo tão alto o cégo a arder em brazas,
cortaste o vôo, e o triste as mãos sangrou no chão!

Anjo tu foste, quando, immersa em pias maguas,
restituiste a luz ao cégo pelo amor,
que as ulceras banhou dos olhos teus nas aguas
e agradeceu sorrindo os bens da propria dôr.

Demonio te mostraste, após bondade tanta,
quando, eu vibrando a lyra, os versos meus te dei,
e, em vez da gratidão que os miseros levanta,
com teu cruel sarcasmo em solidão me achei!

Anjo tu foste ainda, ao ver-me escarnecido,
quando eu partia d'harpa as cordas sem valor ;
pelo instrumento déste um ai tão bem fingido
que novas cordas dei-lhe em honra ao velho amor.

Demonio inda tu fôste ao trovador em calma,
quando pisaste a lyra e lhe negaste um *sim* ;
um *sim* que hoje não peço, um *sim* que da tu'alma
descrenças traz ao mundo e até vergonha a mim.

Anjo, porque oblações a merecer tornaste
de quem tragára o fél no teu sorrir de amor?!

Demonio, porque assim d'anjo as feições tomaste
para levar-me á estancia em que não finda a dôr?

Demonio, si vestiste as niveas roupas d'anjo,
para matar-me a fé que eu voto ao Creador,
bem vês que não perdi-me e menos me confranjo,
por não prender minh'alma aos pés d'um falso amor.

Anjo, si eras de Deus, si o teu passar na terra
manchou-te a candidez com que Elle te creou,
vae, pede á eterna mão, que o infinito encerra,
que ás tuas azas tire o pó que me cegou!

Anjo ou demonio, agora aos teus ardis funestos
meu coração não treme; é nullo o teu poder;
anjo, só um demonio acolhe os teus protestos,
quem anjos viu, demonio, em ti não póde crer.

Demonio em fôrma d'anjo aos homens jamais tente,
qual me tentaste, ó anjo, em meu primeiro amor!
Os duros nós desfiz, porém minh'alma sente
não ver-se prêsa agora a um vinculo melhor.

Minh'alma de poeta, ó anjo, em teus olhares
ingenua s'espelhava, a todo instante, a rir!
Ah! quanto me arrependo; espelho, em meus pezares,
só me reflectes hõje um lôbrego porvir!

Porém eras tão linda! Eras a viva imagem
da luz que foi primeira edenisar o amor!
Aos braços teus corri, corri, qual da *miragem*
em vão corre a apossar-se o lasso viajor.

Eu fui o Antêo do amor; minh'alma uma por uma
dos olhos teus no fôgo as illusões perdeu!
Resta-me o corpo; agora o corpo se consuma
longe de ti, da terra em que por ti soffreu!

Choro o baldado esforço, o tempo em que eu vivia
debaixo dos teus pés a mendigar o amor!
Fui martyr, já não sou; quem martyr não seria,
sentindo em tanto aroma os teus espinhos, flôr?

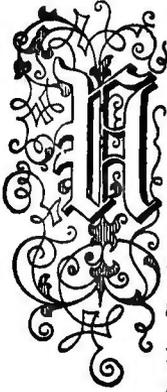
Mulher, si é tua vida emanação terrivel
do anjo que p'ra o mal cahiu dos pés de Deus,
converta Jehová teu ser indefinivel,
para que eu possa em ti salvar os cantos meus!

Rio de Janeiro. Dezembro de 1867.

GONZAGA

OFFERECIDA AO EXCELLENTE ESCRITOR E POETA

DR. PEDRO DE CALAZANS.



'este solo americano
quem não conhece Gonzaga?
Quem ha que impresso não traga
dentro d'alma esse cantor?
Si elle no berço foi luso,
si aos lusos fallou primeiro,
na lyra foi brasileiro,
foi brasileiro no amor.

Elle é mais simples que Gessner;
no amofoso e terno idyllio
a Theocrito, a Virgilio
não tem que invejar Dirceu;
seu cantar é tão ridente
como o sol que amou cantando;
no seu plectro augusto e brando
sentem-se as notas do ceu!

Elle em Marilia encerrava
gloria, thesouro e familia ;
era a sombra de Marilia
tirando o armento ao redil ;
elle guiava-lhe os passos
para livral-a d'espinhos ,
e lhe encurtava os caminhos
só co'a franta pastoril.

Si ella volvia, saudoso
elle com ella volvia ,
porque ia findar o dia
e logo findar tambem
aquella união tão santa
de duas almas n'um riso ;
aquelle ar do paraíso
no encontro d'aquelle bem !

E quando ella se partindo
a vida inteira levava
do bardo que tanto a amava ,
do amante que sempre a amou
Dirceu , co'a lyra sosinho
e escravo da propria idéia ,
dava a Marilia a epopéia
nas folhas que ella inspirou.

Interrompêl-os quem fôra
n'esses enlevos tão puros?
Pois houve peitos tão duros
que ousaram interromper!
Gonzaga alçou-se p'ra os monstros
e os monstros do despotismo
do vate contra o heroismo
bradaram: — Has de morrer! —

Leu sua morte Gonzaga
n'aquelles peitos sem alma;
de Marília foi-se a calma
nas bôccas d'esses Cains:
cumpriu-se a sentença e o vate,
dos seus amores distante,
morreu no catre infamante
dos deგრédados ruins.

Da sua Marília eterna
foi seu ultimo suspiro;
d'aquelle immundo retiro
Gonzaga aos evos pediu
o perdão dos seus algozes,
em vez das benções da historia,
e sentiu beijal-o a gloria
nas saudades que sentiu.

Das costas de Moçambique
a gloria expandir-se veio
da terra da Cruz no seio,
no seio d'uma nação
que hõje vê, maravilhada,
no livro d'esse innocente,
sempre um sarcasmo pungente
da liberdade á oppressão.

E quando as flôres silvestres
da tarde o zéphiro afaga,
ao ler teus versos, Gonzaga,
quem não suspira de amor,
ou traz a mente captiva
só dos desejos perversos,
ou desconhece em teus versos
um raio do Creador.

Quem ha que seja tão impio!
Quem ha na terra brazilia
que não preze de Marilia
o brando cantor! Ninguem.
De Chénier foi Gonzaga
irmão no genio e nas dôres;
por seus perdidos amores
encontra o porvir um bem.

Um bem que dous povos honra,
um bem que encanta os ouvidos;
um bem que dos tempos idos
ha de os vindouros passar,
e, sempre offuscando os zoilos
com seu brilho tão jucundo,
se ha de acabar n'este mundo,
quando o mundo se acabar.

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1868.

A BOCAGE.

Bocage poude mais que os seus destinos.

F. MONIZ BARRETTO.



rimor setubaleuse, egregio Elmano,
que o furibundo Ganges abrandavas
co'as queixas' da saudade que entranhavas
nesse peito mais fundo que o oceano!

Rei do improviso, engenho sobrehumano,
que não tinhas só luz, que tinhas lavas
no cerebro estupendo, em que formavas
n'um soneto um prodigio lusitano!

De lá onde a infinita magestade'
ao céus restituiu teus sons divinos,
ouve ao menos da terra esta verdade:

— Bocage não morreu; vive em seus hymnos;
na lyra', que afinou-lhe a eternidade,
Bocage poude mais que os seus destinos.

MONTE-ALVERNE.

AO MEU AMIGO E MESTRE, O MUITO ILLUSTRADO
SR. CONSELHEIRO DR.

ANTONIO FELIX MARTINS.

De toutes les places où un mortel peut
monter sur la terre, la plus haute pour
un homme de génie est incontestablement
une chaire sacrée ... Ce trône pour le
prêtre de génie est plus haut que celui
des rois: c'est de là qu'il régit sur le
monde des consciences.

LAMARTINE.

Oh! que naquelle craneo havia fogo!
Quem lhe fizesse a antopsia veria.

F. MONIZ BARRETTO.



Os actos nobres e das puras crenças,
da virtude no amor, do amor à prece,
da graça lá dos céus, que á terra desce,
da sciencia conquistada pelo estudo,
da modestia que não disfarça orgulhos,
da maldição p'ra os odios mal cabidos,
de tudo que á razão prende os sentidos,
quando é resumo, o sacerdote é tudo.

Quem é que, nas idéas de humildade
vendo-o inspirar-se, não se inspira e prostra?
Quem s'esquiva da fé, quando se mostra
na voz do sacerdote a voz do Christo?
Quem recusa os conselhos tão bem dados
de quem só para o bem nos aconselha?
Quem não se mira em quem no céu s'espelha
e nos resguarda tanto do imprevisto?

Vós que sahis da vida para a morte
amae quem lembra a Deus mortos e vivos!
Do Golgotha sectarios, descobri-vos
ante o burel do venerando monge!
Quando elle proferir o verbo santo,
calae-vos todos, adorando o verbo;
nunca julgueis o seu discurso acerbo,
porque a injustiça é d'elle sempre longe!

Ministro de Jesus, o sacerdote,
co'a divina eloquencia ungingo a bôcca,
afasta do peccado a gente louca
e os tenebrosos craneos illumina;
si a sêde da vingança horrenda cresce
da raiva ao fogo que n'um peito lavra,
só diz o sacerdote uma palavra;
a palavra — perdão — é o que elle ensina.

Quando se alquebra o sacerdote immenso
e aos céus entôa os derradeiros psalmos,
depois que tira ao mundo, olhos tão calmos,
depois que põe' na Cruz beijo tão puro,
só p'ra os homens expira, e lhes deixando
n'um livro uma grandiloqua lembrança,
da romagem da terra alfim descança
e dá seu nome ás benções do futuro.

Para onde alçou-se o espirito gigante
que commovia a abobada do templo?
Onde sumiu-se aquelle grande exemplo
das verdades celestes oriundo?
Voando ao céu com tantos mil—*bem haja*s
poude chegar aos pés do eterno solio?
ou como a luz que esvae-se, á falta d'oleo,
perdeu-se essa alma, á falta d'outro mundo?

Eis o que os vivos sôfregos perguntam;
mas o Senhor as duvidas perdôa
dos que no ardor da gratidão tão boa
se interessam pela alma que o céu guarda.
Si a terra devassar lograsse, um dia,
o que se passa lá na estancia etherea,
podéra ver que da mansão funerea
a recolher um justo Deos não tarda.

Foi assim que baixaste, Monte-Alverne,
ao seio desta vida transitoria !
Foi assim que chamou-te o Eterno á glória
onde ora vives, sacerdote egregio !
Com teus irmãos, teus emulos, teus mestres,
hòje nem te recordas do finito
em que um povo deixavas tão contrito,
em que evitavas tanto sacrilegio.

Abraçado co'a fé que deu-te á lingua
os dons de Bourdaloue, de Lacordaire,
por mais que o teu Brazil te chame e espere,
nunca lhe has de fallar como fallavas !
Quem me déra te ouvir, como te ouviram,
quando á tua voz as multidões prendias,
aguia do sacro pulpito, e subias,
té que chegando aos pés de Deus paravas !

Em nuvem transformava-se a tribuna,
pelo influxo que dava-lhe a eloquencia
da palavra que as luzes da sciencia
em borbotões vertia ao povo attento !
Eras mais que a facundia, reduziás
descrenças, n'um sorriso á flôr do labio ;
dominando o pensar eras um sabio,
um numen dominando o sentimento.

Um dia ennevoaram-se teus olhos
ao mundano esplendor. porém tu'alma
nunca perdeu a lucidez que a palma
de genio deu-te na brazilea egreja ;
e quando um conductor pediste aos homens,
foi quando mais espiritos guiaste
co'a paciencia augusta que provaste,
dizendo : — Assim quer Deus, pois assim seja !—

Por fim collando os labios da materia
do involucro terrestre a alma despiste ;
por não causar mais dôr, quando partiste,
do claustro um mudo adeus disseste á Patria !
Deixaste impressa a magica palavra
n'um livro que os catholicos encanta ;
e essa dadiva encerra gloria tanta,
que merece que um povo ora idolatre-a !

E o povo que te ouviu, às vezes sente
um écho lá dos céus, que vem suave
teu nome repetir do templo á nave
em que pregaste os teus sermões divinos !
Bossuet brasileiro, aceita aq menos
de tosca lyra o mais saudoso culto,
já que eu não posso ouvir-te, excelso vulto,
que tens da Patria os espontaneos hymnos.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1868.

A MODERNA HETAIRA.



uão demudada estás, mulher! Que horoscopo
teu nascer presidiu?!

Como assim denegriste as azas candidas
nas luzes dos saráus?!

Como foi que trocaste a paz do thalamo,
que era um throno de amor,
só para entrar nas furnás do prostibulo,
que te hão de asphixiar?!

Nadavas na opulencia, eras o idolo
do consorte fiel;
eras-lhe a gloria, o céu; e foste adultera
para o inferno lhe abrir!
Consumaste a traição e sobre o tumulo
do teu primeiro amor,
em vez de uma saudade immersa em lagrimas,
dêste um riso de algoz!

Abandonaste a pedra muda e gélida
sem goivos e sem cruz,
para entrar, feminino Mephistófeles,
no social festim!

Encheste a taça dos prazeres, sôfrega,
bebeste até cahir...

Quando sahiste do torpor lethargico,
te encontraste só? Não.

Tinhas ao lado o seductor impavido,
que á lama te arrastou;
lhe deste o final beijo e foste rapida
no espêlho te rever...

E que te disse o vidro? Que era esplendido
teu corpo senhoril.

O orgulho te cegou... foste precipite
fallar á multidão.

Disseste:— Aqui me tendes! Já que multipla
não me posso tornar,
serei a mesma a todos, sendo a unica
sybilla das paixões.

Quero ser cortesã, quero ser publica,
p'ra que me adorem mais;
para resuscitar de amor os Lazaros
tenho infalliveis dons. —

Palmas te deu a multidão frenética,
seductora Laïs;
e, convencida após de tantas supplicas,
vendeste o corpo emfim!
E quando cerras no teu leito as palpebras,
não sabes tu, mulher,
qu'em vez de um solio, occupas o patíbulo
da tu'alma fallaz?!

Não vês que os teus abutres são hypocritas?!
Não vês que os lábios seus
deixam-te nodoas fundas, que são titulos
da tua execração?
Que mais queres dos homens? Só anathemas.
Que esperas do porvir?
Nas rugas do teu rosto as vis blasphemias
dos que hõje tens aos pés.

Seris apedrejada, exposta victima,
por Tartufos sem dó!
Reflecte que hõje o Redemptor do Golgotha
não se mostra aos mortaes,
para tirar das mãos do povo a improba,
depois dizer assim:
— Si as consciencias vossas estão placidas,
podeis punir a ré. —

Ouve! inda é tempo, salva-te! arrepende-te!
Sopés a enorme cruz
do teu passado negro, foge ao vortice,
á cuja beirá estás!
esconde-te dos homens que procuram-te
p'ra entregar-te a Lusbel!
da Messalina ignobil déspe o involucro
e péde a Deus perdão!

Lá no retiro em que te dês, solicita,
á cura do teu mal,
quando te faltem çaprichosas dadivas,
condignas do impudor,
e implorares auxilio ao rico proximo
que te diga: — Não dou—,
terás, contrita Magdalena, os óbolos
do mais pobre dos bons.

Elle a historia te ouvindo, prêso e attonito,
e vendo o teu viver -
dos olhos verterá sagradas perolas
p'ra o diadema teu.
E, quando corôada assim de lastimas
déres a carne ao pó,
muitos dirão:— Si o corpo inda tem maculas,
o espirito não tem.—

E quando o genio das terrenas duvidas
tuas cinzas descobrir,
julgando n'ellas ver algum vestigio
da culpa que se foi,
o vento sopra as cinzas e os incrédulos
dobrem-se á luz da fé.
porque os anjos dirão em cõro unisono:
— Mais uma se remiu!—

Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1868.

A IMPRENSA.

OFFERECIDO A

QUINTINO BOCAIYVA.

L'atmosphère tout entière était chargée d'une perpétuelle parole qui allait et venait, infatigablement d'une frontière à l'autre frontière. Le christianisme avait fondé en Europe l'unité de croyance, l'imprimerie fonda l'unité de raison.

E. PELLETAN.



spantelho dos despotas sanhudos,
rainha sem rival da opinião,
que os malédicos tornas cegos, mudos,
perante a magestade da razão;
filha de Guttenberg, és o palladio
que faz a penna triumphar do gladio,
que os povos rime de ferrenhas leis;
és do genio o immutavel capitolio,
e, sem querer de luzes monopolio,
negas teu facho aos emperrados reis!

Assim procedes, quando nada alcanças
dos que, malbaratando o seu poder,
aniquilam da patria as esperanças
e para a gloria expiram sem morrer;
e tu que aos seios d'ella só te elevas,
como has de acompanhar nas fundas trevas
os que fugiram sempre á tua luz?!
Como has de ir apontar um rumo ao doudo
que o reluzente manto arrasta ao lôdo
e, orgulhoso, na infamia se introduz?!

Depois da quêda, sim, quando o rei fero
bem conhece que o sceptro era de pó;
depois que por ti chama em desespero,
n'um pedir de soccorro, que faz dó;
então ligeira desces e do abysmo
salvas o que no sórdido egoismo,
pensando os outros humilhar cahiu
e dizes para o espirito surprêso:
— Si elle voltou-me as costas com desprezo,
não lhe neguei a mão que me pediu. —

Si te vingas assim dos reis da terra,
quem te póde julgar austeramente e vil?
Só quem declara aos miseros a guerra,
sem ver que para os grandes é servil.

Imprensa, que thesouros o pequeno
encontra no teu seio franco e ameno
p'ra enriquecer-se e as novas gerações!
Qu'importa, pois, que taxe-te de pobre
quem se curva ao dinheiro e quer ser nobre,
quem te maldiz e vae beijar grilhões?

Ao genio que arrancou dos céus o raio (2)
foste arma que os tyrannos desarmou:
Forte, bem forte quem disser:— Não caio —
quando lhe exclames: — Derrubar-te eu vou!
E porque assim d'errubas, quando queres?!
É porque não se fundam teus poderes
nos escravos ridiculos do *eu*;
é porque, quando pregas liberdade,
tens para sustentar essa verdade
mais braços do que tinha o Briareu

Si o sol da velha e classica Allemanha
não te entregasse ao mundo por phanal
quanto mal não faria, quem só ganha
para desvirtuar o bem no mal?
Mas, vieste inda a tempo, e repartindo
pelas nações o teu imperio infundo,
bradaste: — O dolo não se nutre em mim. —
E o seculo em que nasceste, disse: — Gloria
às folhas que contendo a minha historia,
hão de fallar ao posteros por mim! —

Então multiplicou-se a força intensa
dos obreiros da penna magistraes,
que, ajudados por ti, áugusta imprensa,
para os erros tornaram-se immortaes;
então poderam consummados sabios,
depondo as pennas e cerrando os labios,
fallar sempre do tumulo ao porvir;
poude então divulgar-se o pensamento
e o livro levantar-se, n'um momento,
para ante os homens nunca mais cahir.

Quando avultaste, invento inexcedivel,
para os que sêde tinham de saber.
abriste uina vertente inexhaurivel
e deste ás classes todas que beber!
Inspirando-as, mais tarde, ao mesmo empenho
da paz universal, disseste: — Eu venho
ser da concordia o firme zelador;
os meritos legitimos respeito;
serei a sentinella do direito
venha d'onde vier, seja qual for. —

Tiveste palmas de mordernos Gracchos,
que tentaram subir por teus degráus;
os fortes impelliste, aos bons e fracos
deste mais força e abandonaste os maus.

Engeitados da gloria, os repellidos
foram pelo despeito reunidos
para os credits teus invalidar,
e, do estylête da calumnia armados,
entre as tuas columnas mascarados,
vieram contra a honra proclamar!

Deus não lhes vigorava a idéa e a penna,
eram todos guiados por Lusbel;
não eram mais atletas d'essa arena
que só para a justiça tem laurel!
O primeiro que rábido animou-se
a escrever o pasquim, depois matou-se
com vergonha das maculas da acção,
e desdouro do seu proprio segredo;
logo a mão do segundo teve mêdo;
mas do terceiro não tremeu a mão!

Hôje ainda os anonymos se queixam,
molhando em fel as pennas contra o bem;
por mais que te diffamem, não te deixam
e d'um que morre se originam cem!
Irman da liberdade, egregia imprensa,
si não queres perder a laurea immensa,
que mereces da gente que te lê,
procura, desmascára os maldizentes
e dize a cada um: — Já que assim mentes,
foge do mundo em que ninguem te cré!

Assim não deixarás de ser rainha
da livre opinião, que tanto val ;
assim não perderás n'uma só linha
o fulgor do teu sceptro sem igual ;
assim , vendo em teu solio tanto brilho
quando quizer o pae dar nome ao filho .
e o filho honrar as cans do nobre pae ,
cheios de fé por ti , hão de buscar-te ,
porque a fama dirá por toda parte :
— Jámais quem sóbe pela imprensa cae. —

Rio de Janeiro, 26 de Fevereiro de 1868.

A GLORIA (3)

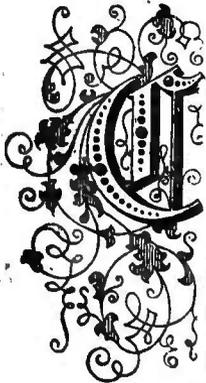
CANTO DE GUERRA

INSPIRADO

PELA PASSAGEM DE HUMAYTA

OFFERECIDO

À ESQUADRA, AO EXERCITO E SEUS VALENTES GENERAES.



Companheira dos genios infallivel
nos criticos momentos,
que libertas das nuvens do *impossivel*
a luz dos pensamentos!

Mãe do heroismo, gloria, que ao teu filho
sem que te veja alguem, mostras o trilho
que leva á eternidade entre laureis!

Visão que tornas esquecida a morte.
que o frãco ensinas a dobrar o forte.
que avassallas nos throncs grandes reis!

Sentes o ardor do phrenesi que veio
do Prata ao Amazonas!
Ouves a voz que vae soar no meio
das mais longinquas zonas?
Vês o brázilo povo quanto é grande,
quando os seus raros jubilos expande
na sua magestade sem rival?
Vês tudo isto, ó anjo da victoria?
Contas as bôccas que te applaudem, gloria?
Pésas bem teu imperio quanto val!

Não pésas, não que és prodiga e não descas
a medir tuas obras;
sabes que em teu poder jamais decrescas,
porque em Deus tens as sobras;
deixaste em cada sec'lo taes prodigios
que ha de sempre encontrar os teus vestigios
a memoria dos seculos por vir;
não tens pois que pésar na terra o effeito
do teu condão que tudo faz bem feito,
e que premios jamais soube pedir.

Mas eu, que sempre embalde te procuro,
seria incoherente,
não te votando em nome do futuro,
hòje, um culto patente:
Quem não se anima a proferir louvores
á tua inspiração, quem não tem flôres

para saudar os escolhidos teus,
ou não pensa, ou razão só tem p'ra o crime,
ou nas trevas se esconde do sublime.
ou, descrente de ti, descrê de Deus.

Sim, porque é junto d'Elle que descanças,
e é por Elle instruida,
que trazes as beneficidas mudanças
à transitoria vida.

Mensageira dos Céus, consente agora
que eu recorde na lyra que te adora
o que fizeste em pró do meu Brazil!
É a historia do feito sobrehumano,
que, zombando das armas de um tyranno.
fez a hyena tremer no seu covil.

Estavas reclinada
aos pés do infindo throno;
mas d'esse quasi somno
por Deus foste chamada.....
Abriste os lindos olhos,
miraste as niveas azas
com que salvas escolhos,
com que os mortos abrazas.

Das supplicas da terra
um echo então se ouvia
nos Céus, que a Deus pedia
o termo de uma guerra :
Deus disse , ouvindo a prece :
— « Seja abatido o Nero.
Aos homens , gloria , desce ,
salva o Brazil: Eu quero. » —

De subito baixaste
ao solo americano
e do cruel Solano
o somno inquietaste,
dizendo-lhe :— « Eu já venho
mostrar-te quanto posso;
de Deus a força tenho ;
segura o teu colosso. » —

Oppresso pelo sonho ,
Solano despertou-se ,
do leito levantou-se
e disse:— « Me envergonho
de estar assim tremendo ,
qual timida donzella! » —
Depois sabiu correndo
p'ra ver a cidadella.

Achou tudo em seu posto ;
achou tranquilla a praça ,
e rindo da ameaça
e serenando o rosto ,
dizia : — « O meu reducto
assusta a qualquer frota ;
firmado n'elle eu lucto ,
sem mêdo da derrota. » —

Emquanto assim pensava
o altivo paraguayo ,
que incólume p'ra o raio
dos Céus já se julgava ,
corrias , gloria immensa ,
ao chefe brasileiro ,
dizendo : — « Sem detença
prepara-te , guerreiro !

Ordena á brava armada
que as ancoras levante
e passe por diante
da fortaleza irada ;
teus batalhões reúne ,
e os guia p'ra victoria ;
da morte vaes immune .
contigo marcha a gloria ! » —

Inda a noite estendia o negro manto
sobre a face da terra muda ; ás vezes
apenas se escutava ao longe os passos
da alerta sentinella
nas brázilas trincheiras. A cornêta
dormia, pendurada ao braço heroico
do placido soldado ; as espingardas
estavam no sarillio ou sobre os hombros
das expostas vedêtas ; nas bainhas
os intrepidos gladios socegavam,
da traição pelo sangue não tingidos,
mas corados da tinta do heroismo.
Não escarvava o plaino e não nitria
o indomito corcel que resfolgára
entre o fumo do prelio ante os perigos,
para á posteridade
conduzir o seu dono triumphante.

Descançava o canhão, e perto d'elle
repousava das bellicas fadigas
o artilheiro veloz, o combatente
que agora se olvidava dos combates,
para rever, dormindo, a imagem leda,
que o inspirára a merecer na guerra
um só dos louros teus, que poucos ganham ;
um só troféo, incomparavel gloria,
que, posto pelo bravo aos pés da virgem,

converte-lhe a grinalda,
candida e bella, em rosas purpurinas.

Nos aliados arraias reinava
um silencio de mortos. De repente
soou a voz da marcial cornêta...
os tambores rufaram... ao sarilho
das armas veio o despertado infante...
formaram-se as cohortes... relincharam
corceis que por encanto se ajaézam
ao festim da peleja... os estandartes
desfraldaram-se logo aos quatro ventos,
e annunciaram musicas festivas
que tudo prompto estava p'ra seguir-te,
idolatrada gloria!

Marcaste a hora da marcha e, quando viste
que o bizarro Marquez te obadecia,
dirigindo os guerreiros para o empenho
do término da lucta; abandonaste
as heroicas phalanges, procurando
a invencivel esquadra que jazia
sobre o dorso das aguas paraguayas.
Nas machinas de guerra fluctuantes,
cujas bôccas acêsas sempre foram
pelo facho que empunhas, gloria eterna.

entraste sem ser vista dos marujos
que, sófregos e attentos,
o signal aguardavam dos seus chefes
para sahir da malfadada inercia.
Quando buscaste o intrepido almirante,
pasmosa de encontral-o
já prevenido p'ra o combate novo,
disseste-lhe aos ouvidos:—« Grande Ignacio,
serei hõje por ti, por essas quilhas
que nunca se movêram
para voltar vencidas; pelos bravos
jovens officiaes, que as aureas fardas
jamais na covardia marearam.
Has de vencer a americana Crónstad,
p'ra que não diga o mundo que um tyranno
escarneceu dos brios que eu infundo.
Fica em teu posto, és mais preciso n'elle.
Verás teu pavilhão como ha de ovante
transpor o fogo, arrebentar correntes,
mallograr os horrisonos torpêdos,
e triumphar dos impetos das aguas.
Avante! avante! que a victoria é nossa! »—

Em poucos instantes movêram-se logo
as prôas galhardas da esquadra exemplar;
e, certas dos louros e promptas p'ra o fogo,
ao tredo inimigo se foram mostrar!

Centenas de balas romperam das bôccas
que tanto sustentam o fero Lopez.....
mas esses protestos de raivas tão loucas
trouxeram ás quilhas mais nobre altivez !

E céleres vinham os brázilos cascos,
guiados seus lemes, ó gloria, por ti!
e até passariam por sobre penhascos,
si tu lhes dicesse:— « Sem mêdo subí! »—

Proeza não vista! Meu Deus, essas quilhas,
que a tanto se expunham na guerra, eram seis!
Seis nuncias incriveis de taes maravilhas
que vós, operarios do mar, julgareis!

Subiram!... subiram!... O forte iracundo
rugia por vêl-as subindo tão bem!....
E López, tirado do somno profundo,
das balas n'aquelle continuo vaivem,

correu orgulhoso p'ra o seu baluarte
e, vendo as seis quilhas subir mais e mais,
bradava:— « Hei de agora, Brazil, humilhar-te.
frustrando os arrojós dos teus generaes!

Eu hei de vingar-me da tua marinha!
Eu hei de afundal-a, p'ra nunca se erguer!
Aqui tenho a força que em Cuevas não tinha,
aqui Riachuelo não te ha de valer!

Aqui as esquadras do mundo não passam,
por mais que atrevidas procurem passar!
Aqui mil torpêdos de chofre espedaçam
o casco mais rijo que os venha tocar! » —

E enquanto o tyranno — Não sóbem! — dizia
mandando improperios á esquadra fatal,
singravam as quilhas com mais galhardia,
por ti conduzidas ó gloria immortal!

Mas eis que um dos cabos partiu-se!... Uma quilha
na chûva de balas sósinha ficou!...
Delfim lá triumphou!... Lá passa a esquadilha!...
Porém a deizada prosegue ou voltou?...

Por mais que lhe' ordenem que volte, impassivel
se avança p'ras outras que salvas lá 'stão!
Prosegue! e supéra sosinha o *impossivel!*...
Quem é que os impulsos lhe imprime ao timão?!

Estavas, ó gloria, já benções ouvindo
mas, vendo o perigo do audaz Maurity,
disseste-lhe: — « Agora não voltes, bemvindo,
si em mim acreditas, não desças d'aqui! » —

E o casco teimoso, subindo sem medo
por entre os furores de horriveis canhões,
transpoz as correntes, salvou-se ao torpêdo,
mais déstro que o cervo que escapa aos leões!

O bravo, das ordens do chefe esquecido,
cumprir tuas ordens, ó gloria, só quiz!
Tornando estupendo teu novo escolhido,
bem dita a loucura que foi tão feliz!

Bem dito o mancebo que um brinco de infante
fez d'esse colosso que á Europa assombrou!
Bem dito das aguas o novo gigante
que em pé sobre as aguas p'ra sempre ficou!

E enquanto nas aguas prodigios fazia
a esquadra sublime fatal a Lopez,
co'as suas phalanges mais louros colhia
o Grant brasileiro, o invicto Marquez.

E crendo Solano que tudo éra um sonho,
e sempre orgulhoso da forte Humaitá,
mirando o reducto, dizia, risonho :

— « Quem ha que me dobre no mundo?! Quem ha?! » —

Deus, que não deixas que os Herodes medrem ,
Deus , que compensas os martyrios grandes ,
que os crentes fazes resistir aos impios ,
como resistem aos trovões os Andes !
Deus de bondade e de justiça eternas ,
na gloria nutre a brazileira fé ,
para que os braços dos modernos Codros
prostrem o Nero que inda está de pé !

Gloria , outra vez os meus irmãos inspira ,
guia-os nos prelios, na constancia os guia ;
tão pouco falta, que bem pouco basta
que faças, gloria , para o immenso dia !
O dia augusto , em que os guerreiros nobres ,
mostrando ao livro, quanto o gladio é ,
digam aos evos que o Brazil não tomba ,
próstrem o Nero que inda está de pé !

Não tenho, gloria , para dar-te um canto
que bem exprima a gratidão que tenho ;
mas , traduzindo as ovações do povo ,
do povo em nome agradecer-te venho.

Mais o finito consagrar não póde;
e tu, que acendes no infinito a fé,
torna á Humaitá, p'ra que as brazileas aguias
prostrem o Nero que inda está de pé!

Gloria, essa frota que relembra as frotas
de Jervis, Nelson e Jean Bart, desprenda
contigo os raios da final peleja,
p'ra que a minaz Sebastopol se renda!
Seja arrazada essa ameaça ao Imperio,
que da concórdia tão zeloso é,
e as cinzas quentes do colosso extinto
prostrem o Nero que inda está de pé!

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1868.



NOTAS DA NONA PARTE

(1) O Dr. Abilio Cezar Borges.

(2) Benjamin Franklin.

(3) Vem esta poesia no fim do volume, em vez de ser collocada no fim das *Inspirações da Campanha do Paraguay*, não só porque foi produzida depois de estar impressa aquella parte, como também porque o titulo e o assumpto são mui dignos do desfecho de qualquer obra.



INDICE

PREFACIO.	Pag. III
DEDICATORIA	3

Ensaes

Sonho.	13
Decide-te!	17
Contemplação :	21
Nossa Senhora da Fé	24
Supplica .	30
No Album da Ex. ^{ma} Sra. D. Virginia Vieira Machado	32
Espera	34
Alerta.— Offerecido a Rozendo Moniz	37
Não posso	40
Versos á Ex. ^{ma} Sra. D. Maria Justina de Proença Pereira Peixoto.	46
Adeus!	50
Notas da primeira parte.	53

Lyra da Amizade

Ao anniversario natalicio do Desembargador André Corsino Pinto Chichorro da Gama.	57
O Retrato.— Poesia offerecida á Ex. ^{ma} Sra. D. Constança Perpetua da Cunha Poggi	60
O Noivado do Poeta.— Poesia dedicada a Bruno Seabra, por occasião do seu casamento	65
A Menina — Poesia offerecida á Ex. ^{ma} Iaiá Naninha Dantas, no dia de seus annos.	72
O Anjo do Cemiterio.— Ao anniversario natalicio da Ex. ^{ma} Sra. D. Josepha da Cunha Souza Meneses.	75

Consolação.— À Ex. ^{ma} Sra. D. Maria Justina Peixoto, pela morte de seu filho	Pag. 82
O Ancião.— Ao Ill. ^{mo} Sr. Antonio de Souza Vieira	85
A Mulher.— No Album da Ex. ^{ma} Sra. ^a D. Maria Justina de Proença Pereira Peixoto	88
À Zaira, innocente filha do Ill. ^{mo} Sr. Dr. Busch Varella	93
Versos à Ex. ^{ma} Sra. D. Adelaide Vasconcellos	95
Ser Mãe.— No Album da Ex. ^{ma} Sra. D. Joanna Maria de Souza da Silveira.	98
Harpa Magica.— No Album da Ex. ^{ma} Iaiá D. Rita Nabuco de Araujo	102

Impressões de viagem

Saudação à Cidade de Santo Amaro, por occasião do espectáculo que foi dado no theatro da mesina, em beneficio das familias desvalidas dos voluntarios da patria.	109
Ao Mar.— Ao meu amigo, o notavel Poeta A. A. de Mendonça.	111
Oh Deixa-me te amar!	115
Saudação ao Rio Jequitinbonha, offerecida ao Ex. ^{mo} Sr. Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas.	119
À Nictheroy.— Versos inspirados pela admiravel e poetica entraça do Rio de Janeiro, offerecidos ao distincto litterato Machado de Assis	124
A Lua do Paraguay.— Ao distincto Poeta Augusto Emilio Zaluar.	129
O Remorso de Amor	137
A Nymphá do Prata.	140
O Marinheiro	144
Um Sorriso.— Offerecido ao meu especial amigo e mestre o Ex. ^{mo} Sr. Dr. Sallustiano Ferreira Souto	151
O Invalido	158
Notas da terceira parte	164

Lyra de crepe

A Agrario de Souza Menezes	167
Elegia ao prematuro e deploravel passamento de meu intimo e predilecto amigo o Dr. Antonio Alvares da Silva.	171
Ao passamento do mavioso Poeta João Antonio de Freitas.— Poesia recitada no campo Santo por occasião de dar-se á sepultura o seu cadaver	178
Abraão Lincoln.— Poesia offerecida ao digno representante e aos cidadãos dos Estados-Unidos, residentes no Brasil.	182

Soneto á sentida morte do meu collega e amigo Americo Pa- checo Pereira.	Pag. 187
Leopoldo I.— Poesia inspirada pela infausta noticia do falleci- mento d'esse grande Monarcha.	188
Canto elegiaco ao lamentadissimo e barbaro fuzilamento de Ma- ximiliano I.	192
Notas da quarta parte	202

Enleios

Impressões de uma noite	205
Teus olhos	210
Devaneio.	215
O Sonno da Virgem	218
A Mão	221
Mulher-Espirito	228
Soneto: Irman da luz baixou da eterna estancia.	231
Soneto: Ninguem sabe te vêr como eu te vejo.	232
Notas da quinta parte.	233

Lyra do Povo

Brazileiros, á guerra!	237
A Victoria de Paysandú.— Poesia recitada no theatro de S. João, diante do novo panno do proscenio, cuja pintura symbolisa essa valorosa conquista das armas brasileiras	241
A Vivandeira.— Canto marcial expressamente composto para ser recitado pela insigne Actriz Adelaide Amaral, em a noute de seu beneficio no theatro de S. João	245
Dous de Julho.— Canto consagrado ao Povo Bahiano.	251
Os Voluntarios Academicos.— Canto de despedida aos briosos Estudantes de Medicina que partiram para o theatro da guerra	256
A Charidade e a Guerra.— Poesia composta para ser distribuida por occasião do grande concerto vocal e instrumental dado em beneficio das familias desvalidas dos guardas nacionaes, que tinham de partir para o theatro da guerra	261
À restauração de Uruguayana.	268
Portugal e o Brazil.— Poesia offerecida ao Gabinete Portuguez de Leitura, por occasião de promover um espectáculo dra- matico em favor das familias pobres dos soldados voluntarios da patria	272

O Rei e o Povo: À S. M. I. o Sr. D. Pedro II.—Poesia recitada no theatro de S. João em a noute de 2 de Dezembro de 1865	Pag. 277
A Providencia e o orphão.—Poesia recitada no theatro de S. João em a noute do spectaculo dado pelo prestidigitador Lajournad, em beneficio das meninas orphans da Casa da Providencia	283
Saudação ao Povo Bahiano, recitada no theatro de S. João, diante de um quadro que figurava o Brazil esmagando o Paraguay	287
Mariz Barros.—Ao Ex. ^{mo} Sr. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma 25 de Março de 1824	292 296
Soneto recitado no theatro de S. João, por occasião de ser celebrado o anniversario natalicio de S. M. F. Dom Luiz I, pelo Gabinete Portuguez de Leitura, para com o producto d'esse spectaculo beneficiar as familias desvalidas dos voluntarios da patria brazileiros	300
O Bravo.—Ao bizarro cavalleiro Barão do Triumpho.	301
Notas da sexta parte	305

Inspirações da campanha do Paraguay

Despedida aos briosos voluntarios Bahianos.	309
Combate de Riachuelo.—Poemeto offerecido ao Barão do Amazonas e aos seus briosos companheiros de gloria	314
Ao bravo general Palleja, morto no ataque de 18 de Julho de 1866.	324
A Victoria de Curuzú —Canto de guerra offerecido ao tenente-general Visconde de Porto-Alegre	327
Francisco de Camerino	333
Ao Brazil.—Offerecida ao muito illustrado e patriotico diplomata o Ex. ^{mo} Sr. Conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa	339
O Soldado.—Ao denodado e glorioso exercito brazileiro.	347
A Batalha de Tuyuty.—Canto de guerra offerecido ao Ex. ^{mo} Sr. Barão do Herval	357
José Martini, bravo tenente coronel, morto heroicamente no combate de 18 de Julho de 1866.	368
Notas da setima parte.	373

Lyra das Artes

Á eximia Actriz Adelaide Amaral.—Poesia dedicada e offerecida em a noute do seu beneficio no theatro de S. João.	377
--	-----

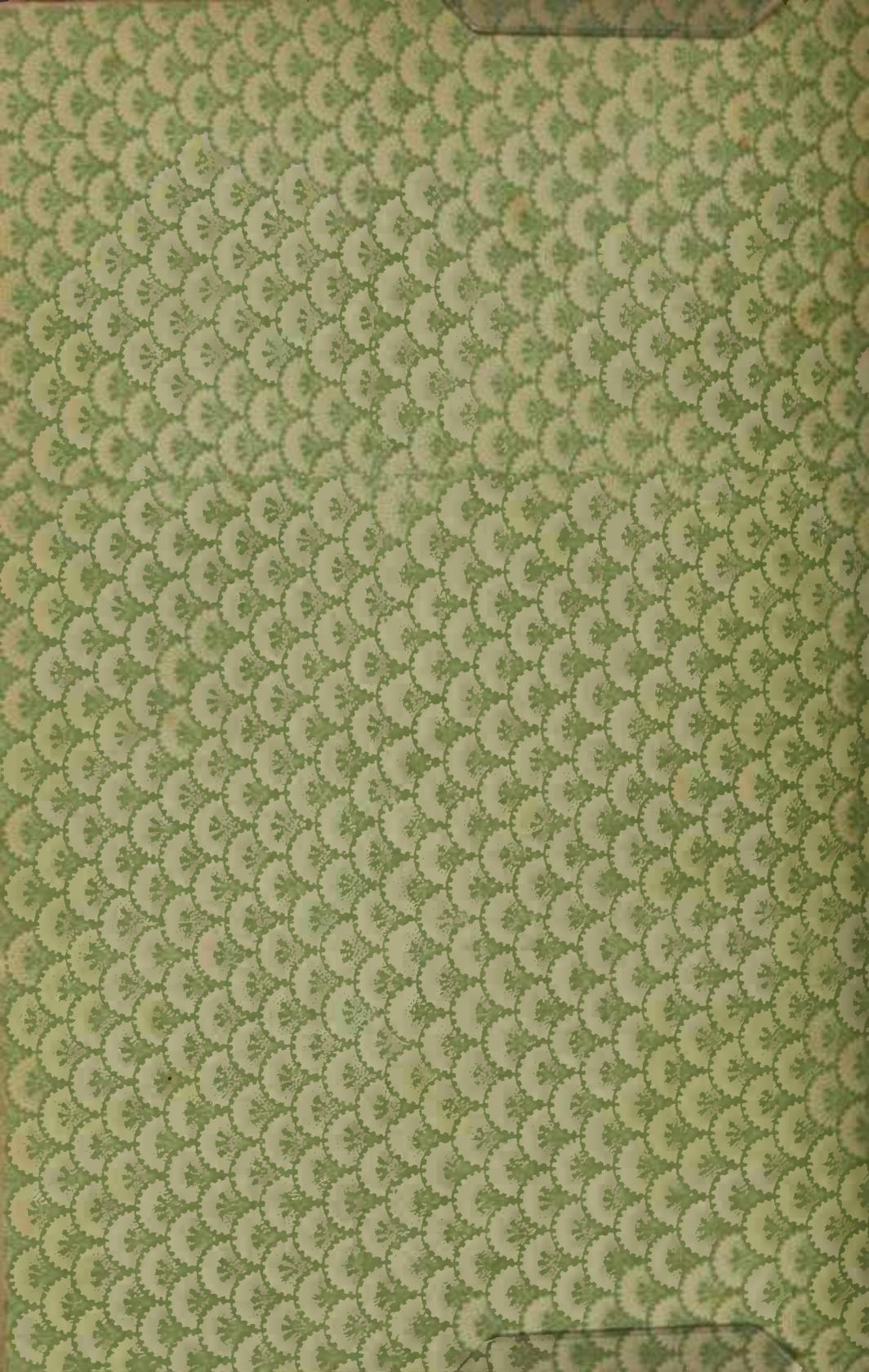
Adelaide Amaral.— Poesia recitada no theatro de S. João, por ocasião do segundo beneficio da mesma Actriz	Pag. 379
Soneto á primeira Actriz da lingua portugueza Emilia das Neves	382
Soneto ao estimavel Artista e Poeta Eduardo Bonetti.	383
A Musica.— Ao distincto Pianista João Amado Coutinho Barata	384
O Artista.— Offerecida a meu irmão o Sr. Francisco Moniz Barretto Junior	386
Notas da oitava parte.	392

Meditações

O Suicida	395
Só.	400
O Livro e o Seculo.— Poesia recitada no Gymnasio Bahiano, depois da distribuição dos premios aos alumnos do mesmo collegio, e offerecida a seu benemerito director o Ill ^{mo} Sr. Dr. Abilio Cezar Borges.	404
Sempre	409
Depois	411
Lamento.	413
O Cadálfalso.— Offerecida a José Feliciano de Castello	416
A Redempção do Golgotha.— Ao Ex. ^{mo} e Rev. ^{mo} Sr. Conde de S. Salvador, Arcebispo Metropolitano Primaz do Brazil.	426
O Genio.— A meu paé	440
Sylphide.	445
Canções e Portugal.— A Antonio Feliciano de Castello	454
Anjo e Demonio	457
Gonzaga.— Offerecida ao excellento Escriptor e Poeta Dr. Pedro de Calazans	461
A Bocage	466
Monte-Alverne.— Ao meu amigo e mestre, o Sr. Conselheiro Dr. Antonio Felix Martins.	467
A moderna Hetaira	472
A Imprensa.— Offerecida a Quintino Bocayuva	477
A Gloria.— Canto de guerra inspirado pela passagem de Humaytá, offerecido á Esquadra e seus valentes Generaes	483
Notas da nona parte	486

ERRATA

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
65	8	Oceano	Océano
79	9	Foi tudo um sonho	Foi todo um sonho
112	7	Movidiço	Movediço
145	1	Leva á riba!	Leva arriba!
182	11	Si alguem poude espero	Si alguem póude esperar







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).